REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

JUNHO, 1890

Summario:

		Pag.
I. O NORTE MARITIMO	Alberto Sampaio	713
II. A EDUCAÇÃO MODERNA . .	Manoel de Oliveira Ramos	739
III. TRADUCÇÕES DO ROMANCERO DE H. HEINE	José de Sousa Monteiro	769
IV. AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	789
V. A REPUBLICA BRAZILEIRA	Frederico de S.	827

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Ce
36 — Rue Lafayette — 36

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Ce
10 — Coleman Street — 10

Agente em Leipzig:
KARL W. HIERSEMANN
2 — Königsstrasse — 2

Volume II. Numero 12.

Summario do numero de maio

O norte maritimo . . . . . Alberto Sampaio.
A reforma administrativa e a democracia . . . . . Jayme de Magalhães Lima.
Os filhos de D. João I . . . . . Oliveira Martins.
As minas de Salomão . . . . . Rider Haggard.
D. Sebastião (poema) . . . . . Luiz de Magalhães.
Cartas de Fradique Mendes (1.ª série). Eça de Queiroz.
O imperador e o ex-chanceller . . . . . Rodrigues de Freitas.

LUIZ JACOLLIOT

A AFRICA MYSTERIOSA

Primeira parte

O ULTIMO NEGREIRO

ROMANCE GEOGRAPHICO

de aventuras e escravatura na Africa mysteriosa

Segunda parte

O HOMEM DOS DESERTOS

ROMANCE GEOGRAPHICO

de viagens na Africa mysteriosa

Terceira parte

A CIDADE DAS AREIAS

GRANDE ROMANCE GEOGRAPHICO

de viagens na Africa mysteriosa

Seguido do romance geographico

OS PESCADORES DE NACAR

1 volume, 1$200

Com uma bonita cartonagem propria para brindes, 1$500

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

O NORTE MARITIMO [1]

(NOTAS PARA UMA HISTORIA)

Memoria apresentada na sessão da Sociedade de Instrucção do Porto de 3 d'abril de 1889, em honra do infante D. Henrique

---

> «Maravilhosas cousas som os feitos do mar, e assinadamente aquelles, que fazem os homeẽs em maneira d'andar sobre el per mestria e arte, assy como nas naos, e gallees, e em todolos outros navios mais pequenos».
>
> *Ord. Aff.*, liv. I, tit. LIV, pr.

Em taes condições de prosperidade maritima, não é de estranhar que sahisse do norte, logo no primeiro quartel do seculo XV, o melhor da esquadra, que foi á expugnação de Ceuta.

Já antes, no principio do reinado de D. João I (1348), o Porto tinha dado uma prova decisiva da sua actividade, quando o Mestre d'Aviz, chamado então *Defensor do reino*, lhe pediu soccorro n'um momento desesperado. O rei de Castella, acampado no Lumiar, investira Lisboa por terra, esperando sómente para completar o assedio a chegada dos seus navios de guerra.

O Mestre mandou apparelhar á pressa as poucas embarcações que apodreciam desmanteladas no Tejo, e com os maiores esforços conseguiu preparar *13 galés, 1 galeota e 7 naus*. Havendo receio de ficarem presas pelas forças navaes espanholas, que se esperavam a cada instante e chegaram effectivamente

[1] Continuado da pag. 603, do numero de maio.

dias depois, os navios, mal promptos, partiram sem demora para o Porto a reunirem-se com os que se podessem aqui apparelhar.

Nos estaleiros do Douro trabalhou-se noite e dia a expensas dos burguezes, de tal modo se aprontaram mais *4 galés* e armaram-se *10 naus*, formando-se assim uma esquadrilha de 17 galés e 17 naus que partiu para Lisboa, onde exerceu grande influencia no exito da campanha [1].

Não tinham pois estacionado no Porto a navegação e arte de construir no ultimo periodo do reinado de D. Fernando, tão cheio de discordias e difficuldades; prova-o sobejamente o contingente fornecido. O aprestamento effectuára-se demais em condições sobremaneira embaraçosas: a cidade estava cercada de adversarios, visto só ella ter no norte a voz do Mestre d'Aviz. Apesar de tudo, as deliberações dos burguezes cumpriram-se em curto praso, indicio certo de grande abundancia de operarios e materiaes nos seus estaleiros. Não era todavia este o ensejo em que elles haviam de mostrar todos os recursos de que podiam dispôr.

Quando, 31 annos depois, João I resolveu a expedição de Ceuta (1415), lembrando-se d'esses immensos auxilios já anteriormente por elle recebidos, desde os valiosos donativos em dinheiro até á *grande Armada a descercar Lisboa* [2], a que acabamos de alludir, mandou o quinto filho — o infante D. Henrique, á terra da sua naturalidade alistar gente, armar e equipar as embarcações que deviam acompanhar as do sul á costa barbaresca [3].

Quanto foi enormemente importante o novo contingente, quanto tinham sido valiosos os soccorros precedentes — disse-

[1] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. I, pag. 47-49; José Soares da Sylva, *Memor. de D. João I*, tom. III, cap. CCXVI, pag. 223-226; Severim de Faria, *Not. de Port.*, disc. II, §. 15, indica 18 naus: seguimos comtudo a versão dos dois primeiros escriptores.

[2] Carta de D. Duarte, d'abril 12, 1436, em J. P. Ribeiro, *Diss. Chron. e Crit.*, tom. I, doc. 86.

[3] José Soares da Sylva, *ob. cit.*, pag. 1:435 e seg.

ram-no os proprios habitantes do Porto, com uma simplicidade encantadora pela franqueza, nos Capitulos apresentados por elles nas côrtes d'Evora de 1436, quando pediram a D. Duarte que lhes mandasse guardar o antigo privilegio de não-residencia de nobres dentro dos seus muros.

O rei deferindo ao pedido repetiu felizmente os factos aduzidos que serviram de razão justificativa á conservação do privilegio; a proposito da questão de que nos occupamos, diz o documento: ...« E que assy o fora essa Cidade (o Porto) servindo mui lealmente com os corpos e averes: E sabendo El-Rey (João I) esto, em como ouve em ella grande poderio de Naves, quando passou a Cepta, que *forão bem setenta Naus, e barchos, afora muita outra fustalha,* que não sabies huum so lugar na Espanha, de que tão poderoza Armada podera sair, e sentindo como todo este procedia da grande poboação e que somente se paboava por se guardarem os ditos Privilegios... [1] »

Estas singelas palavras desenham a largos traços um quadro de verdadeira opulencia maritima. Era a quasi independencia medieval que tinha produzido todo aquelle poderio: mas ella estava a extinguir-se; a côrte começava a orientar-se pela nova politica, introduzida da Italia, como hoje importam as secretarias as leis estrangeiras. Em breve vai realisar-se a preponderancia effectiva das gentes do sul nos negocios publicos; e á declinação da influencia politica ha de seguir-se tarde ou cedo a da marinha. Lisboa — grande porto, sendo capital no sentido rigoroso da palavra, absorverá no futuro o movimento maritimo d'estas oitenta leguas de costa. O primeiro sacrificado será pois um dos principaes fautores da restauração.

O norte — terra de antiga nobreza, e onde existiam vivas as tradições anteriores á monarchia, ficára surdo á revolução do Mestre d'Aviz. Instinctivamente era todo por Espanha. Mas o Porto abriu desde o principio as portas e a bolsa á revolução joanina. Ajudou o Mestre, com os maiores sacrificios, a tomar as villas, castellos e praças fortes do Minho e Traz-os-Montes;

[1] Carta de D. Duarte, cit.

póde por isso dizer-se sem erro ter sido elle quem lhe deu a victoria [1].

O documento de D. Duarte, relembrando ao menos um por um todos esses auxilios prestados, não se esqueceu por fortuna de mencionar tambem o contingente para a expedição de Ceuta, de que nos occupamos agora.

Nenhum chronista ou historiador, excepto Severim de Faria, menciona tamanho numero de embarcações; mas o documento é bem explicito, para não deixar a menor duvida; nem os burguezes se atreveriam a exaggerar, requerendo a D. Duarte que conhecia de perto todos os promenores.

Severim diz: «E depois na tomada de Ceuta... só do Porto sahirão *70 velas* em que entraram 17 galés [2].»

Esta versão aproxima-se muito da referida na passagem do diploma precedentemente citado. A unica differença entre as duas consiste em que os Capitulos não fallam de *galés*, mas unicamente de *naus*, *barcas* e *fustas*. Se as galés eram de construcção real, os portuenses não podiam louvar-se por tal motivo; e assim fica explicada a omissão d'ellas no seu requerimento. Em todo o caso, segundo a opinião mais commum, sendo a armada total composta de 59 galés, 33 naus e 120 navios mais pequenos [3], o contingente compunha evidentemente a melhor parte d'ella. Exceptuadas as galés, só uma marinha mercante muito activa podia apromptar n'essa época, em tempo tão restricto como o da preparação da empreza, tal numero de transportes. E de facto, se não estão amplificadas as palavras — «*não sabies huum so lugar na Espanha de que tão poderosa Armada pudera sair*», o Porto seria então a cidade de navegação mais intensa em todo o littoral do occidente, não tendo

[1] «... porquanto a mor parte dos Fidalgos era contraira a ElRey, emtanto, que todos os que tinham Villas, e Castellos antre Douro, e Minho os deraõ a ElRey de Castella, que não ficou, salvo o Porto, e Monção, que não tinhaõ Capitão sobre si...» Carta de D. Duarte, cit.; José Soares da Sylva, *ob. cit.*

[2] *Not. de Port.*, disc. II, §. 15.

[3] Quintella, *An. da Mar. Port.*, tom. I, pag. 62.

Lisboa adquirido ainda a supremacia que o commercio dos reis lhe deu mais tarde.

O infante D. Henrique, assistindo pessoalmente á disposição das coisas, pôde avaliar por si mesmo, como esta gente se julgava forte então.

O equipamento effectuou-se com a maior largueza, quasi todo á custa da cidade; não se pouparam sacrificios nem cabedaes; e a população, querendo abastecer os expedicionarios bem e abundantemente, cedeu-lhes a carne limpa das rezes abatidas, reservando para si as entranhas e miudos.

A esquadrilha portuense, transportando as tropas alistadas no Minho, Traz-os-Montes e Beira, partiu para Lisboa, sob o commando do infante, a reunir-se com a esquadra geral.

No Minho o recrutamento abrangeu toda a provincia até ás comarcas mais interiores; sabemos que em Ceuta os soldados de Guimarães fizeram prodigios de valor; vencendo com intrepidez a estancia que lhes tinha sido designada e substituindo outros seus comprovincianos aos quaes o pavor fez recuar, se deixaram um testemunho da sua bravura, legaram-nos tambem est'outro não menos valioso, o da nossa cooperação n'essa victoria [1].

Após a tomada de Ceuta, começa essa longa série de desvairados trabalhos das navegações e conquistas.

Um dos primeiros exploradores (1419-1420) João Gonçalves o Zarco, era natural de Mathosinhos, segundo hoje se crê; ha poucos annos fundou-se alli uma escóla com o seu nome, afim de lhe conservar a memoria. Elle e o companheiro — Tristão Vaz, depois de terem abordado á ilha de Porto Santo, descobrem a da Madeira. Gonçalves, consoante as tradições recolhidas pelos historiadores [2], foi o primeiro portuguez que usou da polvora e artilheria nos navios.

O volante da machina estava definitivamente impulsiona-

[1] *Revista de Guimarães*, vol. v, n.º 4, doc. publicado por Oliveira Guimarães.

[2] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Indice chronologico*.

do para jámais parar, quaesquer que fossem as contrariedades. Á brilhante expugnação de Ceuta seguiu-se a desastrada empreza de Tanger (1437). A ella concorremos tambem, e o nosso contingente avultava sem duvida como se deprehende das proprias palavras de Ruy de Pina: «ca huuã parte d'ella (armada) se *aparelhou e fez prestes na Cidade do Porto*, para o Conde de Arrayollos e os Fidalgos e gente d'aquella Comarqua n'ella embarcarem» [1].

Além d'um troço de exercito, destinado a combater em terra, apparelharam-se os navios que o conduziram — circumstancia que nos interessa n'este ponto sobremodo; não indica infelizmente o chronista o numero de embarcações; em todo o caso o contingente não foi tão numeroso como o de Ceuta, vistas as difficeis condições do paiz no tempo de D. Duarte. A má administração póde dizer-se um factor periodico, e ella demonstra praticamente a capacidade de quem tem governado. Completada a famosa revolução joanina, a penuria das finanças reapparecia outra vez, como nos ultimos tempos de D. Fernando, como sempre.

O conde d'Arrayollos, filho do conde de Barcellos e sobrinho do rei, partiu com a sua esquadra directamente para Ceuta, onde esperou pelo infante D. Henrique com a de Lisboa [2].

A catastrophe de Tanger, da qual resultou o captiveiro do infante D. Fernando, sustou o volante por um momento apenas.

No meado d'este mesmo seculo, partiu do Porto terceira esquadra, armada aqui e equipada com gente d'estas provincias. Acompanhou e combateu ao lado de Affonso v na sua jornada á Africa em 1458, quando elle — o ultimo rei cavalleiro, segundo a phrase de Herculano, conquistou Alcacer-Ceguer.

O marquez de Valença [3] que veio organisal-a não encontraria difficuldades; a marinha mercante do norte estava forte,

[1] *Chron. de D. Duarte*, cap. xx (*Coll. das L. In. da H. Port.*, i).

[2] Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. xxi; Quintella, *ob. cit.*, tom. i, pag. 87 e 89.

[3] Ruy de Pina, *Chron. de Affonso V*, cap. cxxxviii.

posto que começassem os vexames e embaraços governativos, como se percebe da queixa formulada pelos armadores de Vianna, Ponte do Lima e Villa do Conde, aos quaes eram *embargadas para levar pão e couros a Ceuta* as caravelas grandes que tinham mandado construir para conduzirem *ao Levante a maior parte dos Pescados*. O rei deferiu á queixa nas côrtes de 1436. As barras, infere-se, estavam já assoreadas; os queixosos notavam — «como os Rios d'estes logares eram pequenos e n'elles não *podiam navegar navios grandes* como em outro tempo acontecia» [1]. Em todo o caso a navegação perseverava, quer a despeito do abandono do poder central, quer das medidas vexatorias por elle determinadas. Apesar de tudo, a arvore profundamente enraizada, havia de dar ainda abundancia de fructos e não desappareceria senão ao cabo d'uma longa série de maus tempos.

A frota do Porto dirigiu-se a Lagos, juntando-se ahi com a do Algarve, capitaneada pelo infante D. Henrique. Lá estava tambem o rei que embarcára em Setubal por causa da *crua pestinença*, existente em Lisboa.

Os embaraços financeiros reappareciam em 1460 tão intensamente que Ruy de Pina não hesita dizer: «lastimado o Reyno das grandes e apetitosas despezas que El-Rey fazia, de que sua fazenda e as de seus vassallos sem causa necessaria se destruiam» [2]. E eram taes, que as côrtes d'este anno tiveram de dar-lhe 150:000 dobras d'ouro *com que se desempenhasse*.

Apesar d'esta ruinosa situação e após varias tentativas frustradas, á conquista de Alcacer-Ceguer seguiu-se a de Arzilla e Tanger em 1471.

Aprestou-se então no Porto quarta esquadra. Duarte Nunes diz: «Da armada que se fez no Porto, deu El-Rey cargo a D. Fernando, duque de Guimarães... [3]» Ruy de Pina escreve no mesmo sentido: «Encommendou El-Rey o cargo da jente

1 Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 333, nota *b*.

2 *Chron. de Affonso V*, cap. CXLIII.

3 *Ibid.*, cap. XL.

d'antre Douro e Minho, e da frota do Porto ao Duque de Guimarães... [1]» Não sabemos tambem infelizmente qual o numero e especie dos navios. Os chronistas dizem apenas que elles, conduzindo as tropas da provincia, foram ajuntar-se em Lisboa com a expedição geral.

As conquistas de Affonso v, se não foram tão brilhantes como a de Ceuta, nem por isso o simples monarcha se sentia menos maravilhado da gloria d'esta, cuja escriptura encommendou a Gomes Eannes. Nascera o velho chronista em Azurara, na foz do Ave, junto d'um dos melhores antigos estaleiros. Ahi poderia elle ter ouvido contar nos primeiros annos essa heroica façanha a velhos mareantes que tivessem partilhado d'ella. Mas querendo compôr com verdade as suas historias, passou a Ceuta, a Tanger e Arzilla, verificando os logares e factos por si mesmo.

Durante pois cincoenta e seis annos (1415-1471) partiram do Porto quatro contingentes em esquadra, alguns dos quaes formaram a parte principal das expedições de Lisboa á Barbaria. Só uma possante industria maritima poderia produzir esta série de aprestamentos navaes com a facilidade como parece que todos estes se effectuaram. No seculo xv não se tinha operado ainda a deslocação commercial. Por emquanto mandavam-se apenas embargar as caravelas do pescado!

No reinado anterior e parte do actual as navegações haviam sido instigadas quasi exclusivamente pelo infante D. Henrique. Affonso v tomando conta da herança do tio, começou elle proprio a dirigil-as. Isto não passará comtudo por emquanto d'uma timida tentativa: nos seus successores ella se transformará em systema que ha de fazer dos reis os grandes negociantes das mercancias exoticas.

Á primeira escóla de Sagres vai succeder a Junta de Mathematicos, organisada em Lisboa por João II. O movimento, começado no extremo sul, será em breve monopolisado com o commercio e a politica pela capital; e a historia dirá se ella

[1] *Ob. cit.*

tinha a intelligencia idonea para concentrar todos os negocios publicos.

O principe chamado *perfeito*, destruindo a independencia medieval, as liberdades e organisação municipaes, não soube dar ás diversas raças uma verdadeira cohesão nacional; em vez d'uma nação fundou antes uma casa de negocio, cuja prosperidade dependeria tanto de condições fortuitas, como da habilidade do patrão.

Lançando-se definitivamente n'este novo caminho, João II mandou adiantar as descobertas e o reconhecimento da costa africana, fazendo ahi estabelecimentos definitivos.

Dois homens do norte representaram um papel importante no seu reinado.

Alvaro de Caminha, levando comsigo os filhos dos judeus, violentamente christianisados, lançou por sua ordem as bases da povoação da ilha de S. Thomé, cuja capitania teve. E João Affonso d'Aveiro, um dos mais notaveis navegadores d'este tempo, explorou em 1496 a parte da costa occidental da Africa, denominada o golfo de Benin. Trouxe a primeira pimenta da Guiné, que foi julgada em Flandres de optima qualidade, uma embaixada do rei africano e a noticia d'um imperador christão, que a Junta dos Mathematicos entendeu ser o Preste João. O explorador voltou de novo com o fim de estabelecer por conta do rei uma feitoria para o resgate da pimenta: mas o clima não permittiu a conservação d'ella, sendo o descobridor uma das primeiras victimas [1].

João Affonso sahia d'um antigo centro de marinheiros. Já anteriormente vimos, quanto era activo na sua localidade desde Affonso III o commercio do sal, o qual juntamente com a navegação continuavam a progredir, e estavam n'esta época em plena prosperidade, que se prolongou até pelo menos o meado do seculo seguinte, pois Carvalho [2], citando o Livro de Registo

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 199-200; Carvalho, *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III; Rezende, *Chron. de D. João II*, cap. LXIV.

[2] *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III.

da Camara, affirma que por 1550 passavam de 100 os navios empregados n'este trafego.

E por esse tempo, como adiante se exporá, além do transporte do sal, os navegantes d'Aveiro acompanharam os de Vianna nas suas viagens aos mares da America septentrional — navegação que será nas duas cidades como a expansão natural da sua propria energia.

Não admira pois, agora que o volante vai ser lançado a toda a velocidade, que encontremos a cada passo, por essas novas terras e novos mares, gente do norte, marcando, explorando, combatendo, mercadejando ou missionando. Os chronistas raras vezes mencionam as procedencias dos protogonistas, e os appellidos só excepcionalmente as podem distinguir. Apenas uma ou outra vez as designam, como Barros em 1447-1448 indica um piloto galego — João Gonçalves, a bordo d'um navio armado por Gonçalo Pacheco, de Lisboa. Por isso nem sempre é facil distinguil-as. Recordemos comtudo alguns dos nomes mais conhecidos.

*
* *

Na primeira esquadra de Vasco da Gama encontramos Pero e Alvaro de Braga, talvez dois irmãos. O primeiro serviu de escrivão na feitoria improvisada ao ar livre em Calecut; notou os preços da primeira mercancia asiatica — pimenta, canella e gengibre *em livro que para isso levava* [1]. O segundo que *foi scrivão d'alfandega do Porto* [2], despachado depois feitor de Çofalla, não devia ser dos menos valentes, sendo um dos doze escolhidos para acompanharem o capitão-mór na sua visita ao rei de Calecut [3].

Na segunda armada geral, a bordo d'um dos navios de Pedro Alvares Cabral, que descobriu o Brazil em 1500, ia Pero Vaz de Caminha, na qualidade de secretario de Aires Corrêa,

[1] Gaspar Corrêa, *Lend. da India*, I, 89.

[2] Dam. de Goes, *Chron. de D. Manoel*, part. I, cap. XXXIX.

[3] Gaspar Corrêa, *ob. cit*, I, 96.

o futuro feitor de Calecut [1]. Pero Vaz escreveu a muito conhecida *Carta* a D. Manoel [2] — a primeira noticia ácerca das terras de Santa Cruz. N'essa carta tão singela e expressiva, datada ingenuamente «Deste Porto Seguro da Vossa Ilha da Vera Cruz», o auctor, lembrando-se da sua patria, diz: «pero a terra em sy he de muitos boos aares asy frios e temperados coma os d'Antre Douro e Minho»; e accrescentando: «porque n'este tempo d'agora asy os achavamos coma os de lá», deixa perceber que viajavam com elle companheiros, seus patricios.

Impellidos pelo espirito d'aventura, estes abundariam, apesar do silencio dos chronistas, nas esquadras que sahiam de Lisboa. Os gallegos d'um e d'outro lado do rio Minho encontravam n'essas expedições um largo campo ao seu genio aventureiro. Como Pero Vaz, tinha tambem emigrado João da Nova — homem natural da Galliza, diz Gaspar Corrêa. Depois de exercer certo cargo em Lisboa, recebendo em 1501 o commando de quatro naus, descobriu as ilhas da Ascenção, de João da Nova, a da Conceepção, cento e vinte leguas da costa do Brazil, e no anno seguinte a ilha de Santa Helena [3].

Do Porto era Thomé Lopes, o auctor da *Navegação ás Indias Orientaes*. Embarcou em 1502 na qualidade de escrivão d'uma nau de Estevão da Gama. O seu livro é o unico subsidio para a historia d'essa esquadra até á sua juncção com a geral de Vasco da Gama. Escriptor e soldado foi «um dos ultimos que se retirou quando os mouros da nau Meri entraram o seu navio, onde defendeu o posto até que todos o desampararam e se viu só juntamente com o seu capitão» [4]. Se pois, como naturalmente devia acontecer, a direcção geral cabia aos homens que viviam junto da côrte, os que iam d'aqui alistar-se, não eram os menos ousados nem os mais obscuros.

A vida maritima, que se desenvolvera por si mesma, devia tambem produzir navegantes que se apartassem dos termos

[1] Dam. de Goes, *ob. cit.*; part. I, cap. LIV.

[2] *Coll. de not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. IV.

[3] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Os Port. em Africa*, etc., tom. II.

[4] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II.

commummente adoptados. As navegações dirigidas primeiramente pela escóla de Sagres, depois pela Junta de Mathematicos, seguiam sempre as costas do continente africano. As tempestades, derivando os navios d'essa derrota, foram a causa occasional dos descobrimentos a oeste. Por tal motivo e por se ter apartado um pouco d'aquelle rumo, afim de evitar as calmarias do golfo da Guiné, atracou Cabral ás costas do Brazil. No mesmo anno Côrte-Real tentou investigar o termo septentrional da America. As viagens dos Côrte-Reaes são bem conhecidas; não assim infelizmente as d'um nosso compatriota, navegante dos mesmos mares.

João Alvares Fagundes [1], de Vianna, foi um dos descobridores [2] da Terra Nova antes de 1521, pois n'este anno a 13 de março, D. Manoel fez-lhe *mercee da capitania de todas aquellas ilhas e terras que elle descubrisse* [3]. Partindo por 1520-1525 com uma nau e uma caravela, estabeleceu uma colonia de Viannezes e Terceirenses na ilha de Cabo Breton. O intrepido cavalleiro não teria difficuldade em obter companheiros; de Vianna já tinham sahido povoadores para a Terceira, da qual foram agora para a America do Norte *alguns casaes que de caminho tomavam* [4]. Chegados ao seu destino, perderam-se os navios; a colonia ficou isolada não podendo corresponder-se com a mãe patria. Segundo se crê, viveram muito tempo n'este isolamento, remettendo em vão noticias pelos raros Biscainhos que lá iam. Pediam padres e mandavam dizer que a terra era boa e abundante; mas o rei da pimenta era indifferente á sua salvação. Por largos annos possuiram esse territorio os herdeiros do descobridor, passando depois ao dominio da Inglaterra por venda, como presume o auctor da memoria [5].

Muito antes porém da doação régia e partida da colonia, já a pesca da Terra Nova era exercida pelos nossos mareantes

[1] Fr. de Sousa, *Tratado das Ilhas Novas*, etc.

[2] *Ibid.*, pag. 23.

[3] *Ibid.*, pag. 24.

[4] *Ibid.*, pag. 14 e nota 6.

[5] *Ibid.*

e em tal escala que em 1506 D. Manoel, devéras solicito n'este ponto, mandou arrecadar em todos os portos d'entre Douro e Minho o dizimo do pescado — «não obstante as Sentenças do Juiz dos seus Feitos, porque se julgava a posse d'ella (Terra Nova) a algumas pessoas, porque sendo este negocio de importancia, quer primeiro fazel-o averiguar e não dará semelhante posse sem sentença da sua Côrte» [1].

Em vista da doação de 1521 parece ter-se reconhecido pertencer o descobrimento a Alvares Fagundes. Pelo menos é fóra de duvida haver-se conservado aqui a pesca da Terra Nova. Pimentel [2] diz: «antigamente hiaõ todos os annos de Aveiro, e Vianna e outros portos de Portugal mais de 100 caravelas á pescaria do bacalhau e a maior parte dos nomes dos portos da Ilha da Terra Nova são Portuguezes, que elles lhes puzeraõ quando frequentavaõ esta navegação.» Carvalho [3] affirma na sua *Chorographia*, «que se fabricavaõ outro tempo em Aveyro tantas embarcaçoens, que sahiaõ sessenta naos para a pescaria da Terra Nova».

Tudo isto estava já a desapparecer no tempo dos dois escriptores; e segundo diz Mendo Trigoso, a industria estava totalmente extincta em 1690 [4].

Effectuado o descobrimento, quem quer que fosse o seu auctor, começou logo a ser exercida a pescaria do bacalhau por armadores de todos os portos do norte e d'estes sómente, segundo parece, entre os quaes se distinguiam os de Aveiro e Vianna [5]. Os vexames fiscaes foram-na minando e por fim occasionaram a sua ruina, a qual se não póde attribuir unicamente ao assoreamento das barras.

Não fique em silencio que certos armadores de Vianna, haverá quatro ou cinco annos, tentaram restaurar esta industria e as suas antigas navegações para aquelles mares. Infelizmente,

1 Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 337, nota *c*.

2 *Arte de navegar* (edição de 1762), pag. 376.

3 *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III.

4 *Mem. da Lit. da Acad.*, tom. VIII, pag. 324.

5 *Ibid.*, pag. 323.

o inimigo — o fisco de Lisboa, estava álerta. Os armadores contemporaneos succumbiram em face das suas exigencias. Mas os vexames, deve notar-se, já vêm de longe; sirva de prova a carta de Affonso v de 1439, em resposta aos Capitulos especiaes do Concelho do Porto, e as resoluções de João iv relativamente ás representações dos Procuradores de Vianna nas Côrtes de 1653 [1]. Cartas e resoluções nunca passaram por fim de boas palavras vãs; no fundo persistia sempre a impôr-se despoticamente a politica de curtos horisontes e a má administração chronica.

Apesar de ter ficado n'um plano inferior, a população, como acaba de vêr-se, proseguia persistentemente no trabalho do mar, através de todos os obstaculos ou indifferença governamentaes.

Dois homens oriundos d'esta região procuraram no seculo xvi a solução d'esse grande enygma diante do qual desfallecia a Junta de Mathematicos de João ii — a determinação das terras abordadas por Colombo e Cabral.

Alvares Fagundes, seguindo a derrota dos Côrte-Reaes, navegou para o extremo norte. Fernão de Magalhães atacou o problema pela ponta austral.

Este grande navegante, o mais sem pavor e o mais heroico de todos, é natural de Sabrosa [2] (Traz-os-Montes), procedendo a sua familia, segundo alguns genealogistas, da Torre de Magalhães, na Ponte da Barca.

Consoante o costume do tempo, parte muito novo das suas montanhas para Lisboa. De lá passa á India e duas vezes á Africa. Navegando, combatendo e observando, soldado e chefe, reune em si um feixe de talentos. Por fim, aggravando-se de D. Manoel, abandona a côrte e fixa no Porto principalmente a sua residencia.

Aqui provavelmente conheceu Faleiro, o seu cosmographo e futuro associado; aqui em contacto com os bravos maritimos

[1] Lacerda Lobo, *Mem. cit.*, tom. iv, pag. 363, not. *b*, e 361, not. *c*.

[2] Arana, *Vida e viagens de Fernão de Magalhães*, trad. de Villas-Boas, ed. da Academia.

d'esta costa, deu a ultima demão ao projecto d'essa grandiosa viagem, feita d'um jacto no meio de perigos e terrores nunca ouvidos, na qual desenvolverá todos os recursos da sua larga intelligencia e mostrará até onde póde chegar a pertinacia dos homens do norte. Nada o desanima, nem recúa diante de nenhum obstaculo, por formidavel que seja. O problema estava posto no seu espirito: era necessario resolvel-o, e resolveu-o.

A sua predilecção pelo Porto resalta do testamento feito em Sevilha (1519). N'elle contempla um convento d'aquella cidade na decima parte dos lucros da empreza, não mencionando legado a nenhum da capital.

Por um desforço infantil, D. Manoel mandou picar-lhe as armas da sua velha casa da Pereira; e porventura fez amotinar os visinhos de Sabrosa contra aquella nobre familia, obrigando-a a exilar-se. Nem por isso desmereceu a gloria do descobridor. O appellido que o rei de Portugal queria apagar, ficou gravado para sempre no Estreito que liga os dois oceanos.

Longe de se extinguir, no seculo immediato esta mesma familia produzirá ainda outro viajante illustre — o missionario Pedro Gabriel de Magalhães, nascido em 1609. Viajou no Celeste Imperio e escreveu um livro notavel *Doze Excellencias da China*, que o cardeal d'Estrées mandou traduzir na sua lingua [1].

Por todo este reinado conservam-se vigorosas a navegação e as construcções maritimas entre Vouga e Minho. A nova politica não tivera tempo por emquanto de destruir a industria que vinha d'éras remotas. Aproveitando-se de todos esses fortes elementos, o *venturoso* negociante pôde desenvolver o seu commercio em proporções gigantescas: mas a sua estreita comprehensão d'um negocio e de interesses exclusivamente pessoaes, que já vinha do antecessor, continham em si a ruina de tudo. O rei só via Lisboa por onde se fazia o trafego do proprio commercio.

Em todo o caso e porventura mau grado seu, os navios

[1] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Ob. comp.*, tom. VI, pag. 47.

de guerra construiam-se tambem no Porto; e aqui, em Vianna e Aveiro, as embarcações mercantes [1]. Em 1512 mandou-se pagar uma prestação a Lopo Roiz d'Aveiro, por conta da importancia total da nau de 250 toneis que elle se obrigára a fazer n'esta villa [2]. Dos estaleiros de Villa do Conde nos lembramos todos nós que os vimos desapparecer. E dos *Annaes do municipio de Espozende*, diz-se que consta ter sido a barra do Cavado antigamente muito importante, havendo n'ella setenta a oitenta navios d'alto bordo [3].

A falta de constructores em Lisboa explica a conservação da industria nos portos do norte: uma vez que lá se não podiam aviar todas as construcções, não era possivel destruir os estaleiros da provincia. Tal era lá a falta de operarios habeis, que em 1513 Lopo de Carvalho contratou em Saiona carpinteiros, comitos e sota-comitos para fazer galés [4]. Apesar d'esta introducção constante, a arte não se naturalisava. No reinado seguinte, o mais famoso navio de guerra — o galeão Bota-Fogo, foi construido por João Gallego, cujo appellido indica bem a procedencia [5].

*
* *

Fernão de Magalhães não foi o unico chefe illustre, oriundo de Traz-os-Montes. Nasceu tambem alli d'uma antiga familia de batalhadores, Lopo Vaz de Sampaio.

O pae, Diogo de Sampaio, diz o filho, «foi senhor de Anciães, Villarinho, da Castanheira, Linhares e de dois mil vassallos» [6]. Depois d'uma trabalhosa carreira de soldado assistiu «á tomada d'Arzilla com cento e oitenta homens em duas carave-

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 223.
[2] J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. V, pag. 334.
[3] *Minho Pittoresco*, II, 193.
[4] J. P. Ribeiro, *ob. cit.*, tom. V, pag. 337.
[5] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 410.
[6] Couto, *Dec.* IV, l. VI, cap. VII, pag. 47-48 (ed. de 1778).

las á sua custa, onde foi feito cavalleiro por mão d'El-Rey D. Affonso, o Quinto » [1].

Lopo Vaz, seguindo as tradições da sua gente, lançou-se logo á sahida da mocidade nas aventuras da vida militar. Não é esta a occasião de as relatar — feitos assás conhecidos já pelo valor quer pela capacidade governativa e organisadora. Ao cabo de immensos trabalhos, na velhice e coberto de gloria, teve de defender-se perante João III e o desembargo do Paço. Da defeza por elle proprio formulada, autobiographia eloquente pela singeleza da narração, extractaremos as seguintes linhas: « A somma dos meus serviços são estes, diz elle: onze annos em Africa; e na India, e nas Armadas que se fizeram n'este Reyno, vinte e hum annos; não fallo no tempo que andei na Côrte, que este houve pelo mais forte de todos, pela muita pobreza com que a sustinha. Fui ferido cinco vezes, huma em Alcacer Ceguer, outra em Alcacer-Quibir, outra em Benastarim, outra em Adem e outra na Ilha Terceira dos ferros, que me V. A. mandou lançar [2]. »

Na volta da India esperava-o de facto na Terceira um corregedor que o prendeu com grilhões de ferro, apertando-lh'os n'uma perna de modo que lhe « appareciam os nervos ». Chegado a Lisboa montaram-no n'uma *azemola*, caminhando desde o terreiro do Paço até ao Castello, no meio das injurias da hedionda populaça da capital [3].

Os espantosos acontecimentos, que se tinham precipitado dentro de tão curto praso, pediam um historiador de folego. Gomes Eannes, já vimos, organisou as relações de principio: João de Barros vai assentar as bases d'uma historia geral. O illustre auctor das *Decadas*, se não nasceu em Braga, como julgam alguns, descendia d'uma familia cujo solar demorava perto d'esta cidade: « Seu pai, diz o biographo Severim de Faria, se chamou Lopo de Barros, pessoa nobre e das principaes d'es-

[1] Couto, *ob. cit.*, ibid.

[2] Couto, *ob. cit.*, ibid.

[3] Couto, *ob. cit.*, pag. 65 ... *cercado de rapazes, de negros e gente vil*...

ta familia, porque era filho de Lopo de Barros e neto de Alvaro de Barros, senhor do morgado de Moreira, junto a Braga [1]. » Actualmente, se me não engano, a Quinta de Real.

N'esta época, quando terriveis difficuldades se levantavam já de todos os lados, não faltavam comtudo bravos e heroes.

D'uma nobre familia de Basto era João Rodrigues Pereira, capitão de Ceuta depois da morte de D. Pedro de Menezes. D'elle diz Sá de Miranda « que em sangue aberta traz a cruz branca por armas ». Escapou com poucos, salvando o estandarte real da terrivel batalha de 18 d'Abril de 1553, quando 300 fidalgos tiveram de combater com 3:000 mouros no monte da Condessa. Seu irmão, Gonçalo Pereira, commandou a praça d'Ormuz [2].

A estes escriptores, navegantes, exploradores, colonisadores, chefes e soldados, oppunha-se desde já outra figura, uma das mais caracteristicas. Sancho Pires, o famoso Frangui khan, general de cavallaria de Nizam Shah, o Nizamaluco dos chronistas, procedia de Mathosinhos. A seu respeito escreve o snr. conde de Ficalho [3]: « Interessante physionomia a d'este valente de Mathosinhos que vai para a India como simples bombardeiro, foge para os mouros e lá faz taes proezas que o elevam a general e lhe dão o primeiro logar... Fizera-se mouro para ser general e Khan e rico; mas tinha seus escrupulos. Diz-nos Garcia da Orta, que, quando jantavam juntos, comiam todas as coisas prohibidas por Mafoma... Rezava em segredo; e das grandes rendas soccorria os portuguezes pobres, e mandava largas esmolas ás misericordias e confrarias. »

Sancho Pires representa typicamente o aventureiro muito commum da nossa raça: avido de riquezas, ás quaes sacrifica tudo, conserva sempre no fundo a religiosidade e o amor da terra natal. Se a sorte da guerra lhe não fosse adversa, feito o seu peculio, regressaria com certeza á sua localidade; n'ella

1 *Biog. de J. de Barros,* na ed. das *Dec.* de 1778.

2 Carolina Michaëlis de Vasconcellos, ed. das *Poesias* de Sá de Miranda.

3 *Garcia da Orta e seu tempo,* pag. 333 e seg.

morreria obscuro, fazendo obras de beneficencia como tantos outros nossos compatriotas, depois de ter sido um personagem entre gentes remotas.

Nomeando este, não deve ficar esquecido o maritimo Rosado, natural de Villa do Conde; passando-se a França commandou o terceiro navio franccz que foi á India e se perdeu na costa occidental de Çumatra [1].

De Villa do Conde era tambem o celebre piloto auctor da carta ao conde Raymundo de la Torre, sobre a *Navegação á Ilha de S. Thomé* [2]. A carta, um dos mais interessantes documentos maritimos da época, é escripta n'esta villa, quando o auctor volta da Italia, onde introduzia, presume-se, mercadorias coloniaes em contravenção ás ordenanças do rei. Por isso occultou o seu nome. Tinha ido cinco vezes a S. Thomé, sendo a primeira em 1520. Como diz — «... todas estas razões juntas me obrigaram a transcrever a dita origem e a communical-a a alguns dos meus amigos, que em outras occasiões a tinham feito», fica claro haver alli navegantes das mesmas paragens.

E na verdade Villa do Conde era uma terra de marinheiros; das passadas glorias maritimas fallam os seus bellos monumentos. Quando se percorre a povoação hoje quasi abandonada e as margens do Ave, antigamente coalhado de embarcações, agora sulcado por raras lanchas de pesca e um ou outro mais raro hiate ou rasca, confrange-se-nos o coração e dá-nos vontade de chorar, senão antes de amaldiçoar tão curtos governos. Em 1542 os mareantes da villa construiram a expensas suas a formosa capella do Corpo-Santo na igreja matriz: e em 1603 Gaspar Manoel, piloto-mór da carreira da India, China e Japão, edificou a capella da Senhora do Soccorro, recordação evidente dos pagodes indianos. N'esta ultima data, pertencente ao governo de Espanha, tão denegrido por certos patriotas, navegava-se d'alli para as Indias orientaes. Hoje, os raros

[1] Fr. de Sousa, *ob. cit.*

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II.

*

maritimos que voltam da cabotagem nos portos do Brazil — a sua patria já lhes não dá trabalho! emquanto descançam por um intervallo, vão á tarde debruçar-se no parapeito do adro da capella, a olhar vagamente para o rio deserto, como se fossem expatriados, possuidos de nostalgia. Aquillo não lhes parece a terra que sonharam durante a emigração — a dos antigos navegantes, seus paes. Em vão a procuram por entre as brumas das recordações dos contos da meninice.

Identicamente triste é a situação actual dos portos visinhos. De Vianna já sabemos como fôra intensa a sua antiga vida maritima, bastando a demonstral-a os monumentos. Lá tambem os mareantes edificaram em 1504 uma capella na igreja parochial; e só d'uma sociedade de marinheiros podia emanar aventura tão novelesca, como a de Pero Gallego, no meado d'esse seculo. De todas as façanhas nauticas, a do filho do constructor do Galeão Bota-fogo com os seus trinta bravos companheiros é sem duvida uma das mais expressivas de valor e ousadia [1].

Viu-se, ha pouco, como a formosa cidade da foz do Lima enxameára para a America septentrional, tendo anteriormente lançado uma colonia para os Açores; notemos agora a ida de outra para o sul do mesmo continente. Foi esta dirigida para a capitania do Porto Seguro pelo donatario, Pedro de Campos Tourinho. O fidalgo viannez, homem habil e valente, organisou a expedição nas melhores condições. Partindo com o sentido de crear uma nova patria, vendeu todos os seus bens; armou uma flotilha na qual partiu de Vianna levando tudo comsigo — familia, amigos, trabalhadores e fortuna, ou como diz o chronista — «mulher e filhos e muitos moradores casados com parentes e amigos e muita outra gente» [2].

A colonia prosperou emquanto durou o governo do donatario que, além da cidade de Porto Seguro, edificou as villas de Santa Cruz e Santo Amaro. O filho administrou-a mal; e a

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 410, 436-448.

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. da N. Ultr.*, III, pag. 52.

irmã, successora d'elle, vendeu-a ao primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre.

Esta capitania foi uma das nove ou doze primitivas em que João III dividiu a costa do Brazil, quando tentou colonisal-o por concessões a particulares, como dizemos hoje: a de Porto Seguro não foi das menos resistentes, nem das que empregou menos esforços; mas porfim teve de succumbir, como as demais. Os donatarios nem podiam povoar tão vastos territorios nem debellar por elles sós a hostilidade dos indigenas e a ambição das nações do norte da Europa. Em todo o caso foram elles os *pioneers* da civilisação n'aquellas paragens.

Além d'estes formando colonia propria — quantos não teriam partido? A primeira esquadra com povoadores para o Brazil, commandada por Martim Affonso de Sousa, sahiu de Lisboa em novembro ou dezembro de 1530. Depois de explorar detidamente a costa sul, descobrindo a bahia do Rio de Janeiro no 1.º d'este mez de 1532 [1], o commandante recebeu a doação da capitania de S. Vicente. Entre as pessoas distinctas, conduzidas pela esquadra, com o fim de se fixarem no Brazil, temos noticia de Ruy Pinto e Francisco Pinto, fidalgos de Penaguião (Traz-os-Montes) [2]. Estabelecendo-se ambos ahi, mais tarde por 1540, chamaram para a sua companhia outro irmão. D'elles descenderam familias illustres brazileiras.

A mesma esquadra levára Braz Cubas, cavalleiro, do Porto. Posteriormente emigraram para a colonia todos os Cubas — o pae, tres irmãos, uma sobrinha casada e mais parentes [3]. Esta gente occupou sempre na colonia uma posição conspicua. Braz fundou a villa de Santos e instituiu a primeira casa de misericordia no Brazil [4]. Foi provedor da Fazenda Real e loco-tenente do donatario.

[1] Paulo J. M. de Brito, *Mem. Pol. sobr. a Capitania de Santa Catharina*, pag. 10-11 (ed. da Acad.).

[2] Fr. Gaspar da Madre de Deus, *Mem. para a Hist. da Capit. de S. Vicente*, pag. 54 (ed. da Acad.).

[3] *Ibid.*, pag. 58.

[4] *Ibid.*, pag. 100.

Os cavalleiros e nobres que emigravam com o fim de tomarem terras de sua *sesmaria,* por força deviam ser acompanhados por clientes pobres — seus patricios, sobre os quaes devia recahir o trabalho da colonisação. D'estes não rezam as historias. Mas porventura foram elles os que ficaram e luctaram, quando a muitos dos chefes se desvaneceu a miragem d'uma riqueza immediata.

Os emigrantes, parece, tinham-se dispersado por todo o Brazil desde o principio da colonisação; pois n'este mesmo seculo, segundo affirma Fernão Cardim [1], os habitantes mais ricos de Pernambuco eram oriundos de Vianna, e viviam no seu tempo com extraordinario luxo.

Na mesma vasta região viajou Pero de Magalhães Gandavo, natural de Braga. Escreveu o *Tratado da Terra do Brazil* [2] e a *Historia da Provincia de Santa Cruz* [3]. A respeito da anterior diz Fr. Ad. Varnhagen [4]: «Foi ultimamente traduzida por H. Ternaux; e se esta obra não fosse das portuguezas mais raras, d'ella teriam utilisado os modernos que visitaram o Brazil.»

Viajante, foi attrahido unicamente pela curiosidade de vêr por si mesmo essa região maravilhosa de que se fabulavam coisas estranhas. Regressando á sua terra, deixou n'aquelles livros uma descripção tão exacta e positiva, como comportavam os conhecimentos do tempo — descripção desprovida de preconceitos, formulada por um espirito fino e observador.

O mobil estimulante não era porém sómente a curiosidade ou a ambição da riqueza. Se o maior numero se deixava dominar por esta, não faltavam tambem almas d'élite, impulsionadas exclusivamente pela sublime illusão de christianisar essas gentes sem conta. Seria pois uma grave lacuna esquecer os missionarios e os bispos que tentaram com a prégação da fé trazer os

[1] Citado por Rebello da Silva, *Hist. de Port. nos Sec. XVI e XVII,* pag. 123.

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.,* tom. IV.

[3] *Coll. d'Opusc.,* reimpressos, etc. pela Acad.

[4] *Coll. de Not.,* etc., tom. V, *Reflexões criticas.*

vencidos á civilisação dos vencedores. Se a lista é demasiadamente longa, escolhamos d'ella alguns nomes.

Era de Villa do Conde o bispo de S. Thomé em 1547 — Fr. João Baptista, o qual já anteriormente desempenhára em Roma uma missão importante [1], assim como João Ribeiro Gayo, bispo de Malaca e presidente de justiça em Goa: regeu trinta annos o seu bispado [2]. De Barcellos procediam — Fr. Jeronymo do Espirito Santo, Diogo Dias Milhau e Damião Francisco, missionarios na India e Japão [3]. Do Porto eram naturaes — Paulo de Azevedo [4], missionario na India Occidental, Manoel de Seabra, bispo de Ceuta — um dos prelados que acompanharam o cadaver de D. Sebastião [5], e o jesuita Simão de Vasconcellos, um dos mais illustres missionarios, auctor muito conhecido da *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil.*

Mas nem missionarios nem heroes valiam ao desconjuntamento geral. O negocio havia sido tão mal dirigido que João III fallira em 1544 «com tres milhões de divida em Flandres» [6]. O fallido empenhou quanto pôde ou tinha disponivel; e como tudo isso não chegasse, recorreu a emprestimos forçados, segundo se vê da carta por elle endereçada a João d'Evora [7].

Os navios carregavam-se demasiadamente de fardos e passageiros; d'ahi resultavam os naufragios e as doenças que dizimavam as equipagens. Para se augmentar a carga, augmentou-se a tonelagem, não correspondendo a estas maiores dimensões a força e estabilidade dos cascos, o panno e mastreação [8].

A incapacidade technica e administrativa eram manifestas: as difficuldades rebentavam de todos os lados e os homens

1 *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II, pag. 90.
2 Sousa, *Hist. Gen.*, I, pag. IV.
3 Pereira, *Hist. da V. de Barcellos*, etc.
4 Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.*, tom. VII, pag. 299.
5 Levy M. Jordão, *Mem. Hist. sobr. os B. de Ceuta e Tanger*, pag. 44.
6 Severim de Faria, *Not. de Port.*, disc. VII.
7 J. P. Ribeiro, *Diss. Chr. e C.*, tom. III, part. II, doc. XLVIII.
8 Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 372-373 e 453 (nota).

que se julgaram capazes de governarem elles sós, davam agora a prova pratica da sua aptidão.

Apesar de tudo, a corrente estabelecida no norte não parára jámais desde a expugnação de Ceuta; e quem tão bizarramente concorreu para o primeiro feito não devia eximir-se a regar com o seu sangue Alcacer-Quibir, na catastrophe do chamado imperio colonial. Mas d'esta vez as velas de Aveiro, Porto, Villa do Conde e Vianna [1], não seguiram em esquadra, capitaneadas por um principe de sangue real. Partiram, cada uma de seu porto, isoladamente, como levando já o presentimento do desbarato, em direcção ao Algarve, onde aguardaram a chegada de D. Sebastião. D'ahi partiram para a Africa, onde se acabou a independencia: mas com ella não se extinguiu a nossa vida maritima.

Já notamos anteriormente, como em 1603 se navegava de Villa do Conde para as Indias Orientaes; n'este mesmo seculo, o que parece hoje inacreditavel, construiu-se [2] na Povoa de Varzim a nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, que tomou parte na defeza do Brazil contra os hollandezes: e os moradores de Vianna, affirma Fr. Luiz de Sousa [3], traziam no mar por 1619 setenta naus de toda a sorte occupadas principalmente no commercio do Brazil, e além d'este com o das outras conquistas, bem como com a França, Flandres, Inglaterra e Allemanha.

Vê-se pois que a nossa navegação sobreviveu á derrocada da autonomia e persistiu com vigor durante os Filippes. Foi necessario que o governo voltasse outra vez a Lisboa para ella então ficar reduzida ao extremo definhamento actual.

Não póde todavia o estudo presente prolongar-se além do periodo épico das navegações, sendo unicamente meu proposito notar a contribuição prestada durante elle pelos habitantes do norte de Portugal. Os 163 annos que medeiam entre Ceuta e Alcacer-Quibir formam um periodo bem caracteristico, cheio de

[1] A. Herculano, *Opusc.*, VI, III, doc., pag. 117.

[2] Brito Aranha, *Mem. Hist. e Est.*, pag. 33, 38 e 39.

[3] *Vida de D. Fr. Bart. dos Martyres*, liv. I, cap. XXVI e XXIII.

extraordinarios acontecimentos; — fosse elle tratado com a conveniente proficiencia!

Recordando summariamente os homens mais representativos que se lançaram em tão aventurosas emprezas — perdoe-me a memoria dos esquecidos! — ficou na penumbra a grande multidão anonyma que por força os havia de acompanhar. Além da gente, arrolada de boa ou má vontade nos diversos contingentes, as marés levavam todos os dias dos embarcaderos aventureiros, partidos isoladamente.

Sá de Miranda, que vivia no coração da provincia e a percorria visitando os seus amigos, começa com tristeza a carta v:

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto.

A moeda indiana, corrente n'aquella localidade tão interior, tinha sido importada evidentemente pelos que voltavam, quem sabe! com o desconforto das illusões perdidas. Desvaneceram-se as sonhadas opulencias, restando apenas esses pobres pardaos.

Do movimento nem sequer escapou o proprio poeta: apesar de viver retirado da côrte e representar a reacção contra tamanho desgoverno e o desbarato impensado de tantas forças tão mal dirigidas, elle deixára partir o primogenito que morreu em Ceuta na idade de 16 annos [1]. Os filhos dos seus amigos partiam tambem, e seu irmão, Mem de Sá, começava a povoação do Rio de Janeiro.

A necessidade de emigrar, de vêr e correr mundo, que vem do seculo VIII, tem persistido sempre, não parando nunca a corrente humana que desde então trasborda incessantemente para aqui ou para alli, segundo os tempos.

Não era preciso por isso o exemplo da classe superior, ennobrecida no campo das batalhas; ao povo que a acompanhára das montanhas da Galliza e Asturias, que a seguira na con-

[1] Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *ob. cit.*, pag. 851.

quista do territorio, chamado subsequentemente «Portugal», abria-se agora francamente larga e ampla porta ao espirito de aventura e especulação — uma das caracteristicas fundamentaes da raça.

Até depois de fundada a monarchia portugueza, da Galliza continuaram a descer emigrantes. Um d'esses foi o ascendente de Camões. Não esqueçamos pois que nas nossas veias corre tambem o sangue do immortal cantor das glorias maritimas.

*
* *

Lembrando o passado confessaremos perdidas as esperanças no futuro?

Os nossos pequenos portos não se prestam ás condições da navegação actual. Os grandes navios não podem sulcar as barras baixas, estreitas e tortuosas onde antigamente singravam as embarcações de nossos avós. A vida maritima foi-se retrahindo pouco a pouco até que se eclipsou totalmente por um momento: Digamos por um momento. A engenharia moderna sabendo construir para os grandes steamers os portos de funda callagem, podemos reatar, *quando quizermos*, as nossas antigas tradições maritimas que tentei commemorar brevemente n'esta sessão solemne celebrada em honra do infante D. Henrique.

Alberto Sampaio.

A EDUCAÇÃO MODERNA

SUMMARIO DE QUESTÕES

I

Distincção fundamental: a questão psychologica e o problema do destino. — Progressos da psychologia; a unidade e acção disciplinadora das concepções ideaes diminuem a partir da Renascença. A noção d'um destino ideal e a definição de Kant. As tendencias do espirito humano e a sua realisação successiva na historia.

O humanismo e o naturalismo. Conciliação d'essas tendencias. — O Euphorion de Goethe symbolisa a harmonia e o equilibrio que uma educação ideal prosegue como objectivo.

O problema da educação reveste hoje, mais do que nunca, um caracter de extrema complexidade, já pelas circumstancias estranhas da civilisação no momento actual, já pela excessiva dispersão do espirito humano ramificando e distribuindo a sua actividade scientifica a um ponto que difficulta a convergencia philosophica, já pela crise moral nascida da morte de ideaes que não foram substituidos.

Estas causas principaes fazem com que aos livros modernos escriptos sobre a questão falte uma coordenação e unidade, um fim claro e nitido, que resulte d'uma d'essas largas e fecundas concepções como as que se assenhorearam do espirito humano n'uma dada phase da sua evolução.

Torna-se pois difficilimo, n'um periodo em que a actividade

mental, fragmentando-se pela necessidade da especialisação, se confina na fórma monographica, destacar dos amplos materiaes accumulados pela analyse, pela observação e pela experiencia, os que podem servir, quer para assentar as bases da questão, quer para determinar o ideal por onde deve nortear-se.

A primeira distincção fundamental que nos apparece é pois esta: d'um lado o *homem*, a materia prima, sob todos os aspectos da sua actividade infinitamente variada e proteiforme; do outro lado o *destino*, sob a sua fórma actual, não já como a expressão d'uma finalidade preestabelecida, mas como o ultimo annel, a phase remota da evolução futura, prolongamento ideal da evolução passada.

Uma psychologia e uma theoria do destino humano, eis pois os dois desiderata, a materia e o fim da arte de educar, arte cujas tentativas proseguem, como objectivo, na adaptação da actividade que a primeira estuda, á tendencia determinada pela segunda.

A necessidade do estudo da psychologia no problema que nos occupa, é d'uma evidencia que ninguem contesta, entrou no espirito de todos e a sua demonstração seria um logar commum gasto á força de empregado.

Terminando a sua *Histoire de la pédagogie*, o snr. Compayré, um espirito lucido, a quem não obseca o partidarismo d'escóla, pôde dizer com verdade:

«Esta educação, que é a do futuro, apesar dos obstaculos que o espirito do passado tentará ainda oppôr-lhe, esta educação só se tornará possivel com uma condição: é que a psychologia da creança esteja feita e bem feita, e que a reflexão faça brotar d'esta psychologia, uma vez estabelecida, todas as consequencias que ella comporta.»

O snr. Compayré, com estas palavras, não fez mais do que compendiar o sentimento geral que domina a sciencia moderna a ponto de ter-se tornado um axioma, uma verdade de senso commum.

O problema do destino, cuja simples enunciação póde aterrar aquelles a quem uma orthodoxia estreita de positivismo

creou a allucinação e o horror da metaphysica, e que, mais papistas do que o papa, ultrapassaram n'essa guerra o genial fundador da philosophia positiva, o problema do destino, sob uma fórma nova, resalta da vasta e complexa elaboração mental do nosso seculo, como um corollario da philosophia e uma imposição da consciencia.

Sem entrarmos n'uma analyse minuciosa de systemas e opiniões, bastaria citar um pensador que ninguem accusará de visionario ou ideologo, antes propenso á solução utilitaria dos problemas sociaes, e á solução materialista do problema do universo.

Referimo-nos a Herbert Spencer.

O grande pensador, apesar do espirito positivo e pratico que domina a sua philosophia, cujas conclusões apoia invariavelmente no maior numero de factos, guiado pelo processo inductivo que maneja tão genialmente, não prescinde e sente-se envolvido, como que obsessionado, pela idéa do destino, quer no mundo inorganico, quer na esphera biologica, quer no campo estrictamente humano, social ou moral.

Essa preoccupação manifesta-se com a maxima evidencia na *Sociologia*, na *Psychologia* ou na *Moral evolucionista*, do eminente philosopho inglez.

A philosophia, ou mais precisamente, o criticismo que formou a transição entre a philosophia antiga e a moderna, delimitou o campo em que a intelligencia humana deve exercitar-se, abdicou perante os fins e as origens das coisas, as essencias, demoliu os ideaes religiosos, mas não arrancou a noção do *ideal*, e o relativismo moderno pôde afastal-o incessantemente, mas não aniquilal-o. É uma noção ou representação abstracta inherente á natureza intima do espirito [1].

[1] Os que affectam uma grande superioridade mental e se julgam imbuidos do verdadeiro espirito positivo, não poderão deixar de lêr com algum espanto estas palavras de Littré, no capitulo VII do seu livro *Auguste Comte et la philosophie positive, troisième partie*, em que o eminente naturalista e philologo analysa as causas que levaram Comte á adopção do methodo subjectivo:

Demonstra-o a historia, a sociologia e a psychologia experimental.

São de Spencer estas palavras:

« Um ideal, por mais remota que seja a sua realisação, é sempre necessario como guia.

« Se entre todos estes compromissos que as circumstancias do tempo tornam ou fazem considerar indispensaveis, não existe a concepção do *melhor* e do *peor* na organisação social, se não se avista nada para além das exigencias do momento e nos habituamos a identificar o *melhor proximo* com o *melhor definitivo*, todo o progresso se torna impossivel. »

O ideal, sob qualquer das suas fórmas mais variadas, preoccupou sempre os maiores espiritos, como o problema do destino, a sua fórma ultima e suprema, tem acompanhado a evolução humana, modificando-lhe e definindo-lhe a curva, e exercendo uma profunda acção moral e educativa.

A acção exercida pela idéa do destino humano nas differentes phases da evolução historica, fez-se sentir na organisação social, nos systemas religiosos ou educativos. E a lei que parece definir a marcha d'aquella acção, na sua relação com a marcha inversa do estudo da alma, tal como a encaramos sob o ponto de vista meramente educativo, é esta: a unidade e influencia da concepção do destino sobre os systemas educativos têm diminuido na mesma relação em que progridem os estudos psychologicos.

Explanando mais esta fórmula, diremos que na evolução dos systemas educativos a noção d'um destino humano, a principio tão una e forte, vai-se obliterando e fragmentando, ao passo que o estudo do homem adquire mais precisão e nitidez.

A acção disciplinadora da concepção do destino devia naturalmente exercer-se com mais energia e unidade em organismos sociaes menos complexos, d'uma coordenação simples, filha

« Le mysticisme avec des touches très-diverses, les unes légères, les autres profondes, appartient incontestablement à l'âme humaine. »

É pois um discipulo eminente do positivismo que vem affirmar o caracter organico d'uma tendencia tão opposta ao sentimento da escóla.

ao mesmo tempo da influencia das individualidades fortes e da subordinação mental que precedeu a éra do pensamento livre, a *idade da discussão*, que rompeu contra os moldes do mundo antigo, servindo-nos d'uma expressão de Bagehot.

A idéa do destino, nas civilisações orientaes e classicas, apresenta-se com uma coherencia, nitidez e unidade, que são como o espelho onde se reflecte o mundo antigo, na sua magestade simples e uniforme. O estudo do homem é todo subordinado á idéa do seu fim transcendente, e por fórma alguma á idéa de que esse estudo é naturalmente a unica base da arte de educar.

No mundo moderno, e passado o fecundo e assombroso periodo da incubação medieval, dá-se precisamente o phenomeno opposto.

O homem da Renascença, preso um momento pelo extase do *antigo*, cae naturalmente da contemplação interior da divindade, na admiração instinctiva do espirito humano; e o velho mundo, que fôra uma visão de Deus, transforma-se no novo, que é como o despertar d'uma lethargia mystica, o *homem voltando a si.*

O Humanismo é a caracteristica fundamental do mundo moderno, que a Renascença iniciou; a Humanidade, como sêr collectivo, reconhece nitidamente a sua existencia, no tempo, ligando-se com o passado, no espaço, completando a descoberta do globo [1].

Ao homem das civilisações antigas e ao homem medieval, que tanto se preoccuparam com o seu destino, succede o homem moderno, confinando os horisontes da sua finalidade no novo sentimento da collectividade humana, substituindo um ideal transcendente por um ideal tangivel, sacudindo dos olhos da alma a poeira do sobrenatural.

Esta passagem foi funesta ou salutar para os destinos da especie?

[1] Augusto Comte deu ás tendencias espontaneas da Renascença, uma fórma systematica na sua *Religião da Humanidade.*

Eis o que não discutimos, embora nos pareça que o homem de hoje soffre d'alguma coisa mais grave do que das consequencias do regimen material das sociedades; esse é o mal da superficie, mas no fundo é indiscutivel que ha uma crise moral de que só poderá libertal-o uma ordem de coisas inteiramente outra, onde raie a luz d'uma aspiração una e definida.

Se a concepção do destino se fragmentou e perdeu a antiga unidade das civilisações theocraticas, em compensação o estudo do homem, organico e moral, tem progredido consideravelmente, e póde dizer-se que os lineamentos d'uma *historia natural do espirito* foram traçados pela psychologia ingleza e allemã d'este seculo.

O terreno sobre que deve trabalhar a arte da educação, isto é, o homem, é hoje mais conhecido do que nunca, e tentaremos demonstral-o no decurso d'este estudo.

Para o comprovar *à posteriori*, por um simples facto, bastaria lembrar os progressos da methodologia, e a extraordinaria simplificação dos systemas pedagogicos.

Sabemos educar melhor do que nunca — mas se nos perguntarem *para quê, com que fim*, vêr-nos-hemos mais embaraçados do que o homem da idade média ou o homem antigo.

Os gregos agitaram todos os grandes problemas da educação e da philosophia, que a intellectualidade moderna reeditou, ampliando e profundando: mas acima e fóra das correntes mais encontradas, ou dominasse Platão ou Aristoteles, a educação individual tinha um fim definido, o homem era uma molecula do Estado, da *cidade*.

O mesmo se deu com o christianismo. O fim humano era evidente. «A sorte do homem, diz Fustel de Coulanges na *Cité antique*, subtraía-se d'ora em diante á acção do Estado. O christianismo vinha ensinar que o homem só parcialmente pertence á sociedade, pelos interesses materiaes; subdito d'um tyranno, devia submetter-se; cidadão d'uma republica, devia dar a vida por ella; mas no tocante á alma, era livre, e só compromettido para com Deus.»

O homem era assim arrancado da cidade humana para entrar na cidade de Deus, diz um notavel escriptor francez. Mas a concepção do seu destino permanecia definida.

Não succede outro tanto com a concepção actual, tal como ella possa inferir-se da elaboração complexa do espirito philosophico moderno.

O pensador que, fóra do influxo theologico, definiu com mais largueza e profundidade o objecto da educação relativamente ao fim que ella se propõe, foi Kant.

Segundo o auctor da *Critica da razão pura,* é preciso educar as creanças, não mirando ao seu exito no estado social presente, mas visando a «*um estado melhor, possivel no futuro, e segundo uma concepção ideal da humanidade e do seu destino completo*».

Kant entendia que a educação não deve adaptar o homem ás *condições reaes* d'uma dada phase da evolução, como entendem os spencerianos e os partidarios d'um *soi-disant determinismo collectivo,* mas sim ás condições *ideaes* da humanidade perfeita, realisando o seu destino.

A educação não é apenas uma *evolução systematisada e resumida,* na phrase de Bernard Perez, mas sim uma tentativa eternamente renovada para a conquista do Ideal.

Este ideal ha de o determinar a psychologia delimitando a capacidade mental do homem, a sociologia, definindo as tendencias dos agrupamentos humanos, e a historia fazendo-nos entrevêr na humanidade futura uma conciliação das tentativas parciaes realisadas pela humanidade passada.

Circumscrevendo-nos a este ultimo ponto, o facto geral que resalta da evolução historica, é o da humanidade entregando-se successivamente e d'um modo exclusivo ás tendencias que a arrastaram nas differentes *étapes* da sua marcha.

O exemplo mais proximo e significativo é o contraste entre o humanismo da Renascença e o naturalismo dos tempos modernos.

Os maiores espiritos da Renascença, Erasmo, Comenius, Rabelais, quando idearam os seus grandes systemas educativos

cahiram invariavelmente no humanismo, que tanto tempo dominou nas escólas, graças á preponderancia jesuitica.

Os estudos de pura fórma, longe de serem o meio, constituiam por muito tempo o fim da educação. As sciencias da natureza cediam o passo ao estudo das producções do espirito humano.

O grande Erasmo, que foi um revolucionario, fazendo a apologia das sciencias naturaes dava como razão que o escriptor achava no conhecimento da natureza amplo manancial de metaphoras, imagens e comparações.

Comenius, apesar da influencia de Bacon, é um humanista, como Rabelais, como Montaigne, e mais modernamente Rollin.

O estudo das litteraturas classicas chegou a ser uma tendencia tão absorvente, que os melhores espiritos se deixaram arrastar por ella e é preciso chegar aos tempos da Revolução franceza para vêrmos como a cultura humanista começa a retroceder perante a invasão do espirito scientifico, do naturalismo, prégado pelos grandes legisladores da Constituinte e da Convenção, Lakanal, Daunou, Condorcet.

Por uma reacção exaggerada, o estudo das linguas antigas, que anteriormente precedia o estudo da propria lingua, foi a pouco e pouco proscripto e condemnado, sendo excluido dos planos de educação geral, por escriptores da estatura intellectual de Bain.

A guerra ás *humanidades* pronunciou-se inexoravelmente e excessivamente, ao passo que á cultura naturalista se começaram a attribuir propriedades educativas de toda a ordem.

Do abuso d'uma tendencia cahiu-se no exaggero d'outra, e de cada vez nos cegámos emquanto ao valor da acção exercida por duas culturas differentes, cuja conciliação é indispensavel e deve constituir um dos objectivos da educação futura, sob pena de prejudicar um desenvolvimento intellectual e harmonioso do espirito.

Sem insistirmos mais n'esta necessidade, que é urgente, basta-nos indicar a leitura do snr. Michel Bréal, um humanista

á moderna, que nos seus livros sobre o ensino secundario e superior põe em relevo a influencia dos altos estudos litterarios e philologicos sobre as qualidades de precisão, penetração e malleabilidade que dão ao espirito.

Os exemplos de duas tendencias oppostas proseguidas successivamente pela humanidade são numerosos e instructivos; a humanidade parece proceder segundo o systema da metaphysica allemã por theses, antitheses e syntheses, ultrapassando nas suas reacções o impulso primitivo, e aproximando-se, a cada passo, da synthese conciliadora.

Pondo de parte os terriveis antagonismos creados pelo desequilibrio social, póde affirmar-se que a humanidade nunca se mostrou tão conciliadora no campo intellectual ou religioso, como hoje.

A conciliação das tendencias humanas, successivamente realisadas pelo espirito collectivo, é um ideal para cuja conquista caminhamos, e o Euphorion que o poeta do Fausto fez nascer dos amores do seu heroe com Helena, como personificando a alliança do espirito moderno com o antigo, symbolisa o homem futuro, no pleno desenvolvimento integral e harmonioso das suas aspirações [1].

II

A psychologia emancipa-se. — A psychologia introspectiva e a experimental conciliam-se no emprego dos methodos. — A memoria, o habito, o instincto. A hereditariedade. A plasticidade moral e intellectual. A educação judaica e a dos jesuitas consideradas sob o ponto de vista da plasticidade humana. Acção dos sentimentos sobre as idéas: Herbart e Spencer. O evolucionismo e a questão moral.

Indicámos a importancia que o problema do destino assume na evolução historica da humanidade.

Vejamos agora qual a tendencia dos psychologos moder-

[1] No campo moral as duas tendencias contrarias fazendo *pendant*, até certo ponto, ás indicadas no dominio intellectual, são a tendencia ascetica, tendo por

nos emquanto ao primeiro ponto que nos occupa e que mais de perto se relaciona com o objecto d'este trabalho.

Affirmámos já que os lineamentos de uma *historia natural do espirito* se podiam considerar traçados pelas escólas inglezas e allemãs.

A psychologia entrou no grupo das sciencias naturaes. Destacou-se finalmente do conjunto vago de noções que por muitos seculos constituiram a *philosophia* — e isto com vantagem para o tronco e para o ramo.

A psychologia separando-se da philosophia facilita-lhe duplamente o seu papel, diz o snr. F. Paulhan — contribue com os seus materiaes para a synthese geral e allivia a philosophia de um encargo que melhor póde ser executado pelos especialistas.

A psychologia, que tantos seculos viu o seu laboratorio de analyse reduzido ao simples, embora poderoso e imprescindivel instrumento da consciencia, alargou a esphera das suas acquisições, já pelo emprego de novos methodos, já pela constituição de sciencias subsidiarias que vieram esclarecer o obscuro problema da alma.

Assim delimitado o seu campo e enriquecido o material

fim disciplinar a vontade e embotar o desejo, e a tendencia materialista do gozo immediato.

A educação naturalista, profissional e utilitaria, favorece a segunda tendencia, como a educação especulativa ou humanista, desinteressada por natureza, promove o desenvolvimento da segunda.

A humanidade tem soffrido alternadamente o dominio d'aquellas duas correntes. Entregue exclusivamente a cada uma d'ellas, ou se immobilisa pela abdicação da vontade, ou se destroe pelo egoismo do prazer.

O equilibrio ego-altruista necessario ao proseguimento da evolução, só póde obter-se por uma educação mental que alimente no homem o espirito da sociabilidade, sem attentar contra o instincto fundamental da conservação.

Como n'este artigo tivemos apenas em vista enumerar, n'um programma deduzido, os problemas e as preoccupações modernas que essencial ou subsidiariamente interessam ao problema da educação, em artigos subsequentes analysaremos a fórma por que os pensadores modernos tentaram resolver a questão esboçada, dando-lhe uma realisação concreta.

proprio e subsidiario de analyse, a psychologia começou de entrar no seu periodo de constituição, apesar das divergencias que separam ainda hoje os representantes da sciencia.

Ao methodo introspectivo, que foi o unico admittido pela psychologia metaphysica, succede o de observação externa que encontra em Augusto Comte o seu mais alto intransigente defensor.

Posta de parte a questão da natureza da alma, da sua origem e do seu destino, a reacção positivista e materialista cahiram no excesso contrario, preconisando um methodo de observação que, a ser exclusivo, deixaria para sempre ignorado o facto fundamental da psychologia — a consciencia.

As duas escólas, representadas no principio d'este seculo por Maine de Biran e Comte, tendem a conciliar-se no emprego simultaneo dos dois methodos.

A psychologia pura já não se contenta com o testemunho da consciencia e recorre com frequencia aos dados da physiologia: a psychologia materialista, aquella mesma que faz consistir o pensamento n'uma secreção cerebral, não repelle a cooperação do methodo introspectivo e acha na observação interna um meio de descoberta e confirmação do maximo alcance.

A conciliação das escólas fez-se, pois, pelo emprego de ambos os methodos e se a sciencia hoje prescinde, ao menos provisoriamente, de discutir a natureza das relações entre o espirito e o corpo, se a *harmonia preestabelecida* e o *mediador plastico* passaram á categoria de curiosidades historicas, não é menos certo que o estudo das manifestações psychologicas se faz parallelamente com o dos phenomenos physiologicos, e que é universalmente reconhecida a correlação e concomitancia das duas séries de factos.

É esta a conclusão que póde tirar-se dos grandes trabalhos de Dumont, Huxley, Bain e Spencer sobre a psychologia normal, e dos estudos de Lombroso sobre a psychologia morbida.

Esta ultima, digna de uma longa e minuciosa analyse pela sua importancia social, excluil-a-hemos provisoriamente do programma de questões que estamos indicando, e ao qual não é

por fórma alguma estranha, tendo melhor cabida pela sua natureza na ordem de trabalhos que devem preoccupar o criminalista, o alienista, o philantropo e o politico, mais ainda do que o educador.

A psychologia morbida chegou já a conclusões definitivas: a hesitação está mais na applicação do que nos principios e póde dizer-se que o começo de uma conciliação bem entendida entre as tendencias preventivas e as eliminadoras dos grandes aleijões humanos já se faz sentir na legislação penal e n'uma organisação social mais humana que tenda a adoçar aos fracos o conflicto aspero da existencia.

Voltando porém á psychologia normal, torna-se indispensavel que refiramos as conquistas que a sciencia tem feito e mais interessam á arte de educar.

A theoria do habito e a do instincto, bem como um estudo mais completo dos phenomenos da memoria e da hereditariedade, são os pontos em que parece concentrar-se a attenção dos psychologos modernos, guiados pelo criterio evolucionista, que é sem duvida o criterio e a mais definitiva acquisição philosophica d'este seculo.

A importancia que póde ter para o problema da educação qualquer das questões mencionadas, não carece de ser evidenciada, tão claramente se impõe.

A memoria e o habito são os grandes constructores do espirito. Os sentimentos e as idéas só podem agrupar-se nas associações conducentes ao fim do homem, mediante o concurso d'aquellas duas forças, racionalmente dirigidas pela educação.

O conjunto dos habitos que a memoria torna possiveis e que a hereditariedade transmitte, accumulando, constitue o instincto. Esta é a concepção spenceriana.

Vê-se d'aqui que a educação formando os habitos, baseada no conhecimento scientifico da estructura mental, é uma das grandes collaboradoras do instincto humano.

Se fosse possivel separar o que, na evolução da especie, é devido á acção das condições de existencia, meio, clima, etc.,

teriamos um meio de medir e apreciar o que n'essa evolução pertence exclusivamente á acção educativa.

A educação fórma os *habitos* do espirito — a hereditariedade transmitte os habitos adquiridos como as disposições nativas.

Outro problema surge. A hereditariedade apparece-nos como uma força revelando-se por effeitos que ora contrariam, ora auxiliam o trabalho da educação.

Quando esta transmitte e accumula nas differentes camadas as acquisições do espirito, o seu trabalho é positivo e somma-se com a influencia educativa.

Mas por outro lado, o papel do educador consistindo em guiar e modificar o desenvolvimento do educando n'uma direcção estabelecida, é certo que as disposições nativas hão de offerecer um grau de resistencia variavel, á acção artificial da educação.

A questão da plasticidade mental e moral do homem emerge nitidamente d'estas considerações.

No campo intellectual o homem de genio e o idiota [1] são os dois extremos — o minimo e o maximo da resistencia á cultura e desenvolvimento do espirito; no campo moral, o santo e o criminoso-nato representam a capacidade para o bem nos seus limites superior e inferior.

O estudo da plasticidade moral e mental só poderá fazer-se analysando o que na longa acção dos agentes penaes, religiosos e educativos sobre o homem se póde separar e discriminar da massa complexa e obscura de todos os outros collaboradores da organisação humana.

[1] O ensino dos idiotas e cretinos está organisado em differentes paizes com exitos que parecem justificar a tentativa.

Em França, sob a influencia das idéas de Esquirol, que proclamava a independencia reciproca das faculdades e a possibilidade da sua cultura em separado, o dr. Belhomme esboçou o ensino collectivo dos idiotas na Salpétrière.

Hoje a França tem a escóla de Gentilly do snr. Otto Baetge, a escóla de Bicêtre do snr. Delaporte e o instituto protestante de Laforce.

Sobre a moral, a hygiene e a educação dos idiotas existe uma litteratura vasta (os trabalhos de Voisin, Séguin, Delasiauve, etc.).

O problema é de difficil solução e os materiaes sobre que tem de assentar o seu estudo são de uma vastidão capaz de affrontar a tenacidade e a persistencia de muitas gerações.

A influencia da educação sobre a formação do caracter nacional, para lembrarmos um exemplo, está muito longe de merecer fóros de certeza.

Para Bagehot a *imitação* das personalidades eminentes seria um facto importante na formação de um caracter ethnico; a adhesão á hypothese do auctor das *Leis scientificas do desenvolvimento das nações*, envolve a crença no poder da educação, que conta a faculdade imitativa como uma das suas grandes forças.

O snr. Daguet no seu *Resumo da historia da pedagogia*, versão de Amaral Cirne, admitte a influencia do que elle chama uma *educação consequente* na constituição de um caracter de raça. Diz o referido escriptor:

« Os hebreus assignalam-se na historia por um facto excepcional. Soffrendo ataques muito repetidos aos seus direitos, á sua liberdade e propria existencia, supportando longos annos o dominio oppressor de povos estranhos, perderam a patria, foram vexados com as perseguições mais crueis que a historia regista, e apesar de tudo isto, poderam manter, inalteraveis, as suas crenças, sentimentos, caracter, altivez nacional, e o sangue da raça. N'um facto d'esta ordem evidenceia-se a *influencia de uma educação consequente*, segundo a phrase de um pedagogista distincto. »

Ainda que o exemplo seja escolhido judiciosamente, visto que o facto da dispersão melhor faz sobresahir o que a acção educativa deixou como fundo de resistencia á variedade das condições de vida, o que é certo é que póde levantar-se esta duvida: os systemas de educação podem considerar-se uma causa ou um effeito do caracter nacional?

A uniformidade do caracter judaico póde provir de condições ethnicas, favorecidas ainda pela circumstancia dos casamentos se effectuarem exclusivamente dentro da raça.

Um exemplo mais concludente seria talvez o da educação

jesuitica, considerada a uniformidade dos seus resultados em relação á variedade de raças a que foi ministrada.

É talvez uma das experiencias mais concludentes a favor do poder creador da educação.

A tendencia geral dos espiritos, a principio sympathica á instituição nascente, poderia explicar a uniformidade dos resultados obtidos, mas deixa de ser uma explicação sufficiente desde que essa tendencia não só desappareceu, mas se tornou antagonica.

Os jesuitas fizeram, além d'isso, uma experiencia ampla e vastissima pela área que abrangeu, envolvendo na sua influencia os povos de raça e indole a mais diversa, o que não impediu a concordancia admiravel dos effeitos obtidos e a quasi creação de um novo typo moral.

O optimismo, embora machiavelico, dos jesuitas, entrou como factor importante na obtenção dos seus resultados.

O jesuita não suppunha o homem originariamente bom, como Rousseau, ou Pestalozzi: animava-os a mesma crença de Port-Royal ácerca da perversidade nativa do homem, e só differiam da estoica phalange de Saint-Cyran na hypocrisia com que a dissimulavam.

O jesuita fingiu acreditar na bondade congenita do homem; reconhecendo-lhe os defeitos, condescendeu com elles, habilmente, como um politico que não perde de vista o seu fim.

Embora se diga que a educação jesuitica contrariava, no fundo, as tendencias espontaneas do espirito humano, é certo que, na fórma, se revelaram profundos conhecedores da alma humana e dos seus moveis; fazendo da contemporisação com as nossas fraquezas um principio pedagogico, anteciparam até certo ponto o ideal moderno que preconisa uma educação fundada n'um desenvolvimento livre, embora systematico das nossas faculdades e tendencias.

A condescendencia jesuitica foi portanto uma causa do seu successo, como a intransigencia jansenista arruinou a tentativa de Port-Royal; e a experiencia feita pela companhia de Jesus se por um lado provou a plasticidade do espirito humano sob a

acção de um systema educativo poderoso e logico, demonstrou igualmente que a efficacia dos resultados obtidos se deveu principalmente a que os jesuitas foram notaveis psychologos, dotados da habilidade e flexibilidade de espirito que os tornou aptos á dominação da consciencia collectiva, sem contrariar o livre exercicio da actividade mental.

A acção educativa, na esphera intellectual, é mais clara e evidente do que no campo moral.

É um facto de observação diaria que as intelligencias medianas, cultivadas com methodo e persistencia, são capazes de attingir um desenvolvimento notavel.

A phrase de Newton respondendo aos admiradores da sua grande descoberta da gravitação : *Pensando sempre*, fez suppôr a muito bons espiritos que o genio era o producto de uma longa paciencia.

Não faltaram mesmo grandes pensadores que sustentassem o principio da igualdade das intelligencias, como Descartes, Helvetius, Jacotot.

Para os que assim pensam, a educação é omnipotente e a causa unica que explica as differenças individuaes de desenvolvimento e capacidade mental.

No extremo opposto acham-se os partidarios do *sopro divino*, da theoria metaphysica da *intuição*, pela qual a aptidão é tudo, sendo minima a acção educativa.

Ora a sciencia moderna tende a estabelecer os principios seguintes :

A média da intellectualidade humana é susceptivel de um desenvolvimento notavel sob a acção educativa.

As disposições nativas e as hereditarias parecem predominar em certos districtos da actividade mental (faculdades artisticas, philosophicas).

É o ditado latino *nascuntur poetæ*.

Nasce-se poeta, musico, pintor, artista, na accepção elevada do termo.

O estudo, sem a disposição natural, não conseguirá nunca fazer um poeta ou um grande artista : e a palavra *inspiração*,

que lembra ainda o velho dogma d'uma acção sobrenatural, exprime hoje uma tendencia nativa, ou transmittida, não divina, mas inexplicada na sua essencia.

Para terminarmos esta parte do esboço das questões subsidiarias de que depende o problema da educação, faltava-nos examinar a influencia reciproca das duas ordens de phenomenos estudados. Que acção podem ter os sentimentos sobre as idéas ou inversamente?

Este ponto é capital no estudo que nos occupa e como todos os grandes problemas fundamentaes do espirito tem recebido as soluções mais oppostas.

D'um lado estão os discipulos de Herbart, que sustentam que a intelligencia, o sentimento e a vontade são um só e mesmo acto da alma sob differentes fórmas; no campo opposto os philosophos que affirmam como Herbert Spencer a absoluta independencia das espheras intellectual e moral, e portanto a nenhuma influencia d'uma sobre a outra.

D'um lado Pascal sustentando que o mundo se governa por idéas que se *transformam* em sentimentos; no campo contrario os criminalistas modernos que parecem admittir a acção da cultura intellectual circumscripta a operar a transformação da criminalidade violenta na criminalidade intelligente e voluptuosa.

No campo dos primeiros estão os grandes espiritos da Renascença, está o lutheranismo, está a pedagogia da Revolução; o exemplo da segunda tendencia revela-se nas primeiras phases do christianismo, na sua quasi apologia da ignorancia, da simpleza de espirito.

Um pedagogo suisso muito notavel, o padre Girard, levou a crença nos effeitos moraes da cultura da intelligencia quasi á obsessão: eis as palavras de Naville, seu discipulo:

«Elle concebeu que, por uma escolha de problemas baseada sobre o desenvolvimento das affeições sociaes na familia, na communa, no estado, poderia dar-se á arithmetica esta salutar direcção, fazendo germinar na creança o espirito de economia e prudencia, e ampliar-lhe as vistas para além do circulo aca-

nhado do egoismo, promovendo a formação de disposições benevolentes. »

Havia para o grande pedagogo de Friburgo uma *Arithmetica moral*, como havia uma *Geographia moral;* discipulo de Herbart, resumia o seu pensamento no aphorismo: o homem procede como ama, e ama como pensa.

Reagindo contra esta tendencia, que é a de Frœbel, Pestallozzi, Rousseau e todos os pantheistas mais ou menos explicitos, Spencer proclama o principio da independencia das duas espheras intellectual e moral, em termos talvez exaggerados.

Diz o grande pensador inglez (Introducção á sciencia social, cap. xv — *Preparação pela psychologia*):

« N'este instante, legislatura e nação cooperam igualmente em projectos baseados no postulatum de que o proceder é determinado pelos conhecimentos e não pelos sentimentos.

« A idéa que leva a proseguir com tanto ardor a organisação do ensino não é outra coisa. Qual é a idéa-mãe commum aos secularistas e denominacionalistas, senão o principio de que a diffusão de sciencia é a unica coisa necessaria para o aperfeiçoamento moral?

« Imbuidos de certos erros estatisticos, persuadiram-se de que a educação do Estado reprimiria o mau proceder. Repetiram nos jornaes as comparações entre o numero dos criminosos que sabem lêr e escrever e os criminosos analphabetos; vendo que o excesso é a favor dos segundos, concluiam que a ignorancia é a causa do crime. Não lhes occorre ao espirito inquirir se outras estatisticas, estabelecidas pelo mesmo processo, demonstrariam tão cabalmente que o crime é filho da ausencia da ablução e da roupa branca, da má ventilação das moradas, da falta de quartos de dormir separados. Entrai n'uma prisão e perguntai quantos prisioneiros costumavam lavar-se pela manhã; achareis que a criminalidade marcha parallelamente com a immundicie. Contai os que tinham roupa para mudar e vereis a pequena proporção em que elles figuram. Perguntai se habitavam nas ruas grandes ou no fundo dos saguões; quasi todos moravam em verdadeiras espeluncas. Um partidario da absten-

ção alcoolica, ou dos melhoramentos hygienicos, acharia na estatistica justificação não menos completa para as suas crenças.

«Mas se renunciardes á conclusão, casualmente tirada, de que ignorancia e crime são causa e effeito; se examinardes bem que poderieis analogamente attribuir o crime a outras diversas causas — sois levados a vêr que ha uma relação verdadeira entre o crime e um genero de vida inferior; que este é ordinariamente a consequencia d'uma inferioridade de origem; emfim, que a ignorancia é apenas um concomitante, como as outras causas do crime.»

E mais adiante, o philosopho resume em termos mais vigorosos e expressivos:

«Quem tentasse ensinar geometria dando lições de latim, ou a tocar piano por meio do desenho, seria justamente considerado doido; e comtudo não seria mais irracional do que os que contam produzir sentimentos melhores por meio d'uma disciplina das faculdades intellectuaes.»

Spencer, como chefe do evolucionismo, conta com os effeitos salutares da lucta pela existencia para a extincção dos fracos e a maxima perfeição da especie. Na politica, como na moral, confia demasiado na bondade dos processos da natureza. A condição mediante a qual se ha de obter a felicidade futura da especie humana, será o dominio dos fortes, e a gradual eliminação dos incapazes.

Surge aqui a mais grave difficuldade do evolucionismo, que se apresenta como um fatalismo naturalista e optimista [1].

Os mais fortes serão os melhores? *that is the question.*

A theoria evolucionista é a mais logica e perfeita que tem

[1] «O desenvolvimento das especies superiores é a aspiração para uma fórma de existencia capaz de realisar uma felicidade isenta d'estas lamentaveis necessidades.

«É na raça humana que esta felicidade deve consumar-se e a civilisação é a ultima *étape* para o seu coroamento.

«O homem ideal é o homem vivendo nas condições que referimos.

«No entretanto, o bem-estar da humanidade presente e o progresso para a perfeição final estão garantidos um e outro por esta disposição bemfazeja mas se-

sahido do espirito humano para explicar o que *são* os factos, a mais impotente para nos dizer o que elles *devem* ser.

Se as ultimas consequencias do *struggle for life* são o aperfeiçoamento moral do homem, havemos de concordar que o evolucionismo não póde evitar o esbarrar-se no phantasma da finalidade; se não são, o problema moral continúa insoluvel.

Seja como fôr, á psychologia, á physiologia, á anthropologia, compete averiguar se a intelligencia e a vontade são duas modalidades psychicas separadas por differenças radicaes ou vibrações interferentes do espirito capazes de se modificarem reciprocamente.

III

A psychologia evolucionista — O parallelismo da evolução collectiva e individual. Analogia entre o homem primitivo e a creança. A psychologia geral, a psychologia morbida e a psychologia infantil.

A pedagogia infantil — Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Frœbel e Girard, os grandes emancipadores da creança. O principio da espontaneidade. As instituições da infancia. A creança e a questão social. Pedagogos e reformadores. A concepção social e o problema de educação.

Se o problema das origens e dos fins foi, na antiguidade, e durante o periodo da psychologia metaphysica, a preoccupação dominante do espirito humano, a sciencia e a philosophia modernas, desde Bacon e Descartes até aos nossos dias, reagindo contra essa tendencia esterilisadora e inane, assentam na abdicação intellectual perante a busca do absoluto e fazem do

vera, á qual está sujeita toda a natureza animada; disciplina implacavel, lei inexoravel que nos conduzem para o bem, mau grado a inflicção de males parciaes e temporarios.

« A penuria dos incapazes, a ligeireza dos imprudentes, a imprevidencia dos indolentes, este esmagar dos fracos pelos fortes, que sacrifica um tamanho numero nos subterraneos o na miseria, são decretos d'uma benevolencia immensa e previdente. »

relativismo das nossas concepções a lei mater da constituição mental.

O mundo mineral, o organico e o superorganico appareceram segundo a nova interpretação, na variedade infinita dos seus typos, como uma cadeia de phenomenos ligados por uma continuidade surprehendente.

Até Augusto Comte os anneis da cadeia são verdadeiras categorias typicas — ha transição, mas a genese, a transformação dos typos não apparece ainda.

A grande descoberta do transformismo mecanico e biologico, realisada pela physica e pela zoologia modernas, é a segunda *étape* do movimento philosophico actual, e a verdadeira caracteristica do espirito do nosso seculo, o seu traço fundamental, destacando nitidamente das multiformes concepções do tempo presente.

Este criterio devia refundir e refundiu de facto, o estudo da psychologia [1].

A estructura mental, estudada sob a sua fórma rudimentar nos organismos inferiores, sob aspectos successivamente mais complexos na escala dos sêres vivos, apparece-nos no homem civilisado como resumo, a condensação d'um trabalho colossal de seculos, accumulado pela hereditariedade.

A lei da genese psychologica e o ideal humano encontram a sua fórmula presente, quasi definitiva, n'uma «adaptação das relações internas ás externas, para nos servirmos das palavras

[1] O criterio evolucionista não só refundiu a psychologia, como creou um ramo novo, que a velha psychologia introspectiva não podia descobrir — a theoria das manifestações psychicas inconscientes, que formam como que os *bas-fonds* da vida consciente.

O phenomeno da consciencia apparece como o ultimo annel da evolução espiritual do universo, e a concepção spenceriana assenhoreou-se por tal fórma dos espiritos, que o proprio snr. Anthero Quental, que é a mais profunda organisação philosophica do nosso meio e creou os seus habitos de espirito na cultura da metaphysica allemã, não póde subtrahir-se á influencia evolucionista, claramente evidenciada no seu esplendido estudo sobre as *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX*, publicado n'esta Revista.

do fundador da psychologia evolucionista, estendendo-se a pouco e pouco no tempo e no espaço, tornando-se cada vez mais especial e complexa, e cujos elementos se coordenam sempre com uma precisão maior e uma integração mais completa».

Servindo-se d'este criterio pôde o grande pensador reconstituir na *Sociologia* o homem primitivo emocional e intellectual, e verificar a verdade das suas deducções pelo confronto com o selvagem actual, guiado pela noção do parallelismo evolutivo da especie e do individuo.

Este parallelismo já entrevisto por grandes espiritos, anteriormente á concepção transformista do universo, suggerira ao grande Comte a idéa de applicar a lei dos tres estados tal como a descobriu na evolução collectiva, ao desenvolvimento individual.

O parallelismo da evolução da especie e do individuo (phylogenese e ontogenese) subiu de vaga intuição a um facto adquirido pela embryologia, que descobriu no homem todos os typos de organisação zoologica durante a existencia intra-uterina e na sua evolução extra-uterina, todas as *étapes* do desenvolvimento da humanidade.

Sendo a evolução individual um epitome da evolução collectiva, vê-se quanta importancia assume para o estudo da psychologia a analyse das sociedades inferiores, dos degenerados, outras tantas petrificações ou revivescencias das phases primitivas da evolução humana.

O estudo do homem primitivo, de certas categorias de loucos, dos criminosos natos e dos degenerados, lançou vivissima luz sobre o estudo da psychologia infantil, e a sciencia fria e serenamente reconstituiu o dogma do peccado original, sem resuscitar o da graça, perfilhou o pessimismo de Port-Royal sem revestir a candura estoica dos seus fundadores.

A creança é a miniatura do selvagem e no selvagem reside o espirito da creança agitado pelas paixões do adulto.

Na creança como no selvagem a distancia que separa a representação mental das imagens da sua realisação sob a fórma

de movimento ou d'acção, é minima e imprime aos seus actos a fórma da acção reflexa.

D'ahi a igual *impulsividade* que os caracterisa.

Da *impulsividade* deriva naturalmente a *imprevidencia;* da *imprevidencia* o amor da liberdade individual, a *independencia* que tanto difficulta a cohesão dos primeiros aggregados sociaes; vem depois o sentimento ego-altruista da vaidade lisongeada pela admiração tributada pelos outros, caracter eminentemente selvagem e infantil, e por fim a aversão pela novidade, o apêgo ao *statu quo.*

Se passamos do homem primitivo emocional ao homem primitivo intellectual, o parallelismo continúa a affirmar-se.

A extrema actividade das faculdades perceptivas contrastando com a inercia das faculdades reflexivas, aproxima o selvagem da creança (Bernardo Perez); vem seguidamente as faculdades imitativas, a incapacidade de abstracção e generalisação.

D'esta incapacidade decorre como corollario natural a ausencia de idéas geraes; sem estas não póde gerar-se no espirito a idéa da causalidade, condição indispensavel para que se forme a crença na regularidade e constancia dos phenomenos naturaes.

Sem esta crença, o espirito não distingue o possivel do impossivel; e a *credulidade* selvagem ou infantil é uma qualidade intellectual explicavel e logica.

Da *credulidade* nasce a *indifferença* perante o extraordinario, e da *indifferença* a falta de curiosidade intelligente e perscrutadora.

As acquisições da anthropologia criminal dão uma força nova ás conclusões da psychologia evolucionista, pela concordancia entre caracteres que aproximam o degenerado, o selvagem, a creança — as tres modalidades concretas da mentalidade inferior.

E apesar de tudo isto, apesar dos estudos mais directos dos psychologos da infancia, como Preyer ou Perez, apesar das observações finas e das magnificas analyses de Mme Guizot,

Mme Necker de Saussure, Mme Pape-Carpantier, a psychologia da creança ainda não está feita de molde a estabelecer-se sobre ella a pedagogia racional.

Estamos a atravessar um periodo de transição na questão psychologica e pedagogica.

D'um lado temos a influencia dos grandes pedagogos d'este seculo, influencia derivada da comprehensão que tiveram da natureza infantil, á qual chegaram por uma intuição sentimental, por um grande amor pela creança — é a acção de Pestalozzi, Frœbel e Girard.

Do outro lado temos os progressos da psychologia geral, e da psychologia infantil, que tem uma importancia capital por considerar o homem no periodo da sua maxima plasticidade.

Embora não constituida, a psychologia entrou definitivamente n'uma phase scientifica, e não será despropositado inventariar rapidamente os materiaes accumulados, quer aquelles que interessam directamente á solução do problema, quer os que contribuem para o esclarecer ou delimitar.

A psychologia ingleza e allemã occupam a vanguarda do movimento.

Mesmo os que podem contestar a legitimidade do criterio evolucionista não podem negar a importancia capital dos trabalhos de Bain, de Spencer, de Mill; nem o positivismo orthodoxo ou o materialismo intransigente podem reputar como estranhas á sciencia as locubrações da psychologia allemã, os trabalhos de Lotze ou Wundt, impregnados de certa preoccupação metaphysica que fórma o temperamento intellectual da raça.

Seria injustiça não incluir n'esta enumeração de trabalhos os estudos dos physiologos do cerebro, os Luys, Bastian, Ferrier; e os estudos de pathologia mental, que tamanho incremento têm tomado e que estão destinados a operar uma revolução profunda na penalidade e na educação, graças ás investigações dos Lombroso, Garofalo, Ferri, Kraft-Ebing e Maudsley.

No campo mais restricto da psychologia infantil, cuja importancia foi plenamente comprehendida por Comenius e Rousseau, uma vasta litteratura se ostenta, mais directamente filiada

na escóla da pura psychologia, do que na tradição e empirismo pedagogico cuja acção ainda nos envolve.

Desde a *Educação progressiva* de Mme Necker de Saussure, que longo caminho percorrido!

A creança estudada na sua evolução mental e organica, não já desde o berço, mas desde o ventre materno, por Ferri, Perez e Preyer [1]; os trabalhos de Egger, de Pollock, Taine e Max-Müller, sobre a acquisição e desenvolvimento da linguagem; os gestos e a expressão explicados por Darwin; a evolução do sentido das côres, por Magnus; a loucura infantil observada por Morel e Paulmier; o mecanismo da attenção por Grant e Chadwick; a infancia criminosa esclarecida por Lombroso e a escóla italiana — eis o que se tem feito nos ultimos quarenta annos sob o ponto de vista que nos occupa.

E isto ainda sem fallarmos das investigações de Tarchanoff sobre os centros psychomotores dos animaes recem-nascidos; dos estudos de Houzeau sobre as faculdades mentaes dos animaes, e de muitos outros que, embora subsidiariamente, têm contribuido com as suas analyses para aprofundar as condições do problema e ampliar as bases sobre que assenta.

A pedagogia moderna, apesar d'estes riquissimos materiaes acarretados pelo trabalho de tanto homem de genio, não se emancipou ainda do empirismo que a envolve estreitamente.

Os grandes precursores da escóla infantil representam antes a intuição sentimental, importantissima n'este campo, do que a comprehensão analytica da natureza da creança.

Quem fez de Rousseau, de Pestalozzi, de Frœbel, de Gi-

[1] Perez, no primeiro capitulo da sua *Psychologie de l'enfant,* intitulado *Les facultés de l'enfant avant la naissance,* exprime-se por esta fórma:

O feto pertence á psychologia? A resposta não é duvidosa para os physiologistas que não admittem orgão regular sem funcções mais ou menos desenvolvidas, e que vêem no feto o conjunto, ao menos esboçado, dos orgãos da sensibilidade. Tambem não deixa duvida aos philosophos da escóla experimental, que concedem tanta importancia ás manifestações da vida inconsciente como ás da vida consciente do espirito, e que consideram os movimentos na apparencia automaticos do sêr intra-uterino como revelações evidentes d'uma sensibilidade rudimentar. .

*

rard, as figuras culminantes collocadas no limiar da pedagogia moderna, foi a intuição vaga do principio da espontaneidade, que vinha reagir contra a longa herança da educação antiga, artificiosa e inhumana.

A creança, comprimida pelos velhos processos em que não vislumbrava o menor respeito pela sua individualidade, teve n'aquelles grandes e generosos espiritos os seus eloquentes e apaixonados emancipadores.

A individualidade infantil, que elles prégaram com tanta alma e vehemencia, foi idealisada até ao optimismo mais candido.

O amor pela infancia, não os levou só a emancipal-a, mas a estudal-a: deixaram como acquisição definitiva a noção da individualidade infantil, da sua evolução harmoniosa e livre, embora não definissem, o que a sciencia ulteriormente não conseguiu — a *fórma* d'aquella individualidade e o processo d'aquella evolução.

Pestalozzi, que foi o maior amigo da infancia, foi ao mesmo tempo a mais alta personificação do empirismo pedagogico, e a sua obra póde considerar-se como a tentativa sempre renovada e destruida para achar o caminho que conduz ao espirito da creança.

A pedagogia racional não prescinde comtudo do empirismo nem a sua condemnação póde caber no nosso espirito: a experiencia dos processos de ensino ha de caminhar parallelamente com os progressos da psychologia.

Quando esta tenha resolvido plenamente o problema do habito, do instincto, da memoria, da associação de idéas, ainda a experiencia terá que confirmar a efficacia dos systemas que a solução d'aquelles problemas tiver suggerido.

Ainda que não resolvida, a grande questão psychologica e pedagogica do ensino infantil, quer no campo da theoria, quer no da pratica, tem alcançado algumas soluções importantes, n'um ou outro districto da sua vasta esphera.

A intuição sensivel, antevista por Comenuis e Rabelais, achou em Rousseau um prestigioso defensor e em Pestalozzi e Frœbel os seus mais completos organisadores.

A *schola materni gremii* de Comenuis foi realisada nos jardins de infancia, nas *salles d'asile, écoles gardiennes, écoles maternelles*, etc., etc.

O ensino das coisas, a lição pelos sentidos, pelo aspecto (lições de coisas) realisada por meio dos museus escolares e das magnificas collecções de gravuras, os exercicios physicos, a educação das faculdades imitativas, a preparação para a geometria pelo alphabeto concreto das fórmas (*dons* de Frœbel), a cultura das aptidões artisticas e inventivas pelas construcções, pela modelagem, pelo *tressage, pliage* e *découpage*, como lhe chamam os francezes, tudo isto são applicações da moderna pedagogia, que ao mesmo tempo proscreveu e arredou para longe o *flagello da cartilha tradicional* (no dizer de João de Deus) e as subtilezas da oração incidente!

O que a pedagogia moderna revela em todas estas applicações, não é sómente um conhecimento mais completo da natureza infantil; é sobretudo um grande amor pela creança, amor que sente crescer-lhe ao passo que as condições sociaes tornam mais rude o combate pela vida.

As instituições tendentes a proteger a infancia datam quasi todas d'este seculo, e desenvolvem-se parallelamente com o monstruoso progresso das grandes industrias.

Na França, Marbeau funda as primeiras *crèches* e a Europa segue-lhe o exemplo.

A sociedade protectora da infancia abandonada ou criminosa de Georges Bonjean (1878) com as suas escólas ruraes, a grande obra de Fellenberg, em Hofwyl, que regenerou a Suissa moderna, a protecção aos menores na industria, as *day-nurseries* inglezas, a regulamentação concernente ás creanças empregadas nas profissões ambulantes, as *garderies* [1], os hospitaes infantis, as escólas correccionaes, que significa tudo isto senão que a sociedade moderna, tomada de espanto pelas proporções

[1] Pequenas escólas onde são guardadas as creanças com o fim principal de as premunir contra os perigos materiaes da rua. (E. de Resbecq, *Dict. de Buisson*).

que assume o conflicto social dos nossos tempos, acolhe a infancia no seio turgido embora frio, da beneficencia automatica do Estado?

N'este ambiente estonteado a familia desintegra-se, a estructura social dissolve-se.

Um vento pessimista varre todos os espiritos. O optimismo dos economistas da escóla classica, que tornam o aperfeiçoamento das condições sociaes dependente do jogo dos egoismos individuaes, da livre concorrencia, do *laissez-faire*, cedeu o passo ao espirito de revolta, de desesperação que transluz em todos os grandes agitadores.

Para Marx a accumulação da riqueza n'um dos pólos da sociedade progride parallelamente com a accumulação, no outro pólo, da miseria, da escravidão, e da degradação moral da classe, que, com o seu producto, faz nascer o capital.

Se, por exemplo, Schultze Delitzsch pretende que sob o regimen social presente, o operario póde, pelo proprio esforço, melhorar a sua sorte, Lassalle, invocando a lei de bronze, nega terminantemente essa possibilidade.

Na extrema esquerda dos agitadores avulta o anarchista Bakounine, illuminado por uma estranha reverberação mystica, empunhando o facho da pan-destruição como unico remodelador das instituições existentes.

Devemos vêr n'isto um phenomeno caprichoso da pathologia collectiva ou o germinar confuso de uma força colossal que vem nascendo do desequilibrio moderno, cavado pelo capitalismo?

Seja como fôr, ha um ponto em que todos os espiritos concordam — e é que os prenuncios de uma remodelação se desenham claramente, e a todos preoccupa a perspectiva do futuro.

A questão politica das fórmas de governo, que tanto agitou a Europa no periodo a que podemos chamar doutrinario, cedeu o passo á questão social e moral, que monarchias e republicas inscrevem na primeira folha do seu programma.

Ao estranho espectaculo offerecido pelo mundo moderno

não ficam indifferentes os espiritos generosos e elevados, a quem a felicidade humana justamente preoccupa.

A intelligencia humana nunca teve tamanha confiança na sua força, como hoje, depois das conquistas da sciencia no dominio da materia, no campo da invenção; a sensibilidade nunca foi tão delicada e tão fina, a vontade nunca operou maiores prodigios.

E comtudo o homem descrê e toda a força da sua intelligencia vai embater de encontro á duvida; o homem é mais impressionavel e dôce, e nunca o egoismo foi tão feroz, nem em tempo algum se viu a impassibilidade que affectamos perante a miseria, reputando-a uma ulcera necessaria; a mesma vontade que opéra prodigios sente-se esmagada perante a fatalidade da evolução e appella para o suicidio ou para a revolta aberta.

Atravessamos pois uma phase psychologica momentosa e critica, como o foram as que deram logar aos grandes movimentos religiosos, ás vastas deslocações de povos, ás violentas reivindicações dos tempos passados: o educador, o publicista, o homem de estado dão-se as mãos n'este terreno instavel e ardente.

Os escriptores socialistas formulam planos de educação como Saint-Simon, ou Cabet, ou Saint-Just, ou Fourier com o seu phalansterio; os grandes mestre-escólas fazem, como Frœbel, ou Pestalozzi, ou Comenius, programmas monumentaes de regeneração politica, patriotica ou social, tocados do influxo de um messianismo inconsciente.

Os mesmos espiritos que meditam sobre a maneira de educar e dirigir os homens, concebem planos ideaes de um mundo imaginario em que não existirá o pauperismo, nem o patronato, e onde a humanidade vegetará n'uma beatitude inalteravel.

Seja como fôr, é certo que visando nós apenas a um inventario das questões entrelaçadas com o problema supremo da educação, viemos, por um declive inevitavel, a parar defronte da formidavel questão do nosso tempo — a questão social.

Este choque era inevitavel e necessario: um plano de educação que não attendesse á estructura social com a qual deve

fundir-se n'uma adaptação reciproca tendendo ao aperfeiçoamento humano, nunca poderá ser um plano completo.

A propria fórma de encarar o problema da educação differirá fundamentalmente segundo a concepção social que tivermos: para os philosophos gregos, como para os sonhadores de hoje que reeditaram as utopias de Platão, fazendo do individuo uma molecula do Estado, a concepção pedagogica não póde ser a mesma que para o darwinista, o malthusiano ou o sectario do individualismo *à outrance,* em que o individuo surge como um combatente, que é necessario armar e preparar de *toutes pièces,* para a conquista sangrenta do logar que lhe cabe no banquete da vida.

Manoel de Oliveira Ramos.

TRADUCÇÕES DO ROMANCERO

DE H. HEINE

O VILLÃO DE BERGEN

De altissimo castello a par do Rheno
pelas salas,
entre brandões, a musica estrondeia;
o turbilhão das mascaras volteia;
fulgem galas.

Dança na festa a esplendida Duqueza
sem cessar;
tem agil moço de garboso aspecto,
de porte cortezão no tom discreto,
por seu par.

Ninguem na muda mascara o semblante
lhe adivinha.
O olhar o negro do velludo esmalta:
fino punhal buido que resalta
da bainha.

Folga a carnavalesca mascarada,
turbilhões
de damas passam rindo disfarçadas.
Trasbordam cantos, palmas, gargalhadas
dos balcões.

Rebramam as trombetas sonorosas;
estremece
todo o paço ao fremir dos violinos.
Mas já desmaia a festa, e o som dos hymnos
esmorece.

« Alteza, deixai-me ir », lhe diz e inclina-se
a seus pés.
E a Duqueza a sorrir: « Gentil parceiro,
não soffrerei que partas sem primeiro
vêr quem és. »

« Alteza, deixai-me ir. Meu gesto rude
faz espanto. »
E a Duqueza a sorrir: « Não me acobardas.
Quero saber quem és, e tanto tardas,
tanto, tanto... »

« Alteza, deixai-me ir. Da noite e morte
todo eu sou. »
E a Duqueza a sorrir: « Não me concedes
saber quem és, a permissão que pedes,
não t'a dou. »

A recusas oppõe vivas instancias
Sua Alteza;
e em rasgo prompto da mãosinha branca,
do torvo rosto a mascara lhe arranca
de surpreza.

« O Algoz de Bremen! » Treme, ruge, trôa
tal clamor.
No ennovelado turbilhão que anceia,
corre a Duqueza, chama o esposo, cheia
de pavor.

O Duque em tal empenho co'a prudencia
se aconselha.
Procura haver desforra accommodada.
Ao estranho diz, erguendo a fina espada:
« Ajoelha.

Com este ferro te armo cavalleiro.
Mas terão
sendo villão, como és e sempre has sido,
de ti, senhor, teus netos o appellido
de villão. »

E do verdugo-cavalleiro a estirpe
medra, avulta,
no patrio Rheno, em força, e lustre, e gloria.
Hoje em crypta ducal, ampla e marmorea,
jaz sepulta.

WALKYRIAS

Em baixo a batalha. Nos ares montadas
em pardos cavallos de nuvens cerradas,
as magas Walkyrias, em vozes troantes,
espargem, voando, seus bronzeos descantes:

« Em cata do imperio, por ancia do mando,
regentes e povos luctando, luctando.
O bem só consiste na força, de todo
só póde virtude chamar-se o denodo.

Não guarda da morte, nos riscos da briga,
nem cota de ferro, nem rija loriga.
Do heroe esvae-se ás vezes o sangue divino,
e poupa cobardes estranho destino.

Triumphos, applausos, corôas de louro!
Torreja no sólio de purpura e d'ouro
quem prostra valentes, e em rudes batalhas
conquista provincias, talhando mortalhas.

Saudam caudilhos, e povo, e senado,
a invejas, o filho mimoso do fado.
Da aberta cidade, findada a peleja,
offertam-lhe as chaves em aurea bandeja.

Nas altas muralhas ondulam bandeiras;
restrugem os echos das trompas guerreiras;
os sinos repicam nas torres festivas;
a plebe desata-se em palmas e vivas!

Garridas mulheres, das amplas janellas,
lhe lançam, ridentes, festões e capellas:
e o heroico soldado, de fito na preza,
sauda-as, passando, com fria altiveza!»

O DEFENSOR

Exultas, folgas, ris, Plantagenet; talvez
creias ter morta em nós a fé; debalde o crês.
Embora, por servir-te, um docil escudeiro
jure ter lido: «Arthur» em tumular letreiro.

Arthur não se finou: ainda por teu mal
não jaz seu corpo morto em leito sepulchral.
Ha pouco eu proprio o vi, por brenhas e campinas,
vivo, a encalçar sem pausa as leves selvaginas.

Vestia perpoem de sêda verde-mar;
a bôca, sorridente; e rutilante, o olhar.
Ia-lhe empós tropel de bravos cavalleiros,
lançados na carreira os seus lazões fragueiros.

Soava a ahenea tuba o caçador real.
Trará, trará, responde o plaino, a serra, o val.
Os filhos de Cornualia, altivos luctadores,
nos rudes corações entendem taes clangores.

Recordam-se que o tempo annunciado está.
Verão chegar em breve o rei, trará, trará.
El-rei Arthur, com todo o glorioso bando,
virá tirar-te, ó patria, ás mãos do crú normando.

MARIA ANTONIETTA

Quão dôcemente esplendem as janellas
das regias Tulherias!
Perpassam d'hirtas damas e donzellas,
á luz do sol, as sombras fugidias.

Entra encantada ao pavilhão de Flora
Maria Antonietta.
O matinal *lever* faz inda agora
co'os ferozes requintes da etiqueta.

Damas ora de pé, ora sentadas
em rasos tamboretes.
Joias de preço e rendas delicadas
fulgindo no brocado dos corpetes.

Nos finos talhes tufa o guarda-infante;
nas orlas apparece
o pé de talão rubro e saltitante...
Oh! se n'alguma a cabecinha houvesse!

Mas falta mesmo na real beldade.
Nem ella! Em tal maneira
como podia sua magestade
pavonear frisada a cabelleira?

Ella, a neta dos Cesares, a filha
de Maria Thereza,
que soubera ostentar á maravilha
do topete a terrifica altiveza,

é força que afinal descabeçada
ás vistas se offereça
na roda tão gentil, mas não frisada,
de damas igualmente sem cabeça!

De oitenta e nove a consequencia é esta,
a pratica e a doutrina.
A culpa é d'essa triade funesta
João Jacques, e Voltaire e a guilhotina!

Custa-me crêr que adentro d'essas portas,
tantissimas coitadas
não reparassem que já estavam mortas,
que se achavam até descabeçadas!

A antiga ostentação de estereis prendas,
insossas complacencias...
Que burlescas a um tempo e que tremendas
são taes descabeçadas reverencias!

Dama de *atour* rendada camisinha
nas alvas mãos segura;
passa-a outra dama, em venias, á rainha.
Desviam-se ambas curvas em mesura.

Terceira e quarta dama, debruçadas,
de acatamento cheias,
a sua magestade ajoelhadas,
calçam-lhe os pés nas delicadas meias.

Dama de honor traz saias de brocado,
traz em venia o corpete;
calça-lhe outra o sapato recamado
no pésinho insoffrido no tapete.

A camareira-mór, serena e fria,
abana o seio, e, ao cabo,
á falta de cabeça com que ria,
ri complacentemente pelo rabo.

Mas entre a fina purpura, que pende
nos balcões redourados,
o sol que espreita, ao vêr tanto duende,
recúa á pressa os raios aterrados.

EL-REI RICARDO

A solto galopar vôa atravez
de selvas, ricas de virente pompa;
de cantos, do clangor da rouca trompa,
de risos enche a nemoral mudez.

Ao bronzéo peito arnez de bronze allia,
calça em ferrea manopla a ferrea mão:
é el-rei Ricardo, o peito de leão,
flôr e escol da christã cavallaria.

«Bemvindo sejas», clama o fresco val,
a selva refolhuda, o cerro calvo,
«folgamos de saudar-te e vêr-te salvo
das rudes mãos do austriaco brutal.»

E o Rei, lembrando o horror do captiveiro,
aspira a peito cheio a vida, a luz;
e, no apertar dos acicates crús,
rasga os ilhaes do corredor ligeiro.

A CONDESSA PALATINA JUTTA

Sob a mudez da lua que domina
o céo azul sereno,
sulca em barca ligeira a Palatina
condessa Jutta alegremente o Rheno.
Uma aia empunha os remos, sorridente
Jutta lhe diz: «Não vês estes finados
atraz de nós boiando inteiriçados?
Como os finados boiam tristemente!

Eram mancebos de galhardo porte.
Amor d'eterna dura
os sete me juraram; mas na morte
sómente vive tão comprida jura.
Os que assim vêm na tona da corrente,
tive-os unidos meigamente aos seios;
mas para os ter constantes, afoguei-os.
Como os finados boiam tristemente!»

E a aia a remar. Sarcastica risada,
que o echo a rir repete,
solta a condessa na agua debruçada.
E da agua elevam meio corpo os sete.
Erguem os dedos em protesto ardente,
fitam no rosto intensamente amado
o olhar de vidro, rijo, embaciado...
Como os finados boiam tristemente!

O MOURO REI

O moço rei demanda as Alpujarras invias.
A dôr lhe estua inulta
o emmudecido peito. O gesto ancioso segue-lhe
a maura turba-multa.

Transporta-se após elle em hacaneas timidas,
em liteiras cerradas,
o feminil harem; em tardos mús transportam-se
negrinhas e creadas.

Cem campeões leaes em corredores arabes
guardam as regias bellas.
Mas treme-lhes o peito, os rudes membros tremem-lhes
sobre as douradas sellas.

Nem festival clarim, nem sonoroso tympano,
nem canticos, nem risos.
Sómente, ao compassado andar das mulas, queixa-se
o timtinnar dos guisos.

Na aguda cumiada, onde seus olhos turbidos
medem o val do Douro,
vendo subir no azul mirantes e pinaculos
da Alhama, o triste Mouro

eleva-se no arção, e a trasbordar de lagrimas,
de dôr e de saudade,
contempla no occidente, em ondas de ouro e purpura
a imperial cidade.

Allah! não vê surgir da meia-lua islamica
a fórma enamorada;
mas o hispano balsão, undante de entre flammulas,
nas torres de Granada.

Ao doloroso aspecto o peito em ancias arfa-lhe;
a tez da face rude
banha-lhe o pranto a flux, como caudal que em fremitos
galga, espumando, o açude.

A empedernida mãe sobre a hacanea alvissima
o attento ouvido estende,
e, ouvindo-o soluçar aos céos tardias supplicas,
austera o reprehende:

« Rei Boabdil-el-chico, em femininas lastimas
carpes o captiveiro
da Alhama, que salvar não soube em lucta impavida
o teu valor guerreiro. »

Ao barbaro rugir, deixa os coxins de subito
a meiga favorita;
ao collo a arfar do amado, em offegante anhelito,
veloz se precipita:

« Rei Boabdil-el-chico », assim lhe diz, « consola-te:
virente, immorredouro,
dos abysmos sem fim do teu destino eleva-se
a engrinaldar-te o louro.

Não só no vencedor da imperecivel gloria
resplende o plenilunio:
corôa amiga luz a fronte a heroicas victimas
aos filhos do infortunio.

Do fero campeão, que sem pavor na patria
succumbe ás mãos do fado,
resôa de éra em éra entre perennes canticos
o nome abençoado. »

Do mauritano rei vencido denomina-se
inda hoje a cumiada,
d'onde em ultima vez, o soluçante profugo
pôde enxergar Granada.

O tempo, amigo e bom, perfez com fino escrupulo
a augusta prophecia:
do pobre rei memora o fado triste a musica,
a hispana poesia.

E ha de viver, por certo, a lenda, que ha já seculos
a Hespanha absorta narra,
emquanto, Andaluzia, em teus myrtaes balsamicos
gemer uma guitarra.

O VAGUEAR NOCTURNO

Mudo ondulava o mar. Do céo na obscura abobada
a lua a medo apparecia.
Entrámos para a barca: a vaguear nos iamos;
eramos tres de companhia.

Ás mãos do remador, do remo a pá monotona
na onda espumea e a arfar batia.
Cortava a prôa a vaga, e erguida borrifava-nos
a vaga aos tres de companhia.

E ella na barca, o rosto intensamente pallido,
de pé, immota e absorta, erguia.
Dissereis de Diana a imagem que no marmore
ostenta a fórma austera e fria.

A lua occulta o disco em pardas nuvens. Gela-nos
passando rija a ventania.
Na densa escuridão por sobre nós a subitas
um grito agudo no ar subia.

A alvacenta, a spectral gaivota erguera o lugubre
grito, que no ar sem luz se ouvia.
O qual como o rugir de negro aviso aterra-nos
e gela os tres de companhia.

Queima-me o sangue a febre. Acaso em visões tetricas
se esvae a minha phantasia?
Zomba um sonho de mim? Turva-me acaso o espirito
uma sinistra zombaria?

Zombaria cruel! N'um pesadelo julgo-me
potente Redemptor: subia,
paciente e fiel, de cruz aos hombros tremulos
a custo a amargurada via.

Á suave beldade aterram crúas ancias;
de tudo eu logo a redimia,
do peccado, da dôr, de angustias e de opprobrios,
de toda a humana villania.

Pobre beldade! o horror d'este remedio amarga-te,
e todo o fino sêr te esfria.
Eu te propino a morte, e ao teu, no instante tragico,
meu coração, ao teu, se allia.

Ó loucura cruel! ó sonhos vãos e lugubres!
Ó minha escura phantasia!
Cava-se triste a noite; o mar braveja espumeo...
Teu santo amparo, ó Deus, me envia!

Assiste-me, Senhor compadecido, assiste-me!
Senti, em transes de agonia,
Adonai! Adonai! um baque na agua, e a agua
passa a espumar, triste e sombria...

Rompeu o sol emfim, á praia emfim voltavamos.
Manhã de maio alegre ria.
Mas, quando da barquinha a fluctuar sahiamos,
eramos dois de companhia.

OS GRANADEIROS

Volvem a França os dois, ha muito, prisioneiros
sob o nevar da Russia entre esquadrões do Czar.
Entrando em Allemanha, os bravos granadeiros
trazem pendente a fronte e embaciado o olhar.

Estranha nova os punge e lhes desmaia o peito:
A França aniquilada aos pés do vencedor;
o bravo, o glorioso exercito, — desfeito;
e captivo, captivo o grande Imperador!

Embebe em solto pranto e inconsolavel pena
a ambos tão duro golpe. Um soluçando diz:
«Feridas de Marengo e de Arcole e d'Iena!
é tempo de morrer — sinto que reabris!»

O outro que a dôr prostrou: — «Findaste a lida inteira;
podes finar-te já, meu pobre coração!
Mas, não; filhos, esposa aguardam-me á lareira.
Sem mim, sem mim bem presto á mingua acabarão.

Mas filhos, lar, mulher, tudo isso que me importa?
Consome-me outra magoa, abate-me outra dôr.
Têm fome? vão bater, pedir de porta em porta.
Oh, captivo, captivo o grande Imperador!»

«Escuta, meu rapaz, meu bravo camarada:
se em sólo estranho em pouco á vida encontro fim,
arrasta-me comtigo á nossa patria amada,
á nossa amada França, irmão, amigo, sim?

A cruz da Legião de honra em seu vermelho laço
prenda-me ao peito extincto a tua amiga mão;
Conchega-me á espingarda o inanimado braço;
depõe-me a espada ao lado, — a par do coração.

Quero jazer assim, perpetua sentinella,
no tumulo inquirindo as sombras e a mudez,
até que o bronze troe, vozeie o bota-sella,
restrujam da batalha os echos outra vez.

Escarve-me o corcel do Imperador soldado
a deslembrada cova. Aos rufos do tambor,
aos roncos do canhão, resurgirei armado
para morrer por ti, ó grande Imperador!»

BALTHAZAR

Discorre a noite em meio, e Babylonia, a enorme,
a prostituida, absorta em mudo somno, dorme.

No alcaçar régio entanto a grei servil que excita
o vinho e a pompa e a luz, jubila, ri, estrepita.

Preside Balthazar, na ampla marmorea sala,
do imperial festim á inenarravel gala.

O cortezão tropel, em variegado alinho,
haure crateras de ouro a trasbordar de vinho.

Das taças o tinnir, o férvido alarido,
como fugaz murmurio, afaga o régio ouvido.

O semblante real se tinge de escarlata.
Tufa-lhe o peito a audacia, os labios lhe desata.

Contra o Senhor vomita o mais brutal sarcasmo,
a affronta mais sangrenta. Em vivo enthusiasmo,

celebra do ebrio rei a estulta soberbia,
e torpe desatino, a baixa escravaria.

Co'o purpurino gesto acena el-rei de leve.
Sae apressado um servo e torna á sala em breve.

Conduz, ao estrondear dos mais blasphemos cantos,
do Templo do Senhor os vasos sacrosantos.

Por infligir a Deus sacrilego desdouro,
de espumeo vinho el-rei trasborda um vaso de ouro.

Nos estos do furor, que a mente vã lhe abraza,
nas frouxas mãos o eleva e d'um só trago o vasa.

« De Babylonia o rei te affronta e desafia.
Castiga-lhe os desdens, ó Jehovah! » E ria.

Apenas foi porém a atroz blasphemia dita,
indomito pavor o régio peito agita.

Cessaram por encanto as joviaes risadas.
Mudez funerea inunda as fulgidas arcadas.

E a mysteriosa mão d'um sêr ignoto — Vêde! —
a meio do festim se acerca da parede.

No lagedo mural, que subito esplendece,
letras de estranha fórma escreve, — e desparece.

Observa-o el-rei do solio em tremula anciedade;
a lividez da morte o rosto audaz lhe invade.

A turba cortezã, fria de medo, treme.
Paira em tudo o terror. Nenhum murmurio freme.

Dos magos o saber mais fundo e mais certeiro
não logra interpretar o mystico letreiro.

Mas n'essa horrenda noite impavida estrangula
no leito a Balthazar a cortezã matula.

OS TROVADORES

Á liça o trovador, que amor convida,
descende sem reccio.
Que feros golpes! Que bizarra lida!
Que singular torneio!

A phantasia, que na lida o anima,
é seu veloz corcel.
Brande, por lança e espada, metro e rima;
tem na arte o seu broquel.

Assistem dos balcões em torno á liça
mil damas debruçadas;
mas entre ellas não trazes, ó Justiça,
corôas enlaçadas.

É rijo e forte e fero, quando extremos
exerce, o audaz campeão.
Nós, pobres trovadores, sempre havemos
lanhado o coração.

E quem de nós do peito mais derrama
o sangue de seus hymnos,
é esse o vencedor, que um riso acclama
em labios femininos.

A CANÇÃO DO ARREPENDIDO

Larga Ulrique ao murzello a frouxa redea.
Da folhagem,
que festival murmura,
ridente o espreita feminil imagem
de esbelto porte e gaia formosura.

E o cavalleiro, ao vêl-a, diz: Conheço-te,
seductora;
o matto em vão te occulta;
contemplo-te no anciar da turba-multa,
na mudez te contemplo, esbelta e loura.

Lembram duas rosinhas os teus labios
purpurinos;
mil phrases todavia
resvalam de seus cantos pequeninos
eivados de amarissima ironia.

Por isso a bôca tão gentil semelha-se
rosea mouta,
onde subtis serpentes,
no sibilar dos aguçados dentes,
babam tambem peçonha a gotta e gotta.

Na branca face aberta cova, em extasis
mudo vejo:
em tão gentil covinha,
paz, conforto, alegria, amor, desejo,
ha muito sepultei, por vida minha!

Na soberba cabeça a mais esplendida
trança ondeia,
que em vão, em vão evito:
ha muito me traz preso o cão maldito
aos élos de ouro e luz de tal cadeia.

O olhar tranquillo, como lago limpido,
manso e liso,
no seu fulgir eterno,
julguei que era o portal do paraiso
e era a porta afinal do horrendo inferno...

O moço Ulrique á redea solta lança-se.
Na folhagem,
que em soluçar persiste,
livida, muda, macerada, triste,
adeja, paira mais aérea imagem.

E o cavalleiro diz: «Teu filho!... Amaste-me,
ó senhora,
de amor que eterno estua;
a minha vida, estulta e peccadora,
tornou mais curta e amargurada a tua.

Podesse aos olhos enxugar-te as lagrimas
o ardor vivo
d'um vivo sentimento!
tingir-te o rosto magro e macilento,
co'o sangue todo, o coração prantivo!»

Não pára nunca o moço Ulrique; os pincaros,
finda a sesta,
negrejam na montanha;
e o vento, soluçando na floresta,
tem vozes cheias de tristeza estranha!

Sente o moço pelo ar repercutindo-se
os seus gritos;
das moitas convisinhas
vão em bando as dispertas avesinhas
chilrando em gaiatissimos atitos:

«Canta Ulrique um descante graciosissimo,
o descante
do grande arrependido;
quando elle o terminar, no mesmo instante,
o haveis de ouvir de novo, — e repetido.»

PSYCHE

Nas mãos a lampada, em chamma
viva o peito que palpita,
Psyche se abeira da cama,
onde o seu pastor dormita.

Ao vêr-lhe a belleza, incerta,
córa, treme, abraza, esfria...
Mas o deus desnudo esperta,
e, ao vêr-se visto, fugia.

Por mais de mil e oitocentos
annos, tem Psyche soffrido
cilicios, jejuns, tormentos,
por ter visto amor despido.

CHILDE HAROLD

Negra barca de crepes funerarios
deslisa em voga surda á tonâ da agua.
Ao feretro que leva, assistem varios
moços curvados em silencio e magoa.

No Poeta finado a paz reveste
o rosto descoberto, que inda fita
o inerte olhar d'um fundo azul celeste
no fundo azul da abobada infinita.

Do immenso abysmo, triste noiva, a ondina
solta um gemido que no espaço echôa.
E das ondas a espuma, branca e fina,
vem soluçando desfazer-se á prôa...

José de Sousa Monteiro.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

(Conclusão)

CAPITULO XIII

A GRANDE CAVERNA

Tres dias depois, ao escurecer, estavamos acampados n'um casebre desmantelado, em frente das *Tres Feiticeiras*, as tres montanhas que tantas vezes de longe avistáramos, desde a nossa chegada a Lú, e onde deviam jazer, segundo a tradição dos Kakuanas e o roteiro do velho D. José da Silveira, as minas das pedras que reluzem — as Minas de Salomão! Tinhamos partido de Lú doze dias antes, acompanhados por Infandós, por Fulata (que não deixára mais o «seu doente», o bom John), por Gagula que vinha n'uma liteira, e por uma forte escolta de serviçaes e soldados. E foi só no dia seguinte, ao amanhecer, que examinamos aquelle estranho sitio, tão cheio de terror para os Kakuanas e para nós de maravilhosas promessas.

Nunca eu esquecerei o momento em que, sahindo a porta das cubatas, na primeira e fresca luz da manhã, vimos os tres montes isolados, em triangulo, um á nossa direita, outro á nossa

[1] Continuado da pag. 671, do numero de maio.

esquerda, o terceiro ao fundo, em face de nós, erguendo magnificamente ao céo os seus cimos resplandecentes de neve. Um tojo em flôr, d'um escarlate ardente, cobria as poderosas faldas dos tres montes — e seguia ainda, como um tapete igual e contínuo, pelos grandes descampados que os cercavam. A fita branca da estrada de Salomão cortava a direito até á *Feiticeira* central, a que formava a ponta do triangulo, onde findava brusca e mysteriosamente. Ahi, junto d'esse monte, estavam as fabulosas minas, que tinham sido o fim de tantos miseros destinos, o do velho fidalgo portuguez, o do seu descendente, e decerto o d'aquelle que nós vinhamos procurando desde o sul e por quem correramos tanto perigo e tanta aventura! Todo o que buscar essas minas fabulosas (dizia Gagula) encontrará desillusão e desastre. Seria essa a nossa sorte? Nós chegavamos sob a protecção do rei, cercados de serviçaes e de guardas... E apesar d'isso sentiamos pesar-nos sobre o coração, tristemente, a prophecia da horrenda mulher.

No entanto, quando nos puzemos a caminho, era tão viva a anciedade de chegar e de vêr, que os carregadores da liteira de Gagula mal podiam acompanhar a nossa carreira. A cada instante a velha bruxa gritava, estendendo para nós, por entre os pannos da liteira, os braços descarnados, as mãos em garra:

— Não vos apresseis, homens brancos! A morte está á vossa espera e não foge! Para que vos esfalfar, correndo para ella? Certa e segura a tendes!

Dava então uma risadinha que nos arripiava. Insensivelmente abrandavamos o passo... Depois bem cedo o estugavamos de novo sob o impulso irresistivel da curiosidade e da esperança!

Gastáramos assim hora e meia, trilhando a estrada de Salomão, e tendo já deixado á nossa direita e á nossa esquerda as duas *Feiticeiras* que formam a base do triangulo — quando chegamos junto d'uma immensa cova circular, em funil, offerecendo talvez trezentos pés de profundidade e meia milha de circumferencia. Entre a herva e tojo, que interiormente a forravam, surgiam grandes pedaços de greda azulada: quasi ao fun-

do corria um canal para agua, talhado na rocha viva; e abaixo do nivel d'essa obra estavam alinhadas umas poucas de mezas de pedra, polidas e gastas pelo tempo. A cova, as mezas, a disposição do canal, a natureza da greda azulada, tudo era semelhante ao que eu muitas vezes vira no sul, nas minas de diamantes de Kimberley. Assim o disse aos amigos: — e para mim ficou certo que alli houvera em tempos, fossem nos de Salomão, fossem n'outros mais recentes, uma mina de diamantes.

A estrada, ao abeirar-se da cova, dividia-se em dois ramos que a circumdavam; e a espaços, esta via circular era feita de enormes lages de pedra, com o fim certamente, de solidificar as bordas da mina, e impedir que se esboroassem. Mas o que mais nos surprehendia era, do outro lado da vasta cova, um grupo de tres objectos, que se destacavam como tres pequenas torres ou tres marcos colossaes. A curiosidade quasi nos fez correr, deixando atraz Gagula e Infandós: e bem depressa percebemos que o grupo era formado por tres immensas estatuas. Conjecturamos logo que deviam ser os *Silenciosos*, esses idolos, tão temidos pelos Kakuanas, e a quem offereciam os sacrificios sangrentos. Mas só ao chegar junto d'elles podemos apreciar a estranha e terrivel magestade d'essas vetustas figuras.

Separadas por uma distancia de vinte passos, erguidas sobre immensos pedestaes de pedra negra onde corriam caracteres desconhecidos, e olhando a direito para a estrada de Salomão que através de sessenta milhas de planicie seguia até Lú — enchiam um grande espaço as tres gigantescas fórmas, duas de homem, uma de mulher, todas tres sentadas, medindo talvez cada uma a altura de vinte pés.

A figura de mulher, toda núa, com dois cornos, como os de um crescente de lua, sobre a testa, era de uma maravilhosa belleza — infelizmente estragada pelas injurias do tempo durante longos seculos. As duas figuras de homem, talvez por estarem vestidas em longas roupagens, pareciam mais bem conservadas. Um d'elles tinha uma face medonha, feita para inspi-

rar terror, como a de um demonio malefico; mas a do outro parecia talvez mais assustadora ainda, na sua fria expressão de dura indifferença, de uma indifferença de rocha, que nenhuma prece póde abrandar, ou nenhum soffrimento apiedar. Todos tres juntos formavam na realidade uma Trindade pavorosa, assim sentados, immoveis, com os olhos vaga e perpetuamente estendidos para a planicie sem fim. Que imagens seriam estas? Deuses? Demonios? Reis de povos cujo nome esqueçeu? Eu por mim, das minhas reminiscencias da Biblia, colligia que deviam ser talvez os falsos Deuses que adorou Salomão — « Asthoreth deusa dos Sidonios, Chemosh deus dos Moabitas, e Milcolm deus dos filhos de Amnon. » Assim diz o Livro Santo.

— Que lhe parece, Barão?

— Talvez, concordou o nosso amigo que recebera grau em Litteraturas classicas. A Asthoreth, de que fallam os Hebreus, é a Astarté dos Phenicios, os grandes commerciantes do tempo de Salomão. De Astarté fizeram os Gregos a sua Aphrodite, que se representava com o crescente da meia lua na cabeça... Se Salomão tinha aqui as suas minas, era natural que fossem dirigidas por engenheiros phenicios. De sorte que provavelmente esses homens ergueram, como padroeira da mina, a estatua da sua Deusa. Quem póde saber?

Quando estavamos assim contemplando estas extraordinarias reliquias de uma remota antiguidade, Infandós, que caminhára sem se apressar, chegou junto de nós, e saudou reverentemente com a lança os *Silenciosos*. Vinha saber se queriamos penetrar immediatamente na caverna, ou tomar primeiro a refeição da manhã. Como não eram ainda onze horas, e a nossa curiosidade flammejava, decidimos desvendar logo os mysterios, levando comnosco provisões para se lá dentro a fome excitada pelas emoções nos assaltasse. Infandós fez então signal aos carregadores para que se acercassem com a liteira de Gagula; e Fulata preparou dentro de um cesto, para levarmos, uma porção de caça fria e duas cabaças de agua. Nós entanto deramos uma volta em torno ás tres figuras de pedra. Por traz d'ellas, a uns cincoenta passos, erguia-se aquella das *Feiticeiras*

que formava o bico do triangulo: na sua base, como incrustada n'ella, corria uma muralha de pedra: e ahi, ao centro, podiamos distinguir um arco escuro, como a entrada de uma galeria subterranea. Esperamos que os carregadores tirassem Gagula da liteira. Apenas no chão, a horrenda creatura agarrou o cajado, e dobrada em duas, com passos tremulos e vivos, largou em silencio para o arco escuro. Nós seguimos, calados tambem.

Á entrada, o monstro parou, voltado para nós, com um riso livido na caveira.

— Homens das estrellas, estaes decididos? Quereis realmente penetrar na cova onde as pedras reluzem?

— Estamos promptos, Gagula, disse eu, alegremente.

— Bem, bem! Entrai! E pedi força aos corações para affrontar as coisas que ides vêr! E tu, Infandós, que trahiste teu amo, vens tu tambem?

O velho guerreiro franziu terrivelmente o sobr'olho:

— Não me compete a mim entrar nos sitios sagrados. Mas tu, Gagula, tem cautela, e treme! Os homens que vão comtigo são os amigos do Rei! Por elles me respondes tu. E se tanto como a perda de um só cabello lhes succeder em mal, nem todos os teus feitiços te livrarão de morrer em tormentos. Comprehendeste?

— Comprehendi, comprehendi, Infandós! ganiu ella, com um risinho gelado e lento. Não receies! Eu vivo só para fazer a vontade do Rei. Tenho feito a vontade de muitos reis, em muitas gerações! E os reis findaram sempre por cumprir a minha vontade! Todos passaram, todos morreram... E eu aqui estou, para os ir visitar agora no palacio da morte, e para lhes fallar dos tempos que foram! Vinde, vinde! A lampada está accesa!

Tinha tirado debaixo do manto de pelles que a cobria uma cabaça cheia de oleo com uma grossa torcida de vime: — e a luz que ella aproximou do arco negro pareceu desmaiar e tremer.

— Vens tu tambem, Fulata? exclamou John, volvendo os olhos em redor, inquieto.

— Tenho medo, meu senhor, murmurou a rapariga.

— Bem. Então dá cá o cesto!

— Não, meu senhor, para onde fôrdes, vou eu tambem!

— Bem! pensei eu commigo, ahi levamos tambem o trambolho da rapariga para dentro da mina!

No entanto Gagula mergulhára na galeria, que dava apenas logar para dois caminharem de frente. As trevas eram absolutas. Azas de morcegos batiam-nos nas faces. E seguiamos menos a luz bruxuleante da lampada, que a voz de Gagula, que repetia n'um tom lugubre:

— Avançai, avançai! A morte está perto!

De repente distinguimos uma vaga claridade. E momentos depois paravamos no mais maravilhoso sitio que olhos humanos têm contemplado.

A nada o posso comparar melhor do que ao interior de uma immensa cathedral, uma cathedral de sonho ou de lenda, sem janellas, allumiada por uma luz diffusa e mysteriosa que parecia cahir das alturas da abobada. Ao comprido d'esta vasta nave, como na nave d'um verdadeiro templo, corriam renques de giganteseas columnas, d'uma côr algida de gêlo e de magnifica belleza. Alguns d'estes nobres pilares estavam, por assim dizer, interrompidos no meio — um pedaço erguendo-se do sólo, como a columna quebrada de uma ruina grega, outro pedaço pendente da remota abobada. Aos lados da nave abriam-se, com dimensões diversas, cavernas á semelhança de capellas, tendo tambem as suas filas de columnas, algumas tão pequeninas e finas como feitas para um brinquedo de creança. Aqui e além havia construcções estranhas, da mesma substancia algida que parecia gêlo — uma da fórma de uma vasta taça, outra offerecendo a vaga apparencia d'um pulpito com lavores pendentes. Um ar de indescriptivel frescura circulava dentro da vasta nave: — e por toda a parte sentiamos, na penumbra, o ruido lento de gottas de agua cahindo.

Não tardamos em perceber que estavamos simplesmente n'uma caverna de stalactites, de inigualavel belleza. Cada uma d'aquellas gottas de agua, que cahia, com um som humido e

triste, era mais uma columna que se estava formando. Ha quantos seculos andava a Natureza trabalhando n'aquella obra maravilhosa? Sobre uma das columnas incompletas notei eu uma rude inscripção entalhada decerto por algum obreiro phenicio das minas, que alli escrevera o seu nome, ou talvez alguma facecia phenicia. Pois, desde esse dia, em tres mil annos pelo menos, a columna apenas crescera para cima da inscripção uns tres pés e meio. E ainda estava em via de formação, porque eu distinctamente senti, emquanto a examinava, cahir sobre ella, das profundidades da abobada, uma lenta gotta de agua! Quantos centos de milhares de annos levaram pois a crescer, a formar-se, assim largas, massiças, altas como torres, as columnas innumeraveis que se enfileiravam na nave? Nunca, como alli, eu comprehendi a espantosa velhice da Terra.

Gagula porém não nos deixou muito tempo n'esta curiosa contemplação. Inquieta, batendo o chão com o cajado, a lampada erguida sobre a cabeça, a cada instante nos apressava, com ganidos sinistros.

— Vamos, vamos, que a Morte está á nossa espera!

O capitão John ainda tentava gracejar com a atroz creatura. Mas quando ella nos conduzia ao fundo da nave, diante d'uma pequena porta semelhante ás dos templos egypcios, e nos perguntou se estavamos bem preparados a entrar a morada da Morte — todos estacamos, inquietos, mudos, sem ousar o primeiro passo.

— Isto está-se tornando sinistro, murmurou o Barão. Os mais velhos adiante. Passe lá, Quartelmar!

Entrei a porta egypcia e achei-me n'um corredor inclinado, todo de abobada, horrivelmente negro. A lampada de Gagula esmorecia. O bater do seu cajado dava um echo lugubre. E a meu pezar parei, dominado por um presentimento de desastre e de morte.

— Para diante! para diante! murmurou John, que trazia Fulata agarrada pela mão.

Com um esforço desesperado venci o receio, alarguei o passo. E, quasi collados uns aos outros, desembocamos n'uma

sala subterranea, evidentemente excavada outr'ora por poderosos obreiros no interior da montanha.

Esta sala não tinha uma luz tão clara como a cathedral de stalactites; e tudo o que eu pude descobrir a principio foi uma enorme e massiça meza de pedra, tendo no topo uma collossal figura, que parecia presidir outras figuras abancadas em torno. Depois, sobre a meza, no centro, distingui uma fórma encruzada. E quando emfim, acostumado á penumbra, percebi o que eram aquellas fórmas, voltei costas, e largaria a fugir como uma lebre — se o Barão não me agarrasse pelo braço fortemente. Cedi, tremendo todo. Mas a esse tempo o Barão tambem se habituára á luz diffusa, comprehendera tambem, e largando-me o braço, com uma exclamação, ficou a meu lado, quedo, arripiado, limpando o suor que lhe cobrira a testa. A pobre Fulata, essa, dava gritos, agarrada ao pescoço de John. E Gagula triumphava, com sinistra zombaria.

O que tinhamos, com effeito, ante os olhos apavorados, era terrivel. Alli, no topo da longa meza de pedra estava a *Morte* — a propria *Morte*, um medonho e gigantesco esqueleto, de pé, todo debruçado para diante, com um dos braços apoiado ao rebordo da pedra como se acabasse de se erguer do seu assento, e com o outro levantando no ar uma enorme lança, que parecia arremessar sobre nós; o craneo da caveira alvejava lugubremente; das covas das orbitas sahia um fulgor negro: e as maxillas estavam entreabertas, como se fosse fallar, e desvendar o seu segredo.

— Santo Deus! murmurei eu, transido. Que póde isto ser?

— E estas figuras, em redor? balbuciava John.

— E além, aquella coisa, no meio? exclamou o Barão apontando para a inexplicavel figura encruzada sobre a meza.

Então Gagula poisou a lampada e agarrando o braço do Barão, com o dedo estendido para a fórma encruzada:

— Avança, Incubú, homem forte na guerra! Avança, e contempla aquelle que tu mataste e que está agora junto aos seus avós!

O Barão deu um passo, e recuou abafando um grito. Sobre

a meza, inteiramente nú, com as pernas encruzadas, e a cabeça que o Barão cortára poisada em cima dos joelhos, estava Tuala, ultimo rei dos Kakuanas!... Sim, Tuala, sustentando solemnemente sobre os joelhos a sua hedionda cabeça decepada, e com as vertebras a sahirem-lhe para fóra do pescoço encolhido e como resequido! Sobre todo o corpo negro tinha já uma especie de pellicula gelatinosa e vidrada, que o tornava mais pavoroso, e cuja natureza eu não podia comprehender — até que senti, *tic, tic, tic,* um fio de gottas de agua, que, cahindo da abobada, lhe escorria pelo pescoço, e d'alli pelo corpo, para se escoar depois por um buraco cavado na meza. Então percebi tudo — *O corpo de Tuala estava sendo convertido n'uma stalactite!*

E as outras figuras sentadas em torno da meza eram igualmente reis dos Kakuanas, já transformados em *stalactites!* Havia trinte e sete — sendo o ultimo o pai de Ignosi. É esta, desde tempos immemoraveis, a maneira por que os Kakuanas conservam os seus reis mortos. Petrificam-nos, expondo-os, durante um longo periodo de annos, a uma queda de agua siliciosa que, lentamente e gotta a gotta, os transforma em estatuas geladas. Estavamos assim diante do mais maravilhoso e exotico Pantheon Real que existe decerto na terra. E nada póde igualar a terrifica impressão que causava aquella série de reis, pertencendo a muitas dynastias, amortalhados n'uma camada de gelo que mal lhe deixava já distinguir as feições, alli sentados, á volta da immensa meza, em espectral e pavoroso concilio, presididos pela Morte!

E a Morte, o maravilhoso esqueleto, quem o esculpira? Não decerto os Kakuanas. A sua composição, o seu trabalho revelavam uma arte perfeita. Era obra dos artistas phenicios? Fôra collocada alli em tempo de Salomão, para guardar, pelo terror da sua lança, a entrada dos Thesouros? Não sei. Nem sei mesmo contar, com verdade, as estranhas sensações por que passei n'aquella camara sinistra.

CAPITULO XIV

O THESOURO DE SALOMÃO

No entanto Gagula (que era por vezes extremamente leve e agil) trepára para cima da meza e acercára-se do cadaver de Tuala, a quem pareceu fallar mysteriosamente; depois seguiu por entre as filas dos reis, dirigindo, ora a um ora a outro, como a velhos amigos, palavras lentas e graves que não comprehendiamos. Por fim, tendo chegado em frente da *Morte*, cahiu de bruços, com os braços estendidos, e ficou como mergulhada em oração.

Era um espectaculo tão arripiador, n'aquella penumbra de sepulchro, a hedionda creatura, mais velha que todas as creaturas, fazendo supplicas ao enorme esqueleto — que eu, já enervado, lhe gritei que viesse, nos levasse ao logar dos thesouros.

Immediatamente, a horrivel bruxa saltou da meza, como um gato, e passando por traz das costas da *Morte*, ergueu a lampada, mostrou a parede de rocha:

— Entrai, homens brancos, entrai, se não tendes medo!

Olhamos, procurando a entrada. Só vimos a rocha solida e negra.

— Gagula, disse eu com os dentes cerrados, não zombes de nós que te mato!

— Mas a porta é aqui, homens brancos, a porta é aqui! gania ella, com as costas apoiadas á muralha, onde roçava de leve uma das suas mãos descarnadas.

E então, á luz bruxuleante da lampada, vimos que um bocado da muralha, do feitio e tamanho d'uma porta, se ia erguendo lentamente do sólo, e desapparecendo em cima na rocha, onde devia existir uma cavidade para a receber. Não pesava menos aquella massa de pedra de vinte a trinta toneladas — e era certamente movida por algum machinismo, fundado n'um equilibrio de peso, que uma móla, collocada n'um logar secreto da muralha, punha em movimento. Nem nos lembrou, n'esse

momento, arrancar a Gagula o segredo da móla, que erguia a pedra! Pasmados, viamos a immensa massa subir, devagar, muito devagar, até que desappareceu, deixando diante de nós um grande buraco negro.

Estava emfim, aberto, para nós n'elle penetrarmos, o caminho que levava aos thesouros de Salomão. A emoção foi tão intensa, que eu, por mim, comecei a tremer. Era pois verdade o que dizia, no seu pedaço de papel, o velho D. José da Silveira? Estavam pois ao nosso alcance, destinadas a nós, as maiores riquezas que jámais um rei accumulou na terra? Poderiamos nós vêr, tocar, agarrar, e levar em sacos, o thesouro que fôra de Salomão, maravilha dos Livros santos? Assim parecia — e para isso bastava dar um passo.

Dei esse passo — e com explicavel sofreguidão. Mas Gagula defendia ainda com os braços o buraco negro:

— Escutai, homens das estrellas! Escutai o que é necessario saber! As pedras que brilham, que vós ides vêr, foram tiradas da cova circular não sei por quem, e guardadas aqui não sei por quem. A gente que, de geração em geração, tem vivido n'esta terra, sabia da existencia do thesouro, mas ninguem conhecia o segredo para abrir a porta de pedra! Por fim aconteceu vir aqui um homem branco, talvez tambem das estrellas, que foi bem recebido e bem agasalhado pelo rei d'então, que era o quinto, além, sentado á meza de pedra. Com elle vinha uma rapariga Kakuana; ambos percorreram estas cavernas; e succedeu que por acaso essa mulher, que talvez fosse eu ou que talvez fosse outra como eu, descobriu o segredo da porta. O homem e a mulher entraram, e encheram de pedras um saco pequeno de couro onde ella levava de comer. Ao sahirem, o homem agarrou na mão outra pedra, maior que todas...

E aqui a bruxa parou com os olhos coruscantes cravados em nós.

— Continúa! exclamei eu, que escutára sem respirar. O homem era D. José da Silveira. Que se passou mais?...

A velha feiticeira recuou espantada.

— Como lhe sabeis o nome? Ah! sabes-lhe o nome!... Pois bem, ninguem póde dizer o que succedeu. Mas o homem teve medo de repente, atirou para o chão o saco cheio de pedras, e fugiu, levando só agarrada a pedra maior que tinha na mão. É a que Tuala trazia no diadema. É a que tu déste a Ignosi!

— E ninguem mais entrou aqui?

— Ninguem. Mas os reis fiearam sabendo o segredo da porta... Nenhum porém entrou, porque dizem prophecias já muito antigas que aquelle que aqui entrar morrerá antes d'uma lua nova. Esta é a verdade, homens das estrellas. Entrai agora! Se eu não menti a respeito do homem que se chamava Silveira, vós encontrareis no chão, á entrada da porta, cahido, o saco de couro cheio de pedras... E se as propheeias mentem ou não sobre a morte que espera a quem aqui penetrar, vós mais tarde o sabereis...

E sem mais, a hedionda creatura mergulhou no corredor tenebroso, erguendo ao alto, a pallida lampada. Nós, no entanto, olhavamos uns para os outros com hesitação, quasi com medo — bem natural de resto em nervos abalados por tantas emoções estranhas. Foi John o mais corajoso:

— Acabou-se! Cá vou! Era ridiculo ficarmos apavorados com as tonterias d'uma velha macaca! Adiante!

E avançou seguido por Fulata e por nós dois, em silencio. Mas dados alguns passos ouvimos uma medonha praga. Era John que tropeçára, quasi cahiria por sobre um bloco de cantaria atravessado no corredor. Gagula erguera mais a lampada:

— Não receeis!... São pedras que a gente d'outr'ora tinha ahi accumulado para tapar o corredor para sempre... Mas fugiram, ao que parece, não tiveram tempo!

E com effeito havia alli como umas obras interrompidas — pedras serradas e esquadradas, um monte de cimento, e uma picareta e uma trolha, semelhantes ás que ainda hoje usam os pedreiros. Contemplei com reverencia estas antiquissimas ferramentas. No entanto Fulata, que desde a nossa entrada na caverna não cessára de tremer de medo, sentou-se sobre uma pe-

dra, e declarou que desmaiava, não podia mais caminhar... Alli a deixámos, com o cesto de provisões ao lado, até que ella ganhasse alento. E seguimos.

Uns quinze passos adiante, demos de repente com uma porta de pau, curiosamente pintada a côres, e toda aberta para traz. E no limiar da porta, lá estava, cahido no chão — *um pequeno saco de couro que parecia cheio de seixos!*

— Então, brancos, que vos disse eu? ganiu Gagula em triumpho, brandindo a lampada. Olhai bem! Ahi tendes o saco que o homem deixou cahir! Ahi está ainda, desde gerações! Que vos disse eu?

John ergueu o saco. Era pesado e tinia.

— Santo Deus! Está cheio de brilhantes! balbuciou elle quasi com medo.

E com effeito, meus amigos! A idéa d'um saco de couro repleto de diamantes — é de causar medo!

— Para diante, para diante! exclamou o Barão, com subita impaciencia. Dá cá tu a lampada, bruxa!

Arrancou a luz das mãos de Gagula. E de tropel com elle, sem sequer pensar mais no saco que John atirára outra vez para o chão, transpozemos a porta. Estavamos dentro do thesouro de Salomão.

Durante um momento olhámos vagamente em redor, n'um silencio apavorado. Á luz debil e mortiça da lampada só percebemos, ao principio, que o quarto ou camara era excavado na rocha viva. Depois a um dos lados vimos distinctamente alvejar, sobrepostos em camadas até á abobada, uma porção immensa de dentes de elephante, de inigualavel riqueza. Haveria talvez uns quinhentos ou seiscentos dentes. Só aquelle marfim nos poderia tornar a todos ricos para sempre. Era d'esse espantoso deposito que Salomão fizera talvez o «grande throno de marfim», de que fallam os livros santos! Toquei um dente de leve, depois outro, com veneração, como reliquias sagradas! E o suor cahia-me em bagas.

— Alli estão os diamantes, gritou John. Trazei a luz!

Corremos para o recanto que elle indicava. E a lampada

que o Barão baixára mostrou umas dez ou doze caixas de madeira, estreitas e muito compridas, pintadas de escarlate. A tampa d'uma, tão antiga que mesmo n'aquelle ar sêcco de caverna tinha apodrecido, apresentava vestigios d'arrombamento. Pelo menos no meio havia um buraco. Enterrei a mão através, e tirei-a cheia, não de diamantes, mas de moedas de ouro, como nós nunca viramos, com letras hebraicas (ou que julgamos hebraicas) e palmeiras e torres em relevo no cunho.

— Justos céos! murmurei suffocado. Aqui devem estar milhões! Isto nem se acredita!... Naturalmente era o dinheiro para pagar as ferias aos mineiros... Estaremos nós a sonhar?

— Mas os diamantes, exclamava John, percorrendo sofregamente o quarto. Onde estão por fim os diamantes? Só se o portuguez os metteu todos no saco!

Gagula decerto comprehendeu os nossos olhares, que buscavam avidamente:

— Além, além, onde é mais escuro! Lá estão os tres cofres de pedra, dois sellados, um aberto!

A sua aguda voz tomára um som cavo e sinistro. Mas quê! Onde ia agóra, diante de tão inverosimeis riquezas, o medo das prophecias mortaes? Era além, no recanto escuro? Para lá corremos, sondando com a lampada.

— Aqui, rapazes, gritou John, na maior excitação. Aqui. Oh meu Deus! São tres arcas de pedra!

E eram! Eram tres arcas de pedra que nos davam pela cintura, occupando os tres lados d'uma especie de alcova tenebrosa. Duas estavam fechadas com immensas tampas de pedra. A tampa da terceira estava encostada á muralha. Baixamos a lampada para dentro. Não pudemos distinguir nada ao principio, deslumbrados por uma vaga refracção prateada que faiscava e tremia. Quando os olhos se habituaram áquelle brilho estranho, vimos que a arca immensa estava cheia até ao meio de diamantes brutos! Mergulhei as mãos n'elles. Com effeito! Eram diamantes. Uma arca cheia de diamantes! Não havia duvida! Bem lhes sentia eu entre os dedos aquelle macio especial

que em Kimberley, nas minas, chamam *sabonaceo!* Era uma arca cheia de diamantes!

Ficamos, mudos, olhando uns para os outros. Á frouxa luz da lampada eu via as faces dos meus amigos perfeitamente lividas. E não havia em nós nenhuma alegria. Era um torpôr, como se a alma nos ficasse bruscamente esmagada, sob a fabulosa infinidade d'aquella riqueza.

Eu murmurei com um suspiro de creança:

— Somos os homens mais ricos d'este mundo!

John passava os dedos pelo queixo, n'uma distracção quasi melancolica:

— Eu sei lá!... Os diamantes agora perdem de valor; ficam como vidro!

— E transportal-os? e transportal-os? dizia o Barão, abanando a cabeça.

De repente sentimos por traz uma risada que nos estarreceu. Era Gagula. Gagula que ia, vinha, ás voltas, na sala escura, como um morcego, de braço estendido para nós:

— Hi! Hi! Hi! Ahi está satisfeito o desejo vil dos vossos corações, homens das estrellas! Hi! Hi! Hi! Quantas pedras brancas! Milhares d'ellas! E todas vossas! Agarrai n'ellas! Rolai por cima d'ellas! Hi! Hi! Hi! *Comei* as pedras! Hi! Hi! Hi! *Bebei* as pedras!

Havia alguma coisa de tão grotesco n'aquella idéa de beber diamantes, e comer diamantes, que larguei a rir estridentemente, desbragadamente. E por contagio, os meus companheiros desataram tambem a rir, a rir, ás gargalhadas. E alli ficamos todos, de mãos nas ilhargas, perdidos a rir, a rir, a rir! Riamos de quê? Nem sei. Riamos dos diamantes — d'aquelles diamantes que, milhares de annos antes, os mineiros de Salomão tinham escavado para *nós*, que os agentes de Salomão tinham armazenado para *nós*... Pertenciam a Salomão... Mas onde ia Salomão? Eram *nossos* agora, os seus diamantes! Não tinham sido para Salomão, nem para David, seu pae, nem para nenhum rei de Judá! Não tinham sido para o atrevido e velho fidalgo portuguez, nem para nenhum dos portuguezes que vi-

nham singrando de leste em caravelas armadas! Tinham sido para *nós!* Só para *nós!* Para nós aquelles milhões e milhões de libras, que, n'este seculo, em que o dinheiro tudo domina, nos tornavam tão poderosos como outr'ora Salomão. De facto eramos *Salomões!*

De repente o accesso de riso findou. E ficamos a olhar uns para os outros, estupidamente.

— Abri as outras arcas! gania no entanto Gagula. Estão tambem cheias! Todas as pedras são vossas! Fartai-vos, fartai-vos!

Em silencio, com uma sofreguidão brutal, arremessamonos sobre as outras arcas, quebrando os sellos, empuxando as tampas, n'um desesperado esforço! Hurrah! Cheias tambem! Cheias até cima!... Não, a terceira estava quasi vasia. Mas todas as pedras que continha eram escolhidas, d'um peso, d'um tamanho inacreditaveis. Havia-as como ovos pequenos. As maiores todavia, postas contra a luz, apresentavam um vago tom amarello. Eram « diamantes de côr », como elles dizem em Kimberley, nas minas.

Tinha eu um d'estes na mão, enorme, quando de repente ouvimos gritos afflictos do lado do corredor. Era a voz de Fulata:

— *Acudam! Acudam! Que a porta de pedra está a cahir!*

Uma outra voz, desesperada, a de Gagula, rugia sinistramente:

— Larga-me, rapariga, larga-me!

— *Acudam! Acudam! Ai Gagula que me matou!*

Como contar o brusco, pavoroso lance? Corremos. Á luz frouxa da lampada vimos a porta de pedra descendo, e junto d'ella Gagula e Fulata enlaçadas n'uma lucta furiosa. De repente Fulata cáe, coberta de sangue. Gagula atira-se ao chão, para fugir como uma cobra através da fenda que havia ainda entre o chão e a porta. Mette a cabeça e os hombros!... Justos céos! Era tarde. A pedra immensa apanha-a, e a creatura uiva de agonia! A pedra desce, desce, com as suas trinta to-

neladas sobre o corpo já preso. Vem d'elle gritos e gritos, como eu jámais ouvira — até que ha um som horrivel de coisa *esborrachada,* e a porta immensa fica immovel, fechada, justamente quando nós, correndo sempre, esbarramos de roldão contra ella!

Isto durára quatro segundos — quatro seculos. Voltamos então para Fulata. A pobre rapariga tinha uma grande facada e estava a morrer.

— Ah Boguan! (era assim que os Kakuanas chamavam a John). Ah Boguan! exclamou, suffocada, a bella creatura. Gagula sahiu fóra. Eu não a vi, estava meia desmaiada. Então a porta começou a descer... Ella ainda entrou, foi olhar para vós... Depois tornava a sahir, quando eu a agarrei, e ella me deu uma facada, e agora morro!

— Pobre rapariga! Minha pobre rapariga! gritava John.

E como não podia fazer outra coisa, começou a dar-lhe beijos, longos beijos.

Ella sorria, arfando, com as palpebras cerradas. Depois:

— Macumazan, estás ahi?... Já mal vejo... Estás ahi?...

— Estou, Fulata. Que queres?

— Falla por mim, Macumazan. Dize a Boguan que não me comprehende bem. Dize-lhe que o amei sempre, desde o primeiro dia, que o amo... Mas que morro contente, porque elle não se podia prender a uma rapariga como eu... O sol não se casa com a noite.

Teve um suspiro. A sua mão errante procurava em redor.

— Macumazan, estás ahi? Dize-lhe que me aperte mais contra o peito, para eu sentir os seus braços. Assim, assim... Dize-lhe que um dia hei de tornar a vêl-o nas estrellas... Que hei de ir de estrella em estrella, á procura d'elle. Macumazan, dize-lhe ainda que o amo, dize-lhe ainda...

Os labios sorriam, sem fallar. Estava morta.

As lagrimas cahiam, quatro a quatro, pela face do meu pobre John.

— Morta! murmurava elle, agarrando ainda as mãos de Fulata. Já me não ouve! E não a tornar a vêr, não a tornar a vêr!

O Barão disse então, devagar, e n'uma estranha voz:

— Não tardará, amigo, que a tornes a vêr.

— Como assim?

— *Oh homens, pois não percebestes ainda que estamos enterrados vivos?*

Foi então, só então, que pela primeira vez comprehendi o indisivel horror do que nos succedia! Sim, com effeito! A enorme massa de pedra estava fechada. O unico sêr que lhe conhecia o segredo jazia esborrachado por ella, sob ella. Forçal-a, só se tivessemos alli massas de dynamite! Estava fechada para sempre! E nós alli fechados detraz d'ella!

Durante momentos ficamos mudos, com os cabellos em pé, junto do cadaver de Fulata. Toda a força de homens, a coragem de homens, fugia de nós bruscamente. Eramos sêres inertes. E comprehendiamos agora todo o plano monstruoso de Gagula — as suas ameaças, as suas ironias, o seu sinistro convite para *bebermos* e *comermos* diamantes. Sim, era o que tinhamos para beber e comer! Desde Lú, decerto, ella viera planeando a traição — e só nos trouxera á caverna, para nos deixar lá dentro, morrendo junto dos thesouros que appeteceramos!

— É necessario fazer alguma coisa, exclamou o Barão, n'uma voz rouca. Animo, rapazes! A lampada vai findar. Vejamos se, por um acaso, podemos achar o segredo, a móla que move a rocha.

Recobramos um momento de energia, e, escorregando no sangue da pobre Fulata, rompemos a apalpar anciosamente a porta e as paredes do corredor. Não achamos nada, em mais d'uma hora de desesperada busca, que nos esfolou as mãos.

— A móla, se tal móla ha, está do lado de fóra, disse eu. Foi por isso que Gagula sahiu, como disse Fulata. Depois, se voltou, é porque se queria certificar que estavamos bem entretidos com os diamantes... Malditos sejam elles, e maldita seja ella!

— De resto, lembrou o Barão, se a infame bruxa tentou fugir pela fenda é que sabia bem que pelo lado de dentro não

podia levantar a rocha. Não ha nada a fazer com a porta. Vamos vêr outra vez, na camara.

Levantamos então com respeito e cuidado o corpo da pobre Fulata, fomol-o collocar dentro, no chão, com os braços em cruz, junto das arcas de dinheiro. Depois vim buscar o cesto de provisões. E sentados junto dos cofres de pedra atulhados de riquezas que nos não podiam salvar, dividimos as provisões em doze pequenos lotes, que, a dois repastos por dia, nos poderiam sustentar a vida por dois dias. Além da caça fria e das carnes sêccas tinhamos duas cabaças d'agua.

— Bem, jantemos, disse o Barão, que é talvez o nosso penultimo jantar n'este mundo.

Pouco era o appetite, naturalmente. Mas havia horas que estavamos em jejum, e aquella parca comida, molhada com avaros goles d'agua, reconfortou-nos e deu-nos um vago alento de esperança. Começamos então a examinar systematicamente as paredes da nossa prisão, contando com a remota possibilidade de que existisse, além da porta da rocha, outra sahida. Esquadrinhamos todos os recantos, arredamos todas as arcas, batemos as muralhas, sondamos o sólo, exploramos a abobada. Ficamos exhaustos sem achar nada. A lampada espirrava e amortecia. Quasi todo o oleo estava chupado.

— Que horas são, Quartelmar? perguntou o Barão.

Tirei o relogio. Eram seis horas. Tinhamos entrado ás onze na caverna.

— Infandós ha de dar pela nossa falta, lembrei eu. Se nos não vir voltar esta noite, decerto nos vem procurar...

— E então? exclamou o Barão. De que serve? Infandós não conhece o segredo da porta, ninguem o conhecia senão Gagula. Ainda que conhecesse a porta, não a podia arrombar. Nem todo o exercito dos Kakuanas, com as suas azagaias, póde furar cinco pés de rocha viva. Ninguem nos póde salvar senão Deus!

Houve entre nós um longo, grave silencio. De repente a luz flammejou, mostrando, n'um relevo forte, todo o interior da camara, o grande monte dos marfins brancos, as arcas de di-

nheiro pintadas de vermelho, o corpo da pobre Fulata estirado diante d'ellas, o saco de couro cheio de diamantes, a vaga refracção que sahia dos cofres de pedra abertos, e as lividas faces de nós tres, alli sentados a um canto, á espera da morte. Depois a luz bruxuleou e morreu.

CAPITULO XV

NAS ENTRANHAS DA TERRA

Não me é possivel descrever com exactidão as agonias d'aquella noite. E ainda assim a divina Misericordia permittiu que dormissemos a espaços. Mas o brusco acordar, a cada instante, era pungente. Por mim, o que mais me torturava era o *silencio*. Um silencio tenebroso, tangivel, absoluto, — o silencio d'uma sepultura cavada nas profundidades rocheas do globo, e onde todas as artilherias troando, e as trovoadas do céo estalando, não poderiam fazer chegar a menor vibração de som, fosse elle ao menos tão leve como um leve zumbir de mosca... E então, acordado, a monstruosa ironia da nossa situação ainda mais me acabrunhava. Em torno de nós jaziam riquezas incontaveis, bastantes para pagar as dividas de muitos estados, construir frotas de couraçados, erguer palacios todos feitos de ouro, saciar todas as fomes, satisfazer todas as imaginações... E de que nos serviam? Uma pouca de pedra bruta sem valor, mas que nós não podiamos quebrar com as nossas mãos, tornavam-n'as inuteis, tão sem valor como a propria pedra! Uma area inteira de diamantes dariamos nós com infinito prazer por um pouco de pão, ou por outra cabaça d'agua. Mais! dariamos todas as areas de diamantes pelo privilegio de morrer de repente, sem sentir, sem soffrer! Na verdade, o que é a riqueza? Sonho, estupida illusão!

— John, disse o Barão, do seu canto, n'um dos momentos em que eu assim pensava, quantos phosphoros te restam?

— Oito.

— Accende um, vê as horas.

A chamma quasi nos deslumbrou depois da intensa treva. Eram cinco horas no meu relogio. A alvorada estaria agora clareando as alturas da serra! A brisa espalharia o aroma do rosmaninho em flôr! Os soldados d'Infandós começariam agora a mexer-se nas suas mantas, junto das fogueiras apagadas — e as nascentes d'agua, junto d'elles, cantariam de rocha em rocha. De assim pensar, as lagrimas humedeceram-me os olhos.

— Era melhor comermos alguma coisa, suggeriu o Barão.

— Para que? exclamou John. Quanto mais depressa acabarmos com isto, melhor!

— Emquanto Deus permitte a vida, é que permitte a esperança! respondeu o Barão gravemente.

Repartimos uma pouca de carne sêcca e d'agua. Emquanto comiamos, um de nós lembrou que nos avisinhassemos da porta, e gritassemos com toda a força, porque talvez Infandós, andando já na caverna á nossa procura, ouvisse o remoto som das nossas vozes. John, que, como marinheiro, tinha o habito de gritar, desceu o corredor ás apalpadellas, e começou a berrar furiosamente. Nunca decerto ouvi uivos iguaes: mas foram tão inefficazes como um murmurio de insecto. O resultado unico foi que John voltou com a garganta resequida, e teve de chupar um trago da pouca agua que restava. Gritar só nos fazia sêde. Desistimos d'esse esforço inutil.

De sorte que nos agachamos de novo junto dos cofres cheios de diamantes, n'aquella horrivel inacção que era um dos nossos maiores tormentos. E eu então cedi ao desespero. Deixei cahir a cabeça no hombro do Barão, e desatei a chorar. Do outro lado o pobre John soluçava tambem.

Grande alma, e corajosa, e dôce, era a do Barão. Se nós fossemos duas creancinhas assustadas, e elle a nossa mãe, não nos teria animado e consolado com maior carinho. Esquecendo a sua propria sorte, fez tudo para nos serenar, contando casos de homens que se tinham encontrado em lances terrivelmente iguaes, e que milagrosamente tinham escapado. Depois levava-nos a considerar que, no fim de tudo, nós estavamos simplesmen-

te chegando áquelle fim a que todos têm de chegar, que tudo em breve acabaria, e que a morte por inanição é suave (o que não é verdade). E emfim, com um modo differente, pedia-nos que nos abandonassemos á misericordia de Deus, e lhe rogassemos, na nossa miseria, um olhar dos seus olhos piedosos. Natureza adoravel, a d'este homem! Quanta serenidade, e quanta força! Eu por mim acolhia-me a elle como a um grande refugio. E por sua exhortação, rezei e serenei.

Assim passou o dia (se tal treva se póde chamar dia) até que accendi outro phosphoro, olhei o relogio. Eram sete horas! Pensamos então em comer.

E quando estavamos dividindo a carne sêcca, occorreu-me de repente uma idéa estranha:

— Porque é, disse eu, que o ar aqui se conserva tão fresco? É um pouco espesso, mas é fresco.

— Santo Deus! exclamou John erguendo-se com um pulo. Nunca pensei n'isso! Com effeito é fresco... Não póde vir de fóra pela porta de pedra, porque reparei perfeitamente que ella gira dentro de quelhas... Tem de vir de outro sitio. Se não houvesse uma corrente d'ar, deviamos ficar suffocados, quando aqui entramos hontem... Agora mesmo deviamo-nos sentir abafados. Evidentemente o ar é renovado. Vamos a vêr!

Ainda elle não findára, já nós andavamos, de gatas, ás apalpadellas, na escuridão, procurando sofregamente qualquer indicação de buraco ou fenda, por onde entrasse ar. Houve um momento em que pousei a mão no quer que fosse de gelado. Era a face da pobre Fulata, já rigida.

Durante uma hora ou mais, passamos assim apalpando todos os cantos, até que o Barão e eu desistimos, esfalfados, e todos pisados de ter constantemente batido com a cabeça nos muros, nos dentes de elephante, e nas esquinas das arcas. Mas John continuou, sem perder a esperança, declarando que «era melhor aquillo que pensar na morte, de braços cruzados».

De repente, teve uma exclamação:

— Oh rapazes! Aqui! vinde cá.

Com que precipitação corremos para o canto d'onde elle fallára!

— Quartelmar, ponha aqui a mão, onde está a minha. Ahi. Que sente?

— Parece-me que sinto um fio d'ar.

— Agora ouça!

Ergueu-se, e bateu com o pé no chão. Uma immensa esperança relampejou-nos n'alma. A lage *soava ôco.*

Com as mãos a tremer accendi um phosphoro. Estavamos n'um recanto, de que ainda não suspeitáramos — e aos nossos pés, na lage que pisavamos, e como encrustada n'ella, havia uma grossa argola de pedra. Não tivemos uma palavra, na immensa excitação que de nós se apoderou. John tinha uma navalha, com um d'esses ganchos que servem para extrahir pedras pequenas das ferraduras dos cavallos. Ajoelhou e começou a raspar com o gancho, em torno da argola. Raspou, raspou — até que conseguiu introduzir a ponta do gancho sob a argola, levantal-a pouco a pouco, pol-a a prumo. Depois deitou-lhe as mãos, e puxou desesperadamente. Nada se moveu.

— Deixai-me vêr a mim! exclamei com impaciencia.

Agarrei, pondo toda a minha força no puxão contínuo e intenso. Escalavrei as mãos. A pedra não se moveu. Depois foi o Barão. Sentiamol-o gemer. A pedra não se moveu.

De novo John se atirou de joelhos, e com o gancho da navalha raspou em redor a frincha por onde nós sentiamos como um debil halito de ar. Em seguida tirou um grosso lenço de sêda que lhe envolvia o pescoço, e passou-o na argola.

— Agora, Barão! Mãos ao lenço, e puxar até rebentar! Quartelmar, agarre o Barão pela cinta, e puxem ambos quando eu disser... Um, dois, *vá!*

Em silencio, com os dentes rilhados, puxámos, puxámos — até que eu sentia rangerem os ossos do Barão. Era elle que fazia o esforço maior, com os seus enormes braços de ferro. E foi elle que sentiu a pedra mexer...

— Agora! agora! Está cedendo! Mais! Ála, ála! Héh!

Um estalo, uma rajada brusca d'ar, e rolámos estatelados

no chão, com a pedra por cima de nós. Fôra a immensa força do Barão que fizera o prodigio. Que grande coisa, a força!

— Um phosphoro, Quartelmar! exclamou elle, erguendo-se ainda arquejante.

Accendi o phosphoro. E, louvado Deus! vimos diante de nós os primeiros degraus d'uma escada de pedra!

— E agora? perguntou John.

— Descer! E confiar em Deus!

— Esperai! gritou o Barão. Quartelmar, veja se apalpa e acha o resto da comida e da agua. Quem sabe onde iremos parar?

Achei logo as provisões, que estavam junto da arca de pedra, cheia de diamantes. E já enfiára o cesto no braço, quando pensei nos diamantes... Porque não? Quem sabe? Talvez por mercê divina, achassemos uma sahida! Não fazia mal nenhum, á cautela, metter um punhado de diamantes na algibeira!... Se chegassemos a sahir d'aquella horrivel cova, não teriam sido ao menos inuteis todas as nossas angustias. Um punhado de diamantes nada pesava! E ao acaso, mergulhei a mão na arca e comecei a encher todos os bolsos da minha rabona. Depois atulhei as algibeiras das pantalonas. Já abalava, quando voltei ainda, com uma idéa, á arca onde estavam as pedras mais graúdas. E encafuei uma enorme mão cheia d'elles para dentro da algibeira do peito. O contacto vivo d'aquellas riquezas fez-me pensar nos outros.

— Oh rapazes! Não quereis levar uns poucos de diamantes? Eu enchi as algibeiras.

— Diabos levem os diamantes, disse do canto o Barão, impaciente. Até me faz nauseas a idéa de diamantes! É marchar, é marchar!

Emquanto ao amigo John, esse nem respondeu. Creio que estava de joelhos, junto do corpo de Fulata, dando o ultimo adeus áquella que por elle morrera!

Quando nos achamos juntos do alçapão, já o Barão descera o primeiro degrau.

— Eu vou adiante, segui devagar.

— Cuidado, gritei eu! Póde haver por baixo algum medonho buraco. Vá tenteando... Mão encostada sempre á parede...

O Barão desceu contando os degraus. Quando chegára a « quinze » parou.

— É um corredor, gritou elle debaixo. Descei!

Quando chegamos ao fundo, accendi um dos dois phosphoros que nos restavam. Á luz que elle deu, vimos um pequeno espaço, onde se encontravam em angulo recto dois tunneis muito estreitos. O phosphoro morreu, queimando-me os dedos. E ficámos n'uma horrivel hesitação! Qual dos tunneis seguir? John então lembrou-se que a chamma do phosphoro se inclinára para a banda do tunnel da esquerda. Portanto o ar vinha pelo tunnel da direita. Era por esse que deviamos caminhar, demandando o lado do ar.

Aceitámos a idéa. E apalpando sempre a parede, não arriscando um passo sem tentear o sólo, seguimos n'esta nova e incerta aventura. Ao fim d'um quarto de hora de marcha lenta, esbarrámos n'um muro. Era outro tunnel transversal, por onde continuámos cosidos com o muro. Depois d'esse topámos outro, que o cruzava em angulo agudo. Depois havia outro, mais largo. E assim durante horas. Estavamos n'um labyrintho de rocha viva. Para que tivessem servido outr'ora estas innumeraveis passagens subterraneas, não sei dizer — mas tinham a apparencia de galerias de mina.

Finalmente parámos, esfalfados, com a esperança meia perdida. Comemos os restos das provisões, bebemos os derradeiros goles d'agua. Tinhamos escapado de morrer nas trevas d'uma cova de diamantes — para vir talvez morrer nas trevas d'uma mina vasia...

Quando assim estavamos sentados no chão, encostados ao muro, n'um infinito desalento — eu julguei ouvir um som, debil e vago, como a distancia. Avisei os outros, escutámos sem respirar. E todos muito claramente distinguimos um *som*. Era muito tenue, muito remoto, — mas era um som, um som murmurante e contínuo.

— Santo Deus! exclamou John. É agua a correr! Tenho a certeza que é agua a correr.

N'um instante estavamos de pé, caminhando para o som. A cada passo o sentiamos mais distincto, mais claro, na immensa mudez do tunnel. Sempre para diante, sempre para diante! O som ia crescendo. Por fim era um ruido forte, o ruido d'uma corrente d'agua. Mas como podia haver agua corrente n'estas entranhas da terra?... E todavia, com certeza, alli perto corria agua com força. John, marchando adiante, jurava que lhe percebia já a humidade e o cheiro.

— Devagar, John, devagar! gritou o Barão. Devemos estar perto...

De repente um baque n'agua, um grito de John! Tinha cahido.

— John! John! onde estás? berrámos, perdidos de terror. Falla! Falla!

Que allivio, quando a voz d'elle nos veio de longe, suffocada.

— Salvo. Agarrei-me a uma pedra! Acendei um phosphoro para eu vêr onde estais!

Raspei o meu ultimo phosphoro. Á sua luz tremula vimos aos nossos pés uma immensa massa d'agua, correndo com grande força. Que largura tinha não percebemos... Mas a distancia distinguimos a fórma vaga do nosso companheiro, pendurado d'um penedo agudo.

— Preparai para me agarrar, gritou elle de lá. Vou nadar para ahi!

Outro baque, uma grande lucta de braços batendo a agua. Depois junto de nós um resfolegar ancioso. E por fim uma exclamação do Barão, que agarrára o nosso amigo pelas mãos, o puxára para dentro do tunnel, a escorrer.

— Irra! balbuciava John, offegando. Estive por um fio. É uma corrente furiosa e parece-me que não tem fundo.

Evidentemente, d'este lado nada conseguiamos. De sorte que, depois de John descançar, de bebermos á farta d'aquella agua que era deliciosa, e de lavarmos a cara, deixamos as mar-

gens d'aquelle tenebroso rio, e retroeedemos ao eomprido do tunnel, eom John adiante, tiritando e pingando. Depois de andarmos um quarto de hora — chegamos a outro tunnel, que se inelinava para a direita e pareeia mais largo.

— Seguimos este, disse o Barão inteiramente desalentado. Todos elles são iguaes. O melhor é andarmos, andarmos, até cahir ahi para um canto, sem poder mais, á espera da morte.

Durante muito, muito tempo, mudos, em fila, arrastamos os passos na treva, atraz do Barão, eujas fortes pernas já frouxeavam.

De repente esbarrámos eom elle — que estaeára, como attonito.

— Quartelmar! exclamou elle, agarrando-me convulsivamente o braço. Eu estou a delirar ou aquillo além é luz?

Arregalamos desesperadamente os olhos. E eom effeito, lá ao longe, ao fundo do tunnel, vimos uma pallida, vaga maneha de elaridade, pouco maior do que um vidro de janella! Com outro alento de esperança estugamos o passo. Momentos depois toda a duvida cessára, deliciosamente. Era *luz* — uma desmaiada mancha de luz! Tropeçavamos uns contra os outros na nossa aneiedade. Mais viva, eada vez mais viva a luz! Por fim, um ar freseo bateu-nos a face!... Mas de repente o tunnel estreitou. Caminhamos curvados. Depois estreitou mais. Gatinhamos, de mãos no ehão. E estreitou ainda, eomo uma toea de raposa. Fomos de rastos. Mas a roeha findára. Era terra, terra friavel, que se esboroava... Um empuxão, um gemido, e o Barão furou, e John furou, e eu furei — e sobre as nossas eabeças luziam as bemditas estrellas, e na nossa faee batia uma aragem dôce!

De repente faltou-nos o ehão, e todos tres, á uma, rolámos, de eseantilhão, por um declive abaixo, de terra molle e humida, entre eapim e tojo... Agarrei uma eoisa e parei. Estonteado, coberto de lôdo, berrei pelos outros, desesperadamente. Um brado em resposta veio de baixo, d'uma terra chã onde o Barão fôra parar. Resvalei até lá, e fui eneontrar o nosso amigo

atordoado, sem fôlego, mas intacto. Gritamos então por John. E uns *olás* arquejantes guiaram-nos ao sitio, onde uma raiz de arvore, em que ainda estava acavallado, o detivera no desesperado tombo.

Sentamo-nos então todos tres na relva — e vendo-nos fóra da funebre caverna, salvos, sãos, a respirar outra vez o ar da terra, a emoção foi tão forte que começamos a chorar de alegria. Seguramente fôra Deus misericordioso que nos guiára por aquelle tunnel, para aquelle buraco, que era a porta da Vida! E agora, a manhã que julgavamos nunca mais vêr, estava roseando o topo dos montes.

Á sua luz bemdita vimos então que nos achavamos no fundo, ou quasi no fundo, d'aquella immensa cova circular que fôra outr'ora a mina de Diamantes. Lá no alto, já podiamos distinguir as confusas fórmas dos tres collossos. Sem duvida aquelles corredores por onde tinhamos vagueado, tão angustiosamente, communicavam outr'ora com as Diamanteiras. E emquanto ao tenebroso rio... Mas que nos importava agora o rio? A luz do dia clareava. Estavamos envolvidos na luz do dia! Só isto era essencial e dôce de saber!

Não podiamos deixar todavia de pasmar para as nossas figuras. Escaveirados, esgazeados, rotos, cheios de pisaduras, com camadas de pó e de lama, sangue nas mãos e sangue nas faces — eramos, na verdade, tres espantalhos medonhos. Mas não havia a pensar em nos sacudirmos ou nos ageitarmos. Aquelle fundo da cova, humido e regelado, era perigoso para corpos como os nossos tão exhaustos. De sorte que começamos, com lentos e custosos passos, a trepar as ladeiras ingremes, através da greda azulada, agarrando-nos ás raizes, e agarrando-nos ao tojo, n'um esforço ultimo que nos esvaia. Ao fim d'uma hora estava terminada a façanha — e os nossos pés tremulos pisavam outra vez a estrada de Salomão. A umas cem jardas adiante brilhava uma fogueira junto de cabanas, e em volta d'ella estavam homens. Para lá caminhamos, amparando-nos uns aos outros, e parando, meio desmaiados, a cada passo incerto. De repente um dos homens que se aquecia ao lume, ergueu-se, avis-

tou-nos — e atirou-se de bruços ao chão, tremendo, gritando de medo.

— Infandós, Infandós, somos nós, teus amigos!

Elle levantou a cabeça, depois o corpo. Por fim correu para nós, com os olhos esbugalhados, e ainda tremendo todo:

— Oh meus senhores! Sois vós! Sois vós! Voltais do fundo dos mortos!... Voltais do fundo dos mortos!...

E o velho guerreiro, abraçando-se ao Barão pelos joelhos, rompeu a soluçar de alegria.

CAPITULO XVI

A PARTIDA DE LÚ

Dez dias depois estavamos de novo em Lú — nas nossas confortaveis cubatas de Lú, á sombra dos machabelles. E poucos vestigios nos restavam d'aquella atroz aventura, além dos muitos cabellos brancos que eu trazia, e da melancolia em que cahira o nosso pobre John, com o coração ainda cheio de Fulata.

É inutil accrescentar que não tornamos a penetrar no thesouro de Salomão — apesar de sagazes e methodicas tentativas. N'aquelle dia em que Infandós nos acolheu como a resuscitados, nada fizemos senão comer, dormir, descançar, gozar o sol. Logo no dia seguinte porém, descemos com uma escolta á grande cova, na esperança de encontrar o buraco por onde tinhamos furado para a luz e para a vida. Foi debalde. Em primeiro logar chovera copiosamente de noite, e todas as nossas pegadas tinham desapparecido; mas além d'isso os declives em funil da enorme cava estavam por todos os lados cheios de buracos, uns naturaes, outros feitos por bichos. Qual d'elles nos salvára entre tantos milhares? Impossivel descobrir!

Depois d'isso voltamos á caverna de stalactites, affrontamos outra vez os horrores da Camara dos Reis Mortos: e durante muito tempo rondamos diante da muralha de pedra, para além da

qual jaziam inaccessiveis para sempre os maiores thesouros da terra, para sempre guardados funebremente pelo esqueleto da pobre Fulata. Mas, apesar de examinarmos a muralha durante horas, de a apalpar, de martellar sobre ella, não nos foi possivel achar o segredo da porta, — sob a qual jaziam pulverisados os fragmentos da hedionda bruxa, que com a sua traição só ganhára a sua perda. Emquanto a forçar aquelles cinco pés de rocha viva, quem podia pensar em tal feito? Nem todo o exercito dos Kakuanas, trabalhando annos, lograria passar através. Só com dynamite, — ou trazendo pelo deserto poderosas machinas. E assim, lá estão ainda, n'esse remoto canto de Africa, os thesouros, que desde os tempos biblicos tanto têm fascinado a imaginação dos homens. Um dia talvez, quando a Africa toda estiver civilisada, cortada de estradas, coberta de cidades, alguem mais feliz que nós, e com os incalculaveis recursos da sciencia d'então, penetrará no vedado thesouro, e será rico além de toda a phantasia! Esse, se jámais existir, encontrará lá, como vestigio da nossa passagem, as arcas abertas e os ossos da pobre Fulata, e uma lampada apagada. A esse tempo já estará perdida a memoria d'este livro, contando a estranha aventura. E esse explorador futuro mal suspeitará então, ao dar com o pé n'esses ossos, ao remexer essas riquezas, que tres homens do seculo XIX passaram alli um dos mais tragicos lances que jámais foi dado a homem passar...

Devo todavia accrescentar que, materialmente, a nossa estada na caverna não foi de todo inutil. Como contei, ao abandonarmos o thesouro, eu tive a esplendida precaução de atulhar as algibeiras de diamantes. Muitos d'estes, e sobretudo os maiores, cahiram, ficaram perdidos, quando eu rolei pelos declives da cova. Mas ainda me restou nos bolsos uma enorme quantidade. Não lhe posso calcular o valor. Deve ser immenso! Supponho que trouxemos ainda diamantes bastantes para sermos todos tres millionarios, e possuirmos os tres mais ricos adereços de joias que existam no mundo. Em resumo, no ponto de vista economico, a aventura não gorou.

Em Lú, fomos acolhidos pelo rei Ignosi com grande ami-

zade e regosijo. Apesar de fundamente absorvido nos cuidados d'um Reinado que começa (e sobretudo na reorganisação do exercito) estivera em grande inquietação durante a nossa longa demora nas Minas. E foi com ardente curiosidade que escutou a nossa maravilhosa historia.

A noticia da morte de Gagula foi para elle um allivio immenso.

— Quem sabe, murmurou elle, se depois de vos deixar morrer no sitio escuro, não acharia ainda artes de me matar a mim tambem!

Para commemorar a nossa volta Ignosi deu um banquete e uma dança. E foi n'essa noite, ao fim da festa, no terreiro real, onde brilhava o luar, que nós annunciamos ao Rei o nosso desejo de deixar emfim o seu reino, e regressar á nossa patria.

Ignosi primeiramente pareceu espantado. Depois cobriu a face com as mãos:

— O que vós annunciaes, exclamou elle por fim, retalha o meu coração! Sempre pensei que de todo ficarieis commigo. Para que foi então, oh valentes, que me ajudastes a ser Rei? O que quereis? O que vos falta? Mulheres? Campos? Gados? Toda a terra que é minha, é vossa. Escolhei! É uma casa como as que os brancos habitam no Natal que vos falta? Os meus homens, ensinados por vós, edificarão uma entre jardins... Dizei! E cada um dos vossos desejos tem já a minha promessa de Rei.

— Não, Ignosi, não! acudi eu. O que nós simplesmente desejamos é voltar para as nossas terras.

Elle então sorriu com amargura. Sim, bem percebia! Nos nossos corações nunca houvera amor por elle, mas só cubiça das pedras que brilham. Agora tinhamos as pedras para vender, para recolher dinheiro... Estava satisfeito o vil desejo do branco. Que importava pois o amigo que ficava chorando? Malditas fossem as pedras, e idos fossemos nós bem cedo!

Eu pousei-lhe a mão no braço:

— Escuta, Ignosi! As tuas palavras não vêm do teu coração. Escuta. Quando tu andavas exilado na Zululandia, e depois

entre os homens brancos do Natal, não sentias tu o desejo da terra d'onde vieras, e de que tua mãe te fallava? Não se te voltavam os olhos para o Norte, para onde estavam os campos e as senzalas onde tu nasceras, onde brincáras com as ovelhas, onde os velhos que passavam no caminho tinham conhecido teu pae?...

—Assim era, Macumazan, assim era! exclamou o Rei commovido.

—Pois do mesmo modo o nosso coração deseja a terra em que nascemos.

Ignosi baixou a cabeça.

—As tuas palavras, como sempre, Macumazan, vêm cheias de verdade e razão. Sim, tendes de partir. E eu ficarei triste, porque não mais me chegarão noticias vossas, e vós sereis para mim como mortos!

Esteve um momento pensando, com o dedo pousado na testa. Depois chamou os chefes mais idosos, annunciou a nossa partida, ordenou que fossemos acompanhados pelo regimento dos *Pardos* até ás montanhas, e d'ahi com uma escolta e com guias levados pelo caminho do Oasis (de que elle só recentemente tivera noticia), e que nos pouparia todos os trabalhos da passagem das serras. Em seguida, erguendo a mão jurou ante os chefes que não permittiria jámais que nenhum branco entrasse no seu reino a procurar as pedras que brilham:—mas que nós poderiamos voltar sempre porque eramos os irmãos do seu coração! E por fim decretou que os nossos nomes fossem considerados sagrados como os nomes dos Reis Mortos—e que assim se proclamasse por todo o reino, de montanha em montanha.

—E agora ide! Ide antes que os meus olhos vertam lagrimas como os d'uma mulher. Quando estiverdes, longe, nas vossas casas, junto das vossas lareiras, pensai por vezes em mim... Adeus! Adeus para sempre, Incubú, Macumazan, Boguan, grandes homens e meus amigos!

Ergueu-se; esteve um momento olhando fixamente para nós, um por um; depois escondeu a cabeça no seu manto de pelle de leopardo, e fugiu para dentro da senzala real.

Nós afastamo-nos em silencio, e com o coração pezado.

Na madrugada seguinte partimos de Lú acompanhados por Infandós e pelo regimento dos *Pardos*. Apesar de tão cedo, as ruas estavam apinhadas de gente que nos lançava a saudação *Krum*, e nos desejava boa jornada! As mulheres atiravam-nos flôres ao passar. Todos os *tam-tams* resoavam. Era como uma grande ceremonia real.

Pelo caminho Infandós foi-nos explicando que havia, com effeito, uma passagem nas montanhas mais facil do que aquella por onde vieramos — ou antes, que era possivel descer por aquella alta escarpa, que separa os dois «seios de Sabá» como um muro separa duas torres. Havia um anno, um bando de caçadores Kakuanas, indo ao deserto á procura do abestruz, tinham achado e seguido este caminho. Ao fim d'elle encontraram o deserto; e ao fundo, no horisonte, avistaram massiços de arvores. Levados pela sêde caminharam para lá, e acharam um largo e fertil oasis, cheio de fructa, de caça e d'agua. E d'ahi, diziam os caçadores, podiam-se distinguir no horisonte outros logares ferteis, formando como uma continuação de oasis. D'este modo era talvez possivel diminuir os horrores d'uma nova travessia no deserto.

Ao fim de quatro dias de marcha chegamos com effeito ao alto da escarpa — d'onde avistavamos, por leguas e leguas, outra vez, o medonho deserto amarello em que tanto soffreramos. Foi de madrugada que começamos a descida — e foi então que nos separamos do nosso amigo Infandós.

O excellente homem quasi chorou de magoa.

— Nunca os meus olhos, exclamava elle, verão homens como vós. Aquelle golpe de machado, Incubú! Que belleza! Sois os fortes dos fortes! E o meu coração fica cheio da vossa lembrança. Adeus!

Tivemos realmente saudade do velho Infandós; e John, como lembrança, deu-lhe — adivinhem o quê? — *um monoculo!* Tinha um de sobresalente, e presenteou com elle o heroico e leal selvagem! Infandós, enthusiasmado, procurou logo entalal-o no olho, certo de que essa *pupilla resplandecente* augmentaria o

seu prestigio entre as tropas. E foi esta a derradeira impressão que me ficou dos nossos amigos da Kakuania — um velho guerreiro, nú, com uma pelle de leopardo ao hombro, grandes plumas negras na cabeça, franzindo a face, de *monoculo no olho!*

D'ahi a pouco, tendo apertado affectuosamente a mão a esse honrado Infandós, começavamos a nossa descida pela escarpa que liga os «seios de Sabá», entre as trovejantes acclamações do regimento dos *Pardos*.

Fizemos essa descida em doze horas. Á noite estavamos acampados á orla do deserto, conversando em torno das fogueiras ácerca d'esses dois estranhos mezes que passaramos entre os Kakuanas!...

— Ha sitios peores para se viver, dizia o Barão.

— Quasi desejava ter lá ficado, accrescentava John, com saudade.

Eu não dizia nada. Tinhamos lá passado temerosos momentos. Mas por vezes a vida fôra dôce. E no alforge traziamos um saco de diamantes!

Na madrugada seguinte encetamos a marcha para esse oasis que os nossos guias conheciam. Trilhamos tres dias o deserto — mas sem desconsolo, graças ao bando de carregadores que nos dera Ignosi, e que nos permittia levar provisões fartas e agua farta. Pelo começo da tarde do terceiro dia avistamos um bosque — e o nosso jantar já foi regaladamente servido debaixo de copadas arvores, e junto de frescas aguas correntes.

CAPITULO XVII

EMFIM!

E agora resta-me contar a maior maravilha d'esta maravilhosa jornada. Tão estranho, quasi inverosimil é, que, para não lhe augmentar o ar de romance que ella já de per si tem, preciso narral-a com a maxima brevidade e maxima simplicidade.

Foi isto. Na manhã seguinte, no oasis, andava eu passean-

do ao comprido d'uma fresca ribeira que o banha, quando de repente, n'um frondoso outeiro á sombra de figueiras, com a fachada voltada para a corrente — vejo uma confortavel cabana, construida á maneira cafre, mas com uma porta, uma porta de madeira, em vez do costumado buraco redondo. E quando eu estava pasmando para esta casota humana perdida n'um oasis do deserto, eis que a porta se abre, e apparece, coxeando, encostado a um pau, todo vestido de pelles, e com uma immensa barba até á cintura, um *homem branco!*

Ficamos a olhar esgazeadamente um para o outro. Justamente n'esse momento o Barão e John appareceram. O homem crava os olhos em nós, com um ar quasi afflicto. De repente larga a correr, como um côxo póde correr, aos tropeções. Esbarra, rola no chão. O Barão acode. Ergue o homem. E grita:

— Santo Deus! *é meu irmão Jorge!*

Quasi tenho vergonha de narrar este lance. Parece banalmente inventado pelos moldes do theatro antigo. Mas foi assim.

E ainda mais! Ao alvoroço do Barão, ás exclamações que seguiram, outro homem sahiu da cabana, tambem vestido de pelles, com uma espingarda na mão. Ao dar com os olhos em mim larga a arma, leva as mãos á carapinha:

— Oh Macumazan! Oh Macumazan!... Não me conheces? Sou Jim. Sou Jim! Aquelle papel que tu me déste para o patrão perdi-o... Estamos aqui ha dois annos.

E o pobre Jim rojava-se no chão diante de mim, chorando e rindo, n'uma alegria furiosa.

Com effeito, havia dois annos que o irmão do Barão e o seu servo Jim viviam n'aquelle oasis. Foi no nosso acampamento n'essa tarde que Jorge Curtis nos contou lentamente toda a sua historia. Dois annos antes partira da aringa de Sitanda, como nós, para atravessar o deserto, e procurar as minas de diamantes para além das montanhas. Por informação porém, que lhe deram uns caçadores de abestruzes que felizmente encontrára, tomou um caminho diverso, e bem melhor do que aquelle que seguira outr'ora o velho D. José da Silveira, e que nós seguiramos guiados pelo seu roteiro. Esse caminho era

através do deserto, mas entremeado de oasis. Assim tinha chegado a este, o maior de todos, e estava junto das Montanhas de Salomão, quando lhe aconteceu uma grande desgraça. No dia mesmo em que aqui parára, estava sentado junto do rio, por baixo d'umas penedias, onde Jim, o servo, andava procurando o mel d'abelhas mansas. De repente, a um esforço qualquer que Jim fez em cima, um dos penedos rola e vem cahir sobre uma perna do pobre Jorge esmigalhando-lh'a horrivelmente! Desde esse dia não pôde mais andar. E muito naturalmente preferiu ficar alli no oasis, onde tinha agua, caça e fructa — do que tentar atravessar de novo o deserto, onde inevitavelmente morreria.

E alli ficou dois annos, como um Robinson Crusoe. Havia justamente dias que decidira mandar Jim, para traz, á aringa de Sitanda, a buscar soccorro. Mas quasi tinha a certeza que Jim não voltaria...

— E sois vós agora, que appareceis de repente. Justamente tu, irmão! E tu, meu bom John!... E o snr. Quartelmar, muito bem me lembro de o ter encontrado em Bamanguavo! É extraordinario! E foi tudo a misericordia de Deus!

N'essa noite tambem lhe contamos as nossas aventuras. Quando eu lhe mostrei um punhado de diamantes, o homem empallideceu de espanto:

— Santo Deus! Ao menos o que soffrestes não foi em vão! Emquanto que eu!...

Esta triste exclamação tornou-me pensativo. E desde logo decidi partilhar com elle um lote d'aquellas pedras, que a elle tinham trazido uma tão longa desgraça.

E aqui acaba esta historia. A nossa travessia do deserto foi extremamente trabalhosa. Não soffremos tanto da sêde, porque, segundo o novo roteiro indicado pelos caçadores de abestruzes, encontramos a espaços pequenos e frescos oasis. Mas o pobre Jorge Curtis, que mal podia ainda usar a perna, necessitava constante amparo — e, por assim dizer, tivemos de o

transportar através do deserto. Emfim attingimos a aringa de Sitanda, onde o velho sacripante, a quem deixaramos as nossas armas e bagagens, ficou indignado de nos vêr voltar, vivos e sãos, para as reclamar. E seis mezes depois estavamos jantando confortavelmente aqui, na minha casa em Durban, á sombra das larangeiras.

Quando eu acabava justamente de escrever esta ultima pagina das nossas aventuras, vejo um cafre entrar pelo meu jardim, com cartas e jornaes na mão. É o correio da Inglaterra. E eis aqui uma carta do Barão, que eu transcrevo, porque dá exactamente a conclusão da minha historia:

«Solar de Braley — Yorkshire.

«Meu caro Quartelmar.

«Só algumas breves linhas para lhe dizer que meu irmão «Jorge, John e eu, chegamos a Inglaterra todos tres perfeita-«mente. Apenas deixamos o paquete, em Southampton, parti-«mos logo para Londres pelo primeiro trem. Não imagina o «Quartelmar que elegante nos appareceu logo na manhã se-«guinte o nosso John! Mas parece-me que ainda pensa muito, «coitado, na pobre Fulata.

«E agora emquanto a negocios. Levamos os diamantes «aos melhores joalheiros de Londres, aos Streeter. Quasi tenho «vergonha de dizer em quanto elles os avaluaram. É uma «somma descommunal. Está claro que elles não podem dizer «com exactidão, porque nunca appareceram no mercado pe-«dras d'este tamanho em tal quantidade. Emquanto a com-«pral-os elles, está fóra de questão. Apesar de ser uma forte «casa, não poderia nunca reunir semelhantes sommas. Aconse-«lharam-me que os vendesse, em pequenos lotes, a differentes «joalheiros, e devagar para não inundar o mercado. Um d'esses «lotes, o que o Quartelmar tão generosamente reservou para

« meu irmão, estão elles todavia resolvidos a comprar por cen-
« to e oitenta mil libras.

« O que o Quartelmar deve fazer, agora que está tão rico,
« é vir para Inglaterra, e comprar uma propriedade ao pé da
« minha. O melhor seria vir immediatamente para passar com-
« migo este natal. Tenho cá por essa occasião o nosso John. A
« respeito de seu filho Henrique posso dizer que está bom. Es-
« teve aqui uns dias commigo a caçar. Gosto d'elle. Pregou-me
« uma carga de chumbo n'uma perna, extrahiu elle proprio os
« chumbos, e provou-me depois a vantagem de haver sempre
« em todas as partidas de caça um estudante de medicina.

« Venha pois, velho amigo, e creia-me sempre seu

Henrique Curtis. »

Hoje é sabbado. Ha um paquete para Inglaterra além de ámanhã. Creio, na realidade, que vou partir n'elle... Já tenho saudades do meu rapaz. E depois quero vigiar eu proprio a publicação d'estas memorias.

A REPUBLICA BRAZILEIRA

A revolução brazileira chegou ao ponto em que já não aproveitam aos seus promotores, nem as esperanças sinceras de uns, nem as vacillações de quasi todos os surprehendidos, que acharam, ou mais commodo, ou mais consolador para o seu patriotismo, fechar os olhos aos males reaes soffridos do presente com a dictadura, para acreditar nos beneficios promettidos no futuro com a republica.

O governo póde apresentar, em verdade, um indice de decretos alterando tudo. Na sua ambição de achar soluções para todos os problemas sociaes e politicos, o Governo Provisorio apenas parece ter indagado se a solução adoptada era a mais radical, ou a preconisada em ultima instancia, pelo livro francez mais recentemente desencaixotado na alfandega. O Governo Provisorio, na sua primeira proclamação, declarou-se « simples agente temporario da soberania nacional ». Os seus actos demonstram, porém, que o governo não se contentou por muito tempo com a modestia relativa d'esta situação; o simples agente temporario assumiu toda a plenitude da soberania, e não houve relação social, juridica e politica que escapasse ao absolutismo irresponsavel e illimitado. Se prevalecerem todos os decretos do Governo Provisorio, o Brazil póde gabar-se de ter visto renovada, alterada, invertida, toda a sua organisação. E quem foi o auctor

d'estas mudanças? Foram sete individuos que um oitavo individuo reuniu e que usurparam a attribuição legislativa que nos paizes civilisados pertence sómente ao povo. A estes oito individuos, que só vantagens de todo o genero têm tirado d'esta engenhosa combinação, aprouve chamar a este arranjo Republica Federal. As palavras têm porém significações rigorosas; por meio de revoltas de soldados e de decretos póde-se mudar muita coisa n'este mundo, mas a linguagem e a precisão scientifica não se amoldam, nem aos caprichos dos reis, nem aos desejos dos demais governantes. O governo absoluto exercido por oito individuos não é a Republica, quer dizer, o governo de todos. Alcunhem esta organisação de republica quanto quizerem; a palavra não corresponderá de modo algum á realidade. Este governo absoluto, que não foi eleito pela nação, tem nome na sciencia desde o tempo de Aristoteles, e esse nome é: Tyrannia.

*
* *

O governo de um bom despota seria o melhor dos governos. Esta banalidade é antiga. Os pensadores não cogitaram, porém, do que seria o despotismo da vulgaridade pedantesca, audaz e ambiciosa. Os publicistas só se occupam de coisas sérias. Á dictadura brazileira faltam os caracteres de seriedade indispensaveis a um governo civilisado. Temos narrado os fastos, ora comicos, ora odiosos da sua existencia, que é para o patriotismo dos brazileiros esclarecidos a mais cruel das provações. Continuemos.

*
* *

No decurso do mez de abril, o Governo Provisorio julgou ser coisa indispensavel a reforma do ensino nas escólas do exercito. Um decreto. O *Diario Official* publíca já os decretos sem lhes dar o competente numero, e, ás vezes, vem até a data em branco. A confusão legislativa já não se revela sómente na in-

congruencia das idéas: está até perdida a ordem material da legislação no meio dos trezentos e tantos decretos que baixaram, e baixaram até ao ridiculo, desde que a dictadura subiu.

O decreto sobre o ensino militar é composto pelo snr. Benjamim Constant, o incruento general de brigada. O pouco mavortico ministro da guerra trocou as honras d'este posto pelas de ministros da instrucção publica, correios e telegraphos. Trabalhou muito no cargo de ministro da guerra este felicissimo militar! Entrou tenente-coronel, e ao cabo de cinco mezes, sahiu general de brigada e grã-cruz de S. Bento de Aviz. Tudo isto foi conquistado rapida e incruentamente, sem prejuizo dos parentes, que receberam accelcradas promoções e vistosas condecorações [1]. O snr. Benjamim Constant é positivista orthodoxo, mas ha meio de accommodar-se sempre a gente com o céo, com o orçamento, e até com S. Bento e Augusto Comte.

O preambulo do decreto em que o militarismo republicano expõe a sua doutrina do soldado politico, é um curioso monumento, uma verdadeira excentricidade militar e um documento digno de ser registrado, tanto pelas confusas resonancias da fórma, como pelo emmaranhado das idéas:

«O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio dos Estados-Unidos do Brazil, *constituido pelo exercito e armada,* em nome da nação:

«Considerando que é de urgente e indeclinavel necessidade aperfeiçoar e completar tanto quanto possivel o ensino nas escólas destinadas á instrucção e educação militar, de modo a at-

[1] O coronel Candido da Costa, cunhado do snr. Benjamim Constant, é filho do antigo director do Instituto dos Meninos Cegos, sogro do snr. Benjamim e a quem este succedeu por protecção de D. Pedro II; este cunhado, coronel a 15 de novembro, ganhou dois postos em tres mezes, sendo promovido a brigadeiro e a marechal de campo, tendo a grã-cruz de Aviz, e sendo nomeado governador do Rio Grande. O major Marciano de Magalhães, irmão do ministro, ganhou tambem dois postos em tres mezes, o de tenente-coronel e de coronel, sendo nomeado commandante das armas de Matto Grosso.

tender aos grandes melhoramentos da arte da guerra, conciliando as suas exigencias com a *missão altamente civilisadora, eminentemente moral e humanitaria que de futuro está destinada aos exercitos no continente sul-americano;*

«Considerando que o soldado, elemento de força, deve ser de hoje em diante o cidadão armado — corporificação da honra nacional e importante cooperador do progresso como garantia da ordem e da paz publicas, apoio intelligente e bem intencionado das instituições republicanas, *jámais instrumento servil e maleavel por uma obediencia passiva e inconsciente que rebaixa o caracter, aniquila o estimulo e abate o moral;*

«Considerando que para perfeita comprehensão d'este elevado destino no seio da sociedade como o mais sólido apoio do bem, da moralidade e da felicidade da patria, o militar precisa de uma succulenta e bem dirigida educação scientifica, que o preparando para com proveito tirar toda a vantagem e utilidade dos estudos especiaes de sua profissão, o habilite para formação do coração, pelo legitimo desenvolvimento dos sentimentos affectivos, pela racional expansão de sua intelligencia, a bem conhecer os seus deveres não só militares como principalmente sociaes;

«Considerando que isso só póde ser obtido por meio de um ensino integral onde sejam respeitadas as relações de dependencia das differentes sciencias geraes, de modo que o estudo possa ser feito de accordo com as leis que tem seguido o espirito humano em seu desenvolvimento, começando na mathematica e terminando na sociologia e moral como ponto de convergencia de todas as verdades, de todos os principios até então adquiridos e fóco unico de luz capaz de allumiar e esclarecer o destino racional de todas as concepções humanas; resolve reorganisar o ensino nas escólas do exercito pelo regulamento que baixa com o presente decreto e, onde são attendidos todos os meios para levantar o nivel moral e intellectual do exercito, pondo o soldado brazileiro a par dos grandes aperfeiçoamentos da arte de guerra em suas multiplas ramificações sem desvial-o de seus deveres como cidadão no seio do lar e no seio da patria.

«Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, em 14 de abril de 1890. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* — *Benjamim Constant Botelho de Magalhães.*»

O snr. Benjamim Constant revela-se afinal ao mundo como o general do exercito humanitario do futuro, humanitario sul-americano, está claro, a quem repugnam as severas virtudes militares dos exercitos, não só da Europa, como da grande republica Norte-Americana e do Chili. Este ideal militar sul-americano que a dictadura achou no presente para o exercito brazileiro e lhe quer garantir no futuro, nem ao menos é uma novidade. Desde os primeiros annos d'este seculo que todos os paizes do continente sul-americano conhecem bem o que é militar politico, parte integrante d'esses exercitos humanitarios que têm conservado em semi-barbaria tão ricas regiões e feito consistir a historia politica d'esses paizes desgraçados na chronica, ás vezes sangrenta, e sempre degradante, das rivalidades de quartel. Na America Central o snr. Benjamim Constant não seria um innovador. No Brazil, porém, a sua theoria é nova. As doutrinas têm o seu destino. Já meio desmoralisado em Guatemala, o militarismo politico refloresce no Brazil. Diz-se n'aquelle paiz que o snr. Benjamim Constant é um grande mathematico. A posteridade terá de jurar nas palavras de alguns contemporaneos e amigos do snr. ministro que é um sabio inedito e um militar pacifico. No seu tumulo, primeiro posto que elle terá de occupar gratuitamente e isoladamente sem accumular com algum outro, poderão os posteros collocar o livro que s. exc.ª não escreveu e a espada que jámais desembainhou. Sob a espada virgem um livro em branco.

Restará, porém, de tanta bravura e de tanta sciencia inuteis o preambulo humanitario do decreto de 14 de abril. Verá a posteridade que o snr. Benjamim Constant foi ao menos um homem moderado. Não abusou do humanitarismo. Se lhe carregasse mais um pouco a mão, o snr. ministro supprimia de uma vez o exercito. O snr. Benjamim Constant porém conservou ainda o exercito pensando talvez que, se não houvesse exercito,

não haveria o que fazer dos coroneis, dos generaes seus parentes, nem do proprio S. Bento de Aviz, superstição feudal que a vaidade positivista da dietadura teve o cuidado de conservar. Dizem que o snr. Benjamim Constant propôz em conselho de ministros o desarmamento de todos os exercitos americanos dentro de cinco annos, conservando porém os officiaes todas as suas honras e regalias [1]. O philosopho não esqueceu os interesses do general.

Emquanto não se realisar o sonho humanitario do snr. Benjamim Constant, é de vêr cada official quieto em sua casa, com sua mulher e seus filhos, revestido das insignias e condecorações nunca maculadas pelo pó de batalhas sanguinosas, recebendo o seu crescido soldo a jogar o gamão na botica ou a fazer positivismo, segundo os gostos de cada um — emquanto este sonho regalado não fôr uma realidade, permittirá o snr. Benjamim Constant que o seu preambulo seja objecto da gostosa hilaridade dos militares que, se não são positivistas, são pura e simplesmente militares.

*
* *

A dietadura brazileira, no decreto destinado a reorganisar o ensino militar, começa condemnando a obediencia passiva do soldado. Começa pela destruição da base de toda a organisação militar, porque ou é passiva ou já não é obediencia. Assim, o tenente-coronel que se deixou acclamar general pelos seus subordinados, aos quaes teve de recompensar promovendo-os, corrupção que partindo de baixo e bem aceite em cima é tão condemnavel como a corrupção que nasce do alto: esse general que ganhou os seus galões á janella da rua Larga de S. Joa-

[1] *Estado de S. Paulo*, de 17 de abril:

«E como consequencia correlativa, tomar-se-ha desde logo a medida do desarmamento, no novo continente, ficando, aliás, aos officiaes do exercito e da marinha, bem como aos soldados, as honras e regalias inherentes aos cargos que até então desempenharem.»

quim, entende que os officiaes e que os soldados dos exercitos de todos os paizes civilisados do mundo, educados, ennobrecidos e fortificados na escóla da abnegação que é a da obediencia passiva, têm o *caracter rebaixado*, são *instrumentos servis* e têm o *moral abatido!!* Todos, sem excepção, allemães, inglezes, francezes, americanos, chilenos, italianos, portuguezes, todos os soldados do mundo, são umas miseraveis creaturas que só inspiram compaixão ao general dos Meninos Cegos, cegos entre os quaes foi rei o snr. Benjamim Constant, que por isso ficou decerto com tão má opinião da monarchia.

O redactor do preambulo não tolera os militares que se contentam com as glorias puras da sua nobilissima profissão. O ministro da dictadura recusaria o S. Bento de Aviz positivista ao capitão Max Caccia do exercito francez, que não conhece o snr. Benjamim Constant mas que parece havel-o adivinhado quando escreveu estas palavras: «*A obediencia militar é passiva*, isto é, não admitte a menor hesitação, a menor demora na execução da ordem recebida... *Os ignorantes, os pedantes*, os inimigos do exercito são os que dizem que obedecer antes de reflectir é comprimir a liberdade e offender a consciencia... Sem obediencia passiva não ha exercitos instruidos na paz e, portanto, não ha victorias possiveis na guerra [1].»

Outro escriptor militar que pensa diversamente do ministro brazileiro é A. de Chesnel, tenente-coronel do exercito francez: «Todos os povos civilisados reconhecem que a disciplina do exercito é não só uma condição indispensavel de honra, de gloria e de bem-estar para este, como tambem uma necessidade da segurança e da prosperidade da nação. Sem disciplina não ha força militar efficaz para a defeza da patria, nem garantia para a tranquillidade dos cidadãos. Por vezes tem havido quem proteste contra a *obediencia passiva* dos soldados e esses protestos têm partido, quasi sempre, dos demagogos ou dos utopistas. Lamartine respondeu-lhes muito bem quando pronunciou estas palavras: — No frontispicio de todos os codigos mi-

1 *Des vertus militaires en temps de Paix*, pag. 99 e 101.

litares, em todas as linguas, ha escriptas estas quatro palavras mysteriosas mas evidentes emquanto houver no mundo sociedades cultas: *Obediencia passiva do exercito.* A ordem e a honra são duas necessidades do exercito. Na anarchia ha ainda uma nação; com a indisciplina e a desobediencia, não ha mais exercito [1]. »

Pretenderá o general dos Meninos Cegos que estes escriptores militares da Republica Franceza, que Lamartine, e todos, procuravam rebaixar o caracter francez e aviltar a sua patria?

O Brazil sabe por desgraça sua o que é o esquecimento d'estas verdades desde 1887, anno em que o snr. Deodoro se revelou ao publico como homem politico, fazendo um *meeting* contra o governo, coisa que nem os officiaes peruanos e nicaraguenses ousariam fazer talvez hoje.

Em todos os paizes cultos e livres aprende-se nas escólas que todos os poderes são delegações da nação, que o povo é soberano e governa-se a si mesmo por meio dos seus representantes livremente eleitos. Á geração nova no Brazil a dictadura está ensinando que o exercito e que a armada têm o poder de destruir e de constituir governos, aviltante monstruosidade que envenenará por muitos annos a consciencia nacional.

Não ha uma só auctoridade militar, um só general de patriotismo provado no campo de batalha, e que sendo ao mesmo tempo alguem na ordem intellectual e na civilisação do seculo, (o que não acontece á maior parte dos caudilhos sul-americanos) tenha pretendido justificar o equivoco personagem que nas sociedades cultas ha de ser sempre o militar que, pelas bayonetas dos seus subordinados, quizer conquistar posições politicas. O general Faidherbe, o austero republicano, o sabio e o heroe, encheu-se da mais nobre indignação contra Boulanger suspeitado de pretender introduzir em França os habitos politicos dos militares hespanhoes. A respeito de Boulanger, lamen-

[1] *Dictionnaire des Armées de Terre et de Mer.* V.° Discipline.

tavel excepção que a França e o exercito francez expelliram para longe de si, Faidherbe pronunciou as seguintes palavras: «Boulanger é um charlatão do patriotismo. Era indigno de permanecer por mais tempo no exercito. Approvo sem reserva o julgamento do conselho de investigação. O castigo foi até, na minha opinião, inferior á falta. Quando um general dá ao exercito taes exemplos de indisciplina não ha pena bastante severa que o possa ferir. A primeira Republica fazia fusilar os generaes que se revoltavam contra o poder civil. Ella tinha razão. Nenhuma indulgencia, nenhuma piedade é possivel em casos semelhantes. Até onde iriamos se tolerassemos semelhantes desvios? Dentro de pouco tempo não haveria nem exercito nem patria [1].»

O proprio Boulanger, que pelo numero de batalhas a que assistiu e que pelas feridas que recebeu se distingue do general Benjamim Constant, não pensará talvez como o preambulista do decreto de 14 de abril.

Onde não ha obediencia passiva surge logo o militar politico, entidade cuja presença n'um paiz é o mais seguro indicio do atrazo da sua civilisação. A Republica Argentina tem realisado os seus admiraveis progressos d'estes ultimos dez annos, porque o militar politico é creatura que n'aquelle paiz já pertence á historia [2]. O poder civil tem hoje bastante energia e bastante patriotismo para reprimir qualquer tentativa de militarismo.

O official chileno, ainda orgulhoso da gloriosa campanha em que o exercito nacional levou de vencida as tropas vetera-

[1] Palavras do general Faidherbe reproduzidas por occasião da sua morte pelo jornal *Le Paris* de 30 de setembro de 1889.

[2] *Jornal do Commercio* de 22 de abril:

«Buenos-Ayres, 21 de abril. — O ministro Levalle em conversa com um reporter disse que está resolvido a prohibir a intervenção dos officiaes na politica do paiz.»

Jornal do Commercio de 27 de maio:

«Buenos-Ayres, 25 de maio. — Foi preso o coronel Saravi, redactor do *Porvenir Militar*, por haver criticado a mensagem presidencial.»

nas dos *pronunciamientos* peruanos e bolivianos, tem o mais nobre desprezo pelo official que pretende servir-se da sua espada em favor da sua opinião politica, ou antes, da sua ambição pessoal. Os chilenos votam uma gratidão eterna ao glorioso general Bulnes que, vencendo o seu parente general Cruz em Loncomilla, esmagou para sempre o militarismo politico na sua patria. Um illustre diplomata inglez, referindo-se ao general Bulnes, diz as seguintes palavras: «A sua fama e a sua popularidade, como vencedor de Yungay e conquistador do Perú, bastariam para tentar um homem de uma natureza mais commum a desviar-se do caminho do dever e da disciplina militar. Espontaneamente elle offereceu os seus serviços á auctoridade civil contra que se havia revoltado o general Cruz, bem que elle podesse conservar-se, sem perda da sua reputação, afastado das dissenções do Estado. Admiremos o exemplo dado a seus concidadãos pelo general Bulnes; a lição que elle lhes ensinou foi que o elemento militar, em toda a sociedade bem constituida e possuindo instituições livres, deve estar submettido á auctoridade civil e legal. Graças em grande parte ao procedimento de Bulnes, o Chili deve-lhe a sua libertação dos males que até hoje affligem as Republicas hespanholas e que têm feito da historia politica da America do Sul os annaes lamentaveis das revoluções de quartel tantas vezes envilecidas pela perpetração de assassinatos politicos. Bulnes feriu de morte o militarismo na sua patria [1].»

No mundo civilisado não ha duas opiniões sobre a immoralidade clamorosa do militarismo politico. Poderiamos fazer cem citações de trechos em que os escriptores militares dos paizes cultos ensinam o que já está em todas as consciencias, isto é, que o dever da obediencia incondicional e a missão do exercito védam ao cidadão armado pela nação toda a intervenção na politica. Os soldados que têm praticado os grandes actos mi-

[1] Horace Rumbold, ministro da Gran-Bretanha em Santiago: *Rapport sur le progrès et la condition générale de la République du Chili*, Paris, 1877, pag. 11.

litares d'este seculo, os allemães que realisaram a unificação da sua patria, os inglezes que formaram o maior imperio de que falla a historia, esses não aprenderam as sociologias do snr. Benjamim Constant. Aprenderam porém na escóla da lealdade e do sacrificio o caminho da gloria pelo valor e pela abnegação.

O snr. Latino Coelho, que, aceitando a intervenção moral de um governo estrangeiro nos negocios internos da sua patria, acolheu agradecido as exhortações telegraphicas do snr. Benjamim Constant, figurou por alguns dias como o director espiritual do militarismo brazileiro e seu embaixador em Portugal. N'uma carta dirigida á imprensa o snr. Latino Coelho disse que o exercito francez tambem havia tomado parte nas revoluções d'este seculo. Enganou-se o illustre academico. Em 1830 muitos officiaes francezes pediram a sua demissão por occasião das celebres ordenanças que provocaram a revolução, e como a demissão não chegou a tempo, esses mesmos officiaes commandaram o fogo contra os revolucionarios, e a tropa só se retirou quando recebeu ordem para isso [1]. O mesmo aconteceu em 1848. Em 1852 quando Luiz Napoleão deu o golpe de Estado, o exercito atacou as barricadas cumprindo a ordem do eleito do povo francez, já então chefe do Estado, e esta ordem o exercito recebeu-a do ministro da guerra. E todos os officiaes, e muitos eram republicanos, obedeceram. A revolução do dia 4 de setembro de 1870 foi feita pelo povo. Os restos do exercito francez estavam em campanha tentando resistir aos allemães, e a força armada nada fez senão reconhecer o governo provisorio aceito pela nação. O snr. Latino Coelho quando os mal entendidos interesses da causa do seu partido não lhe perturbam a justiça do seu espirito, não defende o militarismo politico, e uma vez, tratando da crise politica no Brazil em 1823, o snr. Latino Coelho indignou-se contra os militares politicos: «A crise politica ameaçava sangrentos dissidios ao Brazil. *Os officiaes da guar-*

[1] Général A. L. Blondel, *Coup d'œil sur les devoirs et l'esprit militaires*, Paris, 1887, pag. 24.

nição no Rio de Janeiro ousavam intervir nas questões politicas, pedindo ao Imperador que refreasse a imprensa, supprimindo o *Tamoyo* e a *Sentinella*, e expulsasse da assembléa a José Bonifacio e a seus irmãos e consortes na politica [1]. » O illustre academico está com a doutrina da verdadeira civilisação politica qualificando de ousadia a pretensão anti-patriotica dos officiaes do Rio de Janeiro em 1823. Pouco nos importa que o politico, em 1889, tenha querido exaltar o que o philosopho condemnava annos antes, em toda a calma da sua razão.

A ausencia da obediencia passiva nos exercitos significará sempre, cedo ou tarde, a escravisação do povo á força armada. Perdida a noção da obediencia, perdida ficará tambem a concepção justa do destino dos exercitos que são creados para a defeza externa e interna das sociedades, e não para dominal-as. Os povos que tiverem a desgraça de possuir um exercito de politicos, onde a obediencia seja ainda objecto de duvidas e de discussões, estão fatalmente destinados a perder a liberdade. O que se poderá esperar de um paiz onde, n'um decreto do chefe do Estado e de um ministro que ganharam as suas posições n'um acto de revolta, fica consignado solemnemente que a obediencia passiva rebaixa o caracter e avilta o moral?

A politica no Brazil está hoje reduzida á arte de adular com mais ou menos successo os militares. É inutil que os brazileiros estejam alimentando illusões pueris. Os partidos politicos, hoje, só poderão galgar o poder agarrados á cauda do cavallo de um general. As commissões nomeadas pela dictadura estudaram e tentaram redigir longos projectos de constituições republicanas; discutem os jornaes se a constituição será votada em plebiscito, decretada pelo snr. Deodoro, ou proclamada por uma assembléa constituinte. Diz-se que o snr. Deodoro vai liberalmente outorgar ao Brazil uma Carta Constitucional. O primeiro Imperador consultou as camaras municipaes do paiz; a dictadura supprimiu as representações eleitas dos municipios; D. Pedro I, na Constituição de 25 de março de 1824, pouco se

[1] *Elogio historico de José Bonifacio*, Lisboa, 1877, pag. 88.

afastou do projecto apresentado na Constituinte e que sem duvida esta adoptaria. A Constituição doada pelo snr. Deodoro, é inteiramente de sua propria auctoridade, nenhum representante da nação foi ouvido. Quem garante a observação d'essa lei que póde ser desfeita por quem a fez, sem que haja possibilidade de alguem impedir ou punir a sua violação por parte do soldado omnipotente e irresponsavel?

Tudo isto, pois, não passa de um byzantinismo irrisorio: todo o mundo sabe que dois regimentos na rua acabam com os plebiscitos, fazem evaporar qualquer governo e desapparecer n'um momento qualquer assembléa. E para que dois regimentos saiam á rua, basta a má vontade, a ambição, o interesse ou o amor proprio contrariado de meia duzia de officiaes educados na escóla da sedição e que sabem que no dia seguinte á sua façanha pouco perigosa terão honras, postos, pensões, condecorações, apotheoses, versos e retratos nos jornaes. Qualquer codigo constitucional que os redactores da futura constituição tiverem copiado, com mais ou menos felicidade, dos Estados-Unidos, da Suissa, ou da Colombia (este paiz é hoje muito imitado no Brazil, apesar das leis colombianas, rhetoricamente liberrimas, não impedirem a Colombia periodicamente de se estorcer na anarchia a mais tyrannica, ou viver entorpecida no atrazo o mais completo), sejam os legisladores da dictadura os sabios mais inspirados da historia, tudo quanto fizerem será precario, todos os seus principios serão sem prestigio, porque o povo não esquecerá tão cedo que todas as instituições podem de um momento para outro, ser derrubadas por alguns conspiradores militares.

Muitos brazileiros têm a patriotica illusão de que o militarismo não será na sua patria o que tem sido na patria dos seus visinhos. Em que se baseia esta pretensão dos brazileiros de constituirem uma excepção phenomenal, a unica, a primeira na historia? Dizem elles que o militarismo jámais dominará definitivamente no Brazil, porque o Brazil não é um paiz militar, porque o brazileiro é um povo sem predilecção pelas armas. É verdade. Mas esse desamor do brazileiro pela profissão militar é justamente o que constitue a sua inferioridade e faz d'elle um

homem desarmado por habito, e incapaz de se armar para reagir; é o que o põe na desgraçada posição de nunca poder defender-se contra a força armada esquecida dos seus deveres. Só um povo marcial, tendo recebido uma educação physica que lhe enrijasse os musculos e lhe fortalecesse a coragem, só esse povo poderia levantar-se contra a tyrannia e tornar pouco agradavel a profissão de dictador e de *pronunciamientista*. O exercito é um punhado de homens, dizem alguns brazileiros: o seu dominio não será duradouro. Eram tambem um punhado de homens os exercitos do Perú, comparados á população d'aquelle paiz, o mais rico do grande imperio colonial hespanhol. Isto porém não impediu que o Perú vivesse 70 annos em estado chronico de dictaduras e de *pronunciamientos*.

O verdadeiro povo brazileiro parece ter a instinctiva e clara noção da desgraçada situação em que se acha. O Governo Provisorio mandou dar começo em todo o paiz ás operações do alistamento eleitoral e, phenomeno curioso! a população retrahe-se, os cidadãos abstêm-se, e permanecem em branco as listas dos futuros eleitores. Porque? O povo brazileiro comprehende que o direito eleitoral é uma farça e a intervenção popular nos negocios publicos uma burla verdadeira desde que está firmado o dogma de que o exercito e a armada podem alterar, transformar, abolir e destruir o que a vontade nacional tiver querido e sustentado. Para que ser eleitor, quando o soldado faz o papel de arbitro supremo da nação? O que o eleitor tiver feito hoje, será ámanhã talvez desfeito pelo militar. O cidadão brazileiro sabe hoje bem d'isso, e hesita, teme, desanima e abstem-se. [1].

[1] Citamos alguns exemplos d'entre muitos:

S. Paulo: «Tem sido até agora relativamente insignificante o numero de cidadãos que se têm alistado para a qualificação eleitoral. É preciso reagir contra este deploravel symptoma de indifferentismo.» (*Estado de S. Paulo* de 23 de abril).

Bahia: «Somos informados de que, por parte da população se manifesta grande indifferença e que muito poucos cidadãos procuram alistar-se.» (*Pequeno Jornal* de 31 de maio).

A fraude suppre porém a esta abstenção. Os jornaes noticiam que pequenas povoações onde o alistamento está sendo feito de modo a contentar a dictadura, ha já um numero de eleitores igual ao das grandes cidades. A cidade do Juiz de Fóra tem de sete a oito mil almas e no entanto apresenta numero de eleitores igual ao de S. Paulo que tem de oitenta a cem mil habitantes [1].

Este facto dá uma idéa do que vai ser a primeira eleição brazileira depois da installação do absolutismo republicano. E esta eleição será feita estando todos os direitos sequestrados, supprimidas todas as liberdades e o paiz sob a degradante pressão de uma dictadura militar. Que valor moral terá a opinião nacional que fôr manifestada a 15 de setembro proximo?

Terá o mesmo valor das eleições celebradas no Hayti e em Guatemala onde ha militarismos, promoções em massa, plumas, galões, fraternidades, e onde decerto ha tambem generaes adversarios da disciplina e da obediencia passiva dos exercitos, como o snr. Benjamim Constant.

Antes d'essas eleições o snr. Benjamim Constant quiz praticar mais um acto de abnegação patriotica, a seu modo. Fez declarar no *Diario Official* que não era candidato a nenhum cargo de eleição popular e que, se fosse eleito, recusasse. Comprehende-se bem o pouco apreço em que o snr. ministro tem os cargos de eleição; o snr. ministro prefere os cargos que espontaneamente assume pela violencia sem precisar dar satisfações a quem quer que seja, cargos de que elle mesmo augmenta os ordenados e aos quaes ascende por sua propria iniciativa. Demais, se o snr. Benjamim Constant fosse eleito membro da Constituinte, algum indiscreto poderia fazer-lhe perguntas sobre os negocios da sua pasta; e o snr. ministro evita o campo de

Minas Geraes: «Notavel estranheza tem causado aqui a indifferença publica pela qualificação eleitoral, pois até hoje não passa de *cinco* o numero de cidadãos que têm requerido a sua inclusão no alistamento.» (*Renascença*, de S. João de El-Rei, de 8 de maio).

[1] *Diario do Commercio* de 5 de maio.

batalha parlamentar com o mesmo cuidado com que evitou o campo de batalha no Paraguay. Isto de batalhas, pensa o snr. ministro, incluindo as batalhas falladas, não prestam para nada.

*
* *

O que pensa hoje a dictadura?

O *Diario de Noticias*, jornal do snr. Ruy Barbosa, resume a situação de um modo curioso, e n'um estylo que é o da predilecção d'aquelle interessante financeiro:

« Hoje já estamos tranquillos sobre o nosso futuro. Dobramos o cabo das tormentas e estamos nas regiões bemditas onde a face do mar só se encrespa com as brisas perfumadas, que vêm das florestas virgens, onde são classicas as hosannas á liberdade [1]. »

Toda esta litteratura quer dizer que o snr. Ruy Barbosa e seus amigos andam contentes de si mesmos e seguros do futuro. Podia isto ser dito mais simplesmente. O snr. Ruy Barbosa é porém o homem das amplificações litterarias e bancarias. Soprem pois as brisas perfumadas nas mattas virgens sem as quaes não ha liberdade, como se vê na Africa Central, que, sendo a região de maiores mattas virgens, é decerto o paiz de mais liberdade em todo o mundo.

Mas, se às brisas chegam tão perfumadas ao nariz pouco grego do snr. Deodoro, se a nave dictatorial sulca um mar ainda menos crespo do que a gloriosa cabelleira do bravo marechal, para que vive a dictadura a dar brados de alarma e a cercar-se de precauções, como se estivesse sempre em perigo a sua existencia?

Os decretos coercivos da liberdade de imprensa estão em pleno vigor. O presidente da commissão militar officia aos governadores dos Estados pedindo-lhes que remettam para o Rio

[1] *Diario de Noticias* de 9 de maio.

de Janeiro os individuos que disserem mal do governo [1]. Em tempo nenhum funccionaram no Brazil tribunaes militares para julgar crimes de imprensa. Todas as revoltas e insurreições do tempo da menoridade e dos primeiros annos do reinado de D. Pedro II, uma vez reprimidas, os seus auctores foram julgados pelos tribunaes ordinarios e segundo a lei escripta. Quarenta annos depois, o Brazil, estando mais adiantado em civilisação, a dictadura cria ousadamente commissões militares. No Brazil nunca houve banido algum antes dos banidos que o snr. Deodoro sentenciou [2].

Alguns jornaes continuam a suspender a sua publicação até ser restabelecida a liberdade de imprensa [3]. Em Santos, a policia cérca todos os dias a typographia do *Correio de Santos*, para obstar materialmente á publicação da folha, e «soldados armados assediam o escriptorio da redacção fazendo revistar os que d'alli sahem, até cidadãos superiores pela posição social, habitos e caracter, a qualquer suspeita de desordeiros; e a auctoridade, depois da leitura da folha, permitte ou prohibe a venda e a distribuição do jornal [4]. No Pará, é incendiada a typographia do *Democrata*, e o crime é attribuido á auctoridade [5]. Em Ouro Preto, o dr. Diogo de Vasconcellos é levado á presença da auctoridade e intimado a não continuar a redigir o *Jornal de Minas*, que suspendeu por isso a sua publicação [6]. Em Porto-Alegre, o snr. David Job, redactor do *Mer-*

[1] *Jornal do Commercio* de 13 de abril.

[2] Houve commissões militares no Brazil em 1825 para julgarem o crime de rebellião nas provincias de Pernambuco e Ceará. Em 1829 foram creadas commissões militares; mas o governo, diante das reclamações do parlamento, supprimiu-as antes que ellas começassem a funccionar. Hoje não ha parlamento para protestar. É preciso não confundir algumas *deportações* de tempos antigos com os *banimentos* de hoje. O povo brazileiro, pouco educado na escóla d'essas violencias, confundirá facilmente *banimento* com *deportação*.

[3] Succedeu isto com o *Dezenove de Dezembro*, de Curitiba, o jornal mais antigo do Estado do Paraná. Vid. *Jornal do Commercio* de 11 de abril.

[4] *Diario da Manhã* de 23 de abril; *Estado de S. Paulo* de 23 e 24 de abril; *Correio Paulistano* de 27 de abril.

[5] *Diario de Noticias*, do Pará, de 20 de maio.

[6] *Jornal do Commercio* de 2 de junho.

cantil, foi preso, sendo substituido pelo snr. Ernesto Gernsgross que tambem foi preso, o que obrigou aquella folha a suspender a sua publicação. O mesmo aconteceu á *Folha da Tarde*, por ser preso o redactor snr. Henrique Hasslocher [1]. Não pôde tambem continuar a publicar-se *A Reforma*, redigida pelo valente escriptor teuto-brazileiro Carlos von Koseritz que foi preso, com sentinella á vista, nas Pedras Brancas [2]. Carlos Koseritz continuava debaixo d'esse constrangimento e ia embarcar a bordo do *Planeta* para ser conduzido ao Rio de Janeiro, quando, opportunissimamente para a dictadura, falleceu repentinamente, dizem os jornaes, de uma syncope cardiaca. Ficaram assim os inimigos de Koseritz livres de uma vez da sua opposição, e o notavel escriptor morreu vendo a sua patria de adopção, que elle conheceu livre durante tantos annos, entregue a todas as violencias de uma tyrannia nova no Brazil! [3] O *Estado do Sul* e o *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, não puderam tambem continuar a publicar-se e ficou só em campo a *Federação*, orgão do governo [4].

O *Diario de Noticias*, jornal do snr. Ruy Barbosa, desafia sarcasticamente a *Gazeta de Noticias* a publicar contra o «benemerito generalissimo» um artigo igual ao que publicou a 14 de novembro [5]. E o que bem demonstra o liberalismo dos novos republicanos brazileiros, o jornal do ministro diz que a formação do «partido catholico é um accinte ás leis existentes» [6], contestanto assim a liberdade de consciencia, de associação e de pensamento.

Conhecemos as praticas da dictadura e, admirando os seus conceitos, temos visto que não cessaram ainda as violencias contra a liberdade de pensamento e das pessoas.

Uma violencia que tem o caracter das execuções inquisito-

1 *Gazeta de Noticias* de 28 de maio.
2 *Ibidem*.
3 *Jornal do Commercio* de 31 de maio.
4 *Gazeta de Noticias* de 28 de maio.
5 *Diario de Noticias* de 22 de maio.
6 *Ibidem* de 1 de junho.

riaes proprias a todos os despotismos mais ou menos soldadescos ou jacobinos da America do Sul, é a que consiste na prisão de um individuo qualquer, prisão que se prolonga indefinidamente sem a victima ser sequer ouvida, sem lhe ser permittida a menor communicação com os seus mais proximos parentes, sem lhe ser dado ouvir nem ao menos os conselhos de um advogado. E as victimas são arrastadas ao Rio de Janeiro para serem julgadas por uma commissão militar, que afinal nem se digna tomar conhecimento do supposto crime. Emquanto isto dura, o paciente anda de enxovia em enxovia, nos calabouços das fortalezas onde as brisas que lhes chegam aos narizes não são decerto tão perfumadas como as brisas cantadas pelo jornal do snr. Ruy Barbosa. E o que faz o Governo? O Governo limita-se, e isso mesmo nem sempre, a fazer declarar pelos jornaes amigos que o cidadão fulano, preso á ordem do ministro da justiça, é considerado criminoso politico.

Criminoso politico! Expressão nova no Brazil, mas da qual se serviam frequentemente Rosas e os seus imitadores nas infelizes tyrannias republicano-militares da Hispano-America [1].

O Rio de Janeiro era infestado por uns malfeitores conhecidos pelo nome de *capoeiras;* muitas vezes a policia tentou pôr cobro a seus crimes prendendo-os e sujeitando-os ao julgamento de tribunaes regulares encarregados de applicar a lei escripta como se fazia então no Brazil, segundo o costume dos paizes civilisados. A imprensa bradava logo em nome das liberdades individuaes conculcadas, e a justiça tinha de recuar. A di-

[1] Dr. João de Menezes Doria, preso, vindo do Paraná recolhido á Casa de Detenção e depois á fortaleza de Santa Cruz (*Paiz* de 28 de abril); Valeriano do Espirito Santo, preso, visto ser criminoso politico, diz o *Diario de Noticias* de 10 de maio; Dr. Henrique Alves de Carvalho, secretario do Club Federal 15 de novembro, recolhido á prisão tambem como criminoso politico; Gaspar Sergio Luiz Barreto, preso á ordem do ministro da justiça e trazido do Rio Grande do Sul ao Rio do Janeiro; «ficou detido devendo ser hoje apresentado áquelle ministro por crime politico», diz o *Diario de Noticias* de 7 de maio. Varios outros factos da mesma natureza são referidos pelos jornaes.

ctadura que não conhece lei e despreza a imprensa emmudecida subitamente, tem deportado um grande numero de individuos justa ou injustamente qualificados *capoeiras*. É possivel que muito desaffeiçoado das auctoridades, a pretexto de ser *capoeira*, tenha ido parar á ilha de Fernando de Noronha sem que lhe reste meio algum de reclamar.

O conde de S. Salvador de Mathosinhos, cidadão brazileiro e titular portuguez, que adiantou capitaes para a propaganda da republica, mantendo um grande jornal *O Paiz*, folha dispendiosa pelo seu formato e por ser seu redactor chefe o snr. Quintino Bocayuva, achou-se, por desgraça de um seu irmão, envolvido na questão dos capoeiras. O chefe de policia do Rio de Janeiro entendeu que esse irmão era capoeira. O snr. conde pretendeu que o chefe de policia perseguia o seu irmão por umas rivalidades inteiramente estranhas ás questões politicas e policiaes. O irmão do conde republicano foi preso e levado para Fernando de Noronha. Grande dôr do snr. conde. Essa dôr, porém, parece-nos illogica. O jornal do snr. conde de Mathosinhos applaudiu todas as arbitrariedades da dictadura militar cujo advento o snr. conde tanto favoreceu. O que é digno de applauso, quando se trata de outros cidadãos, não póde ser censuravel quando se tratar de um irmão do snr. conde. Ouçamos no entanto a s. exc.ª:

«Não me incitariam a collocar o *Paiz* em viva opposição os pungentes aggravos que eu recebera? E n'este caso, como não temer os excessos tyrannicos de uma auctoridade que tão arbitraria se mostrou ainda quando em mim sómente via um amigo sincero? E sabe alguem até onde vai hoje, até onde chega para cada um de nós o direito de queixar-se, o direito de gemer? Eis por que deliberei passar a folha da minha propriedade a outros mais felizes. A toda a gente honesta e briosa, ao publico, de cujo bom senso espero a approvação do meu procedimento, sómente ainda direi que, na esphera da minha actividade, como proprietario do *Paiz*, poderei talvez ter-me enganado quanto aos homens e ás coisas da nossa terra, mas que, se acaso errei, fil-o de boa fé e com intuitos patrioticos. Cedo me desen-

ganei, e oxalá o futuro não traga a muitos outros, desenganos tão amargos como os que me fizeram soffrer [1]. »

Depois d'esta despedida, o snr. conde de Mathosinhos vendeu por mil contos de reis fracos o seu jornal ao banqueiro da dictadura o snr. Mayrink, e resolveu partir para a Europa. Os compatriotas do snr. conde, que não têm jornaes para vender por tão grande preço aos banqueiros do snr. Ruy Barbosa, e que não podem separar-se da tyrannia pela largura do oceano Atlantico, esses que fiquem no Brazil sujeitos a todos os despotismos da dictadura que o snr. conde ajudou a levantar e da qual, por um justo castigo, o snr. conde de Mathosinhos é uma das victimas. Felizmente é uma victima opulenta e póde deixar o Brazil como os Paraguayos que abandonavam o Paraguay e emigravam para o Brazil, diz eloquentemente o general João Severiano da Fonseca, « com receio da liberdade republicana » [2].

A dictadura não se limita a impôr o silencio á censura publica por meio da violencia. Ella quer a humilhação universal perante a sua prepotencia.

Quando cahiu a monarchia a 15 de novembro o snr. Carlos de Laët, redactor-chefe da *Tribuna Liberal*, não suspendeu o seu jornal. Durante mais de um mez o corajoso jornalista fez frente á dictadura, e na historia o seu nome ficará honrado como o do unico escriptor publico que no Rio de Janeiro ousou affrontar a tyrannia do quartel ao serviço do jacobinismo. A 25 de dezembro o snr. Quintino Bocayuva declarou ao redactor da *Tribuna Liberal* que o governo não toleraria por mais tempo um jornal de opposição, e que as penas de sedição militar seriam applicadas aos jornalistas adversos á dictadura, em vista do decreto de 23 de dezembro. O jornalista teve de conservar-se silencioso e de, recolhido aos seus estudos, consagrar-se ex-

[1] *Paiz* e *Gazeta de Noticias* de 28 de abril.

[2] Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil*, tom. I, pag. 289.

clusivamente a ensinar com zelo e proficiencia no collegio D. Pedro II, onde era professor.

A dictadura republicana que nos primeiros dias do seu triumpho exerceu verdadeiros actos de garotagem e de vandalismo, destruindo monumentos publicos, arrancando escudos, removendo retratos, e quebrando corôas, mudou o nome do *Collegio D. Pedro II* pelo de *Instituto Nacional de Instrucção Secundaria.* O snr. Quintino Bocayuva, dias depois da sua installação no poder, mandou por um aviso arrancar de um velho chafariz do tempo da colonia a corôa real de Portugal.

A França republicana não desfigura os seus monumentos arrancando-lhes os emblemas e os signaes dos antigos regimens monarchicos. Estes emblemas pertencem á historia, indicam a época da construcção dos edificios; as flôres de liz da realeza, as aguias napoleonicas vêem-se por toda a parte. Nos Estados-Unidos, ha edificios ainda assignalados pelo escudo e pela corôa da Grã-Bretanha. No Brazil o vandalismo jacobino e inconsciente destroe e mutila os vestigios da historia brazileira. E em França, lembrou-se alguem jámais de mudar os nomes do Lyceu Henrique IV, do Lyceu S. Luiz, do Lyceu Luiz-o-Grande por estar a França debaixo do regimen republicano?

O snr. Carlos de Laët, professor vitalicio do recem-chamado Instituto Nacional, propôz em congregação que se representasse ao Governo Provisorio pedindo-lhe que, em honra do fundador d'aquelle estabelecimento de instrucção, fosse restituido ao Instituto o nome de Pedro II.

O que fez o snr. Benjamim Constant, ministro da instrucção publica? Demittiu o snr. Carlos de Laët.

O pretendido Governo Provisorio que a 15 de novembro proclamou á nação que respeitaria todos os direitos adquiridos dos cidadãos e dos funccionarios, na sua qualidade de simples agente temporario da soberania nacional, violando os direitos do snr. Carlos de Laët, mais uma vez mentiu systematicamente á sua palavra e affirmou a sua intenção de fazer entrar bem no espirito publico a idéa de que hoje, no Brazil, não ha mais um só logar.

« *Où d'être homme d'honneur on ait la liberté!* »

O snr. Carlos de Laët nada propôz de contrario ás futuras instituições republicanas que a dictadura vagamente promette ao Brazil. Uma homenagem de respeito ao velho fundador da instituição de que é professor o snr. Laët, não é um attentado contra a Republica. O illustrado professor nunca foi um aulico, nunca foi coberto de favores pelo velho Imperador como o snr. Benjamim Constant; ganhou em brilhante concurso a sua cadeira de mestre e nunca fugiu ao cumprimento dos seus deveres como o snr. Benjamim Constant, o prudentissimo philosopho que se eclipsou diante das balas paraguayas. A homenagem que o snr. Laët quiz prestar ao fundador do antigo Collegio Pedro II nada tinha de contraria ás idéas republicanas. Esta homenagem pareceu porém coisa intoleravel ao antigo protegido da monarchia, o snr. Benjamim Constant, que, não podendo ferir o seu protector, hoje exilado e fóra do alcance da dictadura, feriu o snr. Laët pelo crime de haver querido recordar o honrado nome do velho soberano.

A dictadura é porém incoherente porque é injusta, porque, não conhecendo lei, a igualdade e a logica são-lhe tambem desconhecidas. Um irmão do dictador, medico do exercito e membro do Instituto Historico Geographico do Rio de Janeiro, na sessão celebrada por esta sociedade a 26 de novembro, teceu os maiores louvores a D. Pedro II. Disse o dr. João Severiano da Fonseca:

« Quaesquer que sejam os sentimentos patrioticos que animem os brazileiros, ha sempre logar para o são, o justo, o honesto, para os sentimentos de hombridade, de dignidade e de humanidade, sentimentos cuja ausencia é o indicio de que periclita a honorabilidade social, sentimentos cuja ausencia bem se define na expressão conhecida — falta de sentimentos... » « O Instituto, diz a moção que o dr. Fonseca apresentou, sente profundamente não vêr mais em seu gremio, animando-o e dirigindo-o, o seu augusto e venerando Protector, que desde os seus

começos o amparou com especial e indefectivel amor, que ha 40 annos tamanho lustre lhe tem dado, presidindo pessoalmente os seus trabalhos nos quaes era o mais assiduo e constante companheiro. O Instituto faz votos ao Omnipotente pela saude e felicidade de S. M. o Senhor D. Pedro II e de S. M. a Imperatriz, sua virtuosissima consorte, e espera que lá do exilio o Grande e Magnanimo Brazileiro não se esquecerá da sua associação predilecta [1].»

O dr. Fonseca, medico do exercito e irmão do marechal Deodoro, não foi demittido. Foi até promovido a general como quasi todo o mundo. Quem tem irmão dictador póde ser digno, póde ser grato, póde ser magnanimo. Quem não é irmão da dictadura terá de recolher-se ao mais humilhante silencio.

Eis até onde a dictadura póde conduzir um paiz que era considerado no mundo das nações civilisadas.

*
* *

Dois episodios caracteristicos do militarismo foram as deposições tumultuarias dos governadores da Bahia e do Rio Grande do Sul. Estas pequenas revoluções foram militares. O governador deposto telegraphou á imprensa do Rio de Janeiro dizendo: «Nenhuma reunião popular houve contra mim. A imprensa neutra e republicana protestou contra a asseveração dos telegrammas que não passam de uma trama urdida por alguns politicos de profissão, porque não quiz servir-lhes de instrumentos. O Marechal Hermes foi quem os convocou, communicando-me por carta o resultado da convocação. Recebendo esse documento resolvi convidar o Marechal Hermes a assumir o governo e a pedir a minha demissão.» É verdade que esse governador tinha desgovernado a valer. O Marechal Hermes constituindo sob sua responsabilidade o governo da Bahia prestou talvez um ser-

[1] *Gazeta de Noticias* de 7 de dezembro.

viço, e a Republica nada lhe póde exprobrar desde que o seu principio é que o exercito e a armada podem constituir governos.

No Rio Grande do Sul a situação não está ainda clara. Até o dia 17 de maio, ultima data a que alcançam os jornaes da cidade do Rio Grande, alli só se tinha conhecimento do facto por este laconico telegramma do general Bettencourt: «Por motivos superiores, manter ordem publica e evitar effusão de sangue, foi deposto vice-governador Tavares, assumindo eu governo do Estado.» O correio esteve interrompido e o telegrapho trancado não só para o Rio de Janeiro como para todo o Estado.

Mais tarde, o *Echo do Sul* recebeu uma carta narrando os acontecimentos. A revolução de Porto Alegre foi a reproducção em pequeno do 15 de novembro no Rio de Janeiro: a Escóla Militar revoltada, defecção da tropa, etc., etc., e outros incidentes reveladores da indisciplina militar e do perigo incessante a que de ora em diante toda a auctoridade está exposta no Brazil, onde prevalece a escóla do militarismo politico de que é pontifice o snr. Benjamim Constant, o general nunca visto... nas batalhas. Eis os factos de que a *Gazeta de Noticias* transcreve a narração do *Echo do Sul:*

«A escóla militar foi armar-se no firme proposito de reagir.

«Então, o vice-governador, de combinação com o general commandante das armas, providenciou para que uma ala do 30.º batalhão fosse guardar a escóla, no sentido de impedir a sahida dos alumnos, emquanto a outra ala do mesmo corpo guardava o palacio do governo e fazia outros serviços pela cidade.

«O 13.º batalhão, armado préviamente, encaminhou-se para a Escóla Militar, intimando a ala do 30.º a deixar sahirem os alumnos ou então a entrar com ella em lucta, *cedendo a ala, pois veio com os alumnos, conduzindo quatro canhões.*

«Toda a força reunida tomou a direcção do palacio, vindo

adiante o general commandante das armas, que participou ao governador *que a força armada vinha com o fim de apeal-o do poder*, declarando mais que no dia seguinte 1:500 homens tomariam a mesma resolução, afim de evitar a effusão de sangue.

«Assim inteirado, o vice-governador reuniu os dez ou doze officiaes que se achavam em palacio, consultando-os se era possivel a resistencia, e esses officiaes declararam-lhe *que não podia contar com o apoio da força.*

«De posse de tal confirmação, o vice-governador resolveu depôr o poder na pessoa do general commandante das armas, pedindo para retirar-se, ao que objectou aquelle general, que s. exc.ª não podia sahir sem que chegassem os *commandantes e os corpos que vinham depôl-o.*»

Quantas scenas d'estas o militarismo não prepara para o futuro?

*
* *

Á desordem e á indisciplina no interior, o militarismo politico allia o desprestigio no estrangeiro.

O *Diario de Noticias* de 8 de maio conta que o *Diamantino,* paquete postal brazileiro, ao passar em frente á ilha de Martim Garcia, na embocadura do Uruguay, foi detido por um escaler tripulado por marinheiros d'uma canhoneira argentina que apontaram as armas contra os passageiros do paquete, na sua maior parte officiaes do exercito brazileiro e funccionarios do Estado em viagem para Matto-Grosso.

No dia seguinte, o ministro argentino snr. Enrique Moreno, chegou ao Rio de Janeiro. O ministerio da dictadura praticou então um acto nunca visto em paiz algum, onde no governo prevaleça a noção da dignidade nacional: o snr. Deodoro e os seus oito ministros escreveram uma carta collectiva ao diplomata recem-chegado felicitando-o calorosamente pela sua volta

ao Rio de Janeiro. Este acto *rastaqueral*, fóra de todos os usos da diplomacia civilisada, é caracteristico. As auctoridades argentinas desrespeitam o pavilhão brazileiro, e o governo, com seus generaes todos, curva-se diante do representante do paiz d'onde parte a offensa.

A dictadura militar é no interior a suppressão da liberdade. No exterior, o seu nome é aviltamento.

* *
* *

A dictadura do Brazil é a suprema expressão do hysterismo politico. Por isso ella é ás vezes sentimental. Depois da mania dos bons ordenados, os militares e os civis, que compõem essa dictadura, não têm preoccupação mais grave do que a das festas e das manifestações, que acabam quasi sempre por presentes que os superiores recebem dos inferiores; costume altamente approvado pelo governo e destinado decerto a desenvolver no povo o sentimento da dignidade individual, da independencia e do civismo. A mania da fraternidade americana é que mais intensamente grassa nas espheras governamentaes. A esse proposito ha quasi todas as semanas uma festa de que sahem todos, por causa do calor, da rhetorica e das libações, com as camisas muito suadas, o cerebro um pouco mais desequilibrado e o figado mais affectado. Essa superexcitação destroe a clareza da visão intellectual, oblitera a consciencia moral. A mentira e a verdade, o justo e o injusto são noções que se confundem e se destroem nas intelligencias e nos corações. Só esse estado morbido aggravado pelo meio deleterio explica certos factos.

Distingue a dictadura a verdade da mentira? Não. Tomemos um exemplo:

O snr. Ruy Barbosa telegraphou para a Europa dizendo que o Imperador recebera ao partir cinco mil contos que lhe déra a dictadura. O snr. D. Pedro II chegou a Lisboa a 7 de dezembro e a Europa soube que o snr. Ruy Barbosa havia men-

tido em seu proprio nome e no dos seus collegas. Para memoria d'esse episodio vergonhosissimo para a dictadura transcrevemos os seguintes documentos:

— Noticia dada pelo *Paiz*, numero 1:869, orgão redigido pelo ministro das relações exteriores Quintino Bucayuva, a 19 de novembro:

«Conferencia com D. Pedro. — Tendo o governo da Republica Brazileira encarregado o tenente de infanteria Jeronymo Teixeira França, de entregar a D. Pedro de Alcantara o decreto em que era regulada a doação de 5:000 contos concedida para as despezas de viagem e installação na Europa do ex-imperador e sua familia, solicitou aquelle official do arsenal da marinha uma lancha, e, acompanhado pelo tenente Agostinho Rosauro d'Almeida, que commandava uma escolta de vinte homens, dirigiu-se ás quatro horas da madrugada de 16 para bordo do cruzador *Parnahyba* onde se achava embarcada a familia deposta.

«Ao entrar a bordo do *Parnahyba*, encontrou elle sentados, em semi-circulo, o snr. D. Pedro de Alcantara e quasi todos os membros de sua familia. Achavam-se todos pallidos; a consternação, a angustia profunda manifestavam-se visivelmente em todas as physionomias. D. Pedro de Alcantara, se bem que muito impressionado, conservava-se apparentemente tranquillo, e sua cabeça, parecendo não querer curvar-se ao peso da idade e da impressão angustiosa que o dominava, mantinha-se levantada, ostentando altivez e nobreza de caracter. Acercando-se do grupo que se achava no tombadilho, o tenente França curvou-se respeitosamente, *mas sem exaggero*, e disse o seguinte ao snr. D. Pedro de Alcantara:

— «*O governo concedeu-me a honra de vir respeitosamente depôr nas vossas mãos o documento que aqui apresento.*

— «*Que governo?* perguntou D. Pedro, mostrando absoluto esquecimento de tudo quanto se passára.

— «*O governo do Brazil*, repetiu simplesmente o official.

— «*Mas esse documento o que é?* perguntou D. Pedro,

hesitando receber a folha de papel em que fôra lavrado o primeiro decreto dos Estados-Unidos do Brazil e que lhe offerecia de braço estendido o tenente encarregado d'essa missão espinhosa.

— «*Este documento*, contestou-lhe, *é o decreto que regula o futuro da vossa familia.*

— «*O decreto que regula?...* replicou D. Pedro em duvida.

— «*O futuro da vossa familia*, accrescentou o portador do governo, completando a sua primeira phrase.

«Em seguida, vendo que o snr. D. Pedro de Alcantara hesitava ainda em aceitar o papel que lhe era estendido, accrescentou o tenente França com entonação convicta:

— «*Podeis, senhor, aceitar este documento; elle é muito honroso para a vossa pessoa.*

«Foi então que o snr. D. Pedro se decidiu a aceital-o, proferindo a seguinte phrase:

— «*Está bom, dê cá.*

«Em seguida desejou o tenente França boa viagem a toda a familia, fez uma cortezia e dirigiu-se ao portaló para tomar a lancha que estava atracada a noroeste do *Parnahyba.* N'essa occasião o principe D. Pedro Augusto, agradecido pelo modo por que acabava de ser tratado o seu velho avô, acompanhou o tenente França até á escada, apertou-lhe a mão com effusão e cortezia e disse:

— «*Adeus, passe bem, passe bem*».

Eis a narração official e authentica publicada no jornal do ministro dos estrangeiros. A familia imperial, depois da retirada do tenente Teixeira França, pouco antes das cinco horas da madrugada não communicou mais com a terra. A *Parnahyba* partiu para a Ilha Grande, estacionou na enseada do Abrahão, e a familia imperial na noite seguinte, em frente á bahia do Rio de Janeiro, com todas as difficuldades e perigos d'um mar agitado, foi passada para bordo do *Alagôas.*

A 29 de novembro o *Alagôas* chegou a S. Vicente e o Im-

perador n'esse mesmo dia escreveu ao seu mordomo e procurador a seguinte carta que foi publicada no *Paiz* e no *Jornal do Commercio* de 28 de dezembro pelo destinatario visconde de Nogueira da Gama:

«Tendo tido conhecimento, no momento da partida para a Europa, do decreto pelo qual é concedida á familia imperial, d'uma só vez, a quantia de cinco mil contos, mando que declare que não receberei, bem como minha familia, senão as dotações e mais vantagens a que temos direito pelas leis, tratados e compromissos existentes, e, portanto, se tiver recebido aquella quantia, deverá restituil-a sem perda de tempo. Recommendo outro sim, que, cingindo-se estrictamente aos termos d'esta communicação, dirija officio, que fará immediatamente publicar, e do qual me remetterá cópia. (Assignado) *D. Pedro de Alcantara.*

«Bordo do *Alagôas*, ao chegar a S. Vicente das Ilhas de Cabo Verde, 29 de novembro de 1889.»

A 7 de dezembro chegava o Imperador a Lisboa e desfez-se na Europa a calumnia que contra o velho soberano havia lançado o snr. Ruy Barbosa.

A dictadura então lançou o decreto de banimento da familia imperial, primeiro decreto d'este genero jámais publicado no Brazil. O primeiro considerando d'esse decreto passará á historia como um monumento de ignominia e de falsidade:

«O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo exercito e armada em nome da nação, considerando:

«Que o snr. D. Pedro de Alcantara depois de *aceitar aqui o subsidio de 5:000 contos para ajuda de custo do seu estabelecimento na Europa,* ao receber das mãos *do general que lh'o apresentou* o decreto onde se consigna esta medida, muda agora de deliberação recusando receber esta liberalidade.»

O cynismo d'esta falsidade com que a historia ha de perpetuamente infamar os nomes dos signatarios d'este decreto é tão extraordinario e revoltante que haverá quem entre em duvida sobre a integridade mental e moral dos membros d'um governo que não hesita em assignar um documento tão deshonroso.

Vimos: 1.º que o decreto foi entregue ao Imperador pelo tenente França; 2.º que o Imperador não tomou conhecimento do decreto senão em viagem; 3.º que apenas teve meio de communicar com o Rio de Janeiro, de S. Vicente escreveu recusando.

E apesar d'isso a dictadura forja esta mentira indecorosa, digno preambulo d'um decreto de banimento. Quem foi esse general? Quando e onde o Imperador lhe agradeceu esse decreto?

A dictadura nunca poderá dizer o nome d'esse general. A calumnia desfaz-se por si mesma. Assim tenha a historia piedade dos pobres irresponsaveis que tyrannisam a sua patria.

*

* *

Fallando dos exercitos e do militarismo napoleonicos diz Littré: O que brotava sob os seus passos não era a civilisação; era a oppressão militar, o aniquilamento de toda a liberdade, a insolencia rapace do vencedor e o resentimento irreconciliavel do vencido.

Littré não conheceu o militarismo do snr. Benjamim Constant e consortes. O militarismo de Napoleão foi a gloria de cem batalhas, a bandeira tricolor fluctuando em todas as capitaes da Europa. Esse militarismo destruiu porém a liberdade e fez-se instrumento da injustiça tyrannica, e por isso a historia vê hoje antes os males que elle fez do que a gloria que conquistou.

O militarismo de 15 de novembro enrolou os estandartes

que fluctuaram nos campos gloriosos do Paraguay e collocou-se á sombra do Escorpião positivista que campeia na horrorosa e desfructavel bandeira que a insufficiencia esthetica e a condemnavel ignorancia da dictadura impuzeram ao paiz. Esse militarismo não tem por si gloria alguma, e o seu digno chefe é o snr. Benjamim Constant das batalhas sempre ausente.

O militarismo de 15 de novembro passou depressa da traição para o ridiculo. No dia 25 de maio, anniversario da independencia da Republica Argentina, o generalissimo Deodoro creou generaes de brigada todos os seus ministros, e foi decerto movido a este acto hilariante de magnanimidade dictatorial pelos conselhos do snr. Benjamim Constant, desejoso de ter companheiros no ridiculo. O chefe de policia do Rio de Janeiro foi feito coronel.

E isto é que será a historia para a posteridade!! O burlesco decreto fazendo generaes a uns advogados e jornalistas, lembra os mais comicos episodios da historia do Hayti. O primeiro sentimento de indignação que este acto desperta é logo substituido pela mais sincera hilaridade. A imprensa europeia divertiu-se largamente á custa dos novos generaes, e os soldados ficaram fazendo triste idéa das coisas militares do Brazil já bem desacreditadas desde que o mundo soube que no Brazil, como no Perú, tambem havia *pronunciamientos*.

Já não é possivel verberar actos d'essa ordem que todos os dias se succedem no Brazil. Aquillo já não é militarismo nem dictadura, nem Republica. O nome d'aquillo é Carnaval.

*

* *

Todos os correios do Brazil trazem-nos grande numero de cartas vindas de todos os pontos do paiz felicitando-nos pela nossa opposição á dictadura militar que afflige aquella nação. Muitas d'essas cartas apontam-nos factos da maior gravidade e pedem-nos que denunciemos estes factos que a imprensa brazi-

leira não póde noticiar nem commentar. Agradecemos as palavras benevolas que recebemos de cidadãos de todas as classes sociaes, mas julgamos que a REVISTA DE PORTUGAL não deve occupar-se senão de factos que são inteiramente do dominio publico e sobre cuja veracidade não possa haver a menor duvida. A leitura do *Diario Official* basta-nos para isso.

O Brazil está sob o dominio da espada do generalissimo Deodoro, «espada prestimosa, disse o snr. Benjamim Constant, que é a estrella que guia o Brazil no caminho da liberdade» [1]. Ha porém quem tenha na devida estima esse fulgurante utensilio que sendo gladio glorioso nas batalhas, é na paz uma gazua para forçar as portas do poder e as fechaduras do thesouro nacional em proveito dos amigos e collegas. A espada dos generaes é para as nações o que são certos venenos na medicina. São coisas de uso externo. Só é nobre a espada desembainhada contra os inimigos da patria; já não merece esse titulo quando é empregada contra a população desarmada, contra as leis, em satisfação de vinganças pessoaes e em proveito proprio. Essa espada póde dominar, póde escravisar um povo, não fará porém do erro verdade, nem da injustiça o direito.

As vozes da consciencia nacional, hoje emmudecidas no Brazil, hão de um dia clamar bem alto. E os mamelucos da dictadura que, não ousando desmentir os factos que apontamos e não podendo dizer que affirmamos falsidades, dizem que somos um anonymo, esses ajudarão a gritar contra a dictadura decahida com a mesma convicção com que hoje a defendem.

O que escrevemos ha de ser lido no futuro. Esta REVISTA figurará sempre nas bibliothecas da litteratura portugueza, e

[1] Discurso pronunciado na Escóla Militar a 25 de maio ao entregar aos alumnos uma bandeira bordada pelas filhas do snr. ministro. *Prestimosa Espada!* Julgavamos que no Brazil só eram *prestimosas* as *mucamas*. Parece que agora ha lá tambem a *espada prestimosa* e bem chamada, porque com ella arranjam-se bons ordenados, promoções para si mesmo e para os parentes, empregos para todos os sobrinhos, etc. etc.

Lembrou-se alguem jámais de fallar na *prestimosa espada* de Napoleão? Esta gloria estava reservada ao snr. Deodoro.

*

quando o Brazil tiver voltado á vida normal das nações livres, quem folhear estas paginas ha de estimar o escriptor que se revolta contra a dictadura da inconsciencia jacobina e soldadesca. Ninguem duvidará então de que, quem escreve estas linhas, só atacou os dominadores do Brazil porque, como homem civilisado e do seu seculo — aborreceu a traição, amou a liberdade e detestou a tyrannia.

Frederico de S.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

Pag.

Acontecimentos (Os) do Brazil, por *Frederico de S.* 134

Ave Migradora, por *Fialho d'Almeida* 30

Boletim bibliographico. 146, 277

Brazil (O), fastos da dictadura, por *Frederico de S.* 240

Cartas de Fradique Mendes, por *Eça de Queiroz*. 21, 225, 382, 680

Dictadura (A) no Brazil: tratados diplomaticos e credito financeiro, por *Frederico de S.* 398

Discipulo (O), por *Moniz Barreto*. 307, 449

Educação (A) moderna, por *Manoel d'Oliveira Ramos*. 739

Filhos (Os) de D. João I, por *Oliveira Martins*. . . 103, 192, 351, 433, 614

Finanças (As) e a administração da dictadura brazileira, por *Frederico de S.* 542

Imperador (O) e o ex-chanceller, por *Rodrigues de Freitas*. 692

Minas (As) de Salomão, por *Rider Haggard,* romance traduzido do inglez 66, 218, 373, 497, 649, 789

Norte (O) maritimo, por *Alberto Sampaio* 581, 713

Notas do mez, por *João Gomes* 259

Novos factores da politica portugueza, por *Um espectador*. 526

Philosophia (A) de Tolstoi, por *Jayme de Magalhães Lima* 172, 329

Pag.

Quadro (O) social da revolução brazileira, por *Ramalho Ortigão* 79

Reforma (A) administrativa e a democracia, por *Jayme de Magalhães Lima*. 604

Republica (A) brazileira, por *Frederico de S.* 827

Romancista (Um) da California, por *Izabel Leite*. 478

Sebastião (D.), poema por *Luiz de Magalhães* 672

Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX, por *Anthero de Quental* 5, 149, 281

Traducções do Romancero de H. Heine, por *José de Sousa Monteiro*. 466, 769

PORTO — TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

Cancella Velha, 70

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 36, Rue Lafayette; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie, Boulevard Saint-Germain, 79 — PARIS

VIENT DE PARAITRE

H. M. STANLEY

DANS LES TENÈBRES DE L'AFRIQUE

Relation authentique de sa dernière expédition

RECHERCHE, DÉLIVRANCE ET RETRAITE

D'EMIN PACHÁ

Gouverneur de l'Equatoria

Deux magnifiques volumes in-8° d'environ 500 pages chacun contenant 150 gravures et 3 cartes:

BROCHÉS: 30 francs — RELIÉS: 38 francs

La LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie prie ses correspondants de lui adresser d'avance leurs demandes pour cet important ouvrage.

Les commandes seront exécutées dans leur ordre de réception.

EN VENTE:

Comment j'ai retrouvé Livingstone, 1 vol. in-8° illustré, broché 10 fr.

A travers le Continent mystérieux, 2 vol. in-8° illustrés, brochés 20 fr.

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

SAINT-SIMON : Mémoires. Nouvelle édition collationnée sur le manuscrit autographe, augmentée des additions de Saint-Simon au *Journal de Dangeau* et de notes et appendices, par A. de Boislisle, et suivie d'un lexique des mots et locutions remarquables.

Mise en vente du tome VII. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

Ce volume comprend : *Mémoires de Saint-Simon* (1700). — Appendice : *Première partie :* Addition de Saint-Simon au *Journal de Dangeau* (nos 319-344). — *Seconde partie :* Notices et pièces diverses. — Additions et corrections. Tables.

L'ouvrage complet formera environ 30 vol. in-8° à 7 fr. 50.

Les six premiers volumes ont paru précédemment. Chaque vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

(Collection des grands écrivains de la France).

WALLON (Henri), membre de l'Institut : **Les représentants du peuple en mission et la justice révolutionnaire dans les départements en l'an II (1793-1794).** — Tome V et dernier : *La Lorraine, Le Nord et le Pas-de-Calais, Les Châtiments.* 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

EN VENTE :

Tome I : *La Vendée.*
Tome II : *L'Ouest et le Sud-Ouest.*
Tome III : *Le Sud-Est, l'Est et la Région de Paris.*
Tome IV : *La Frontière du Nord et l'Alsace.*

Chaque vol. 7 fr. 50.

BRUNETIÈRE (Ferdinand) : **L'évolution des genres dans l'histoire de la littérature.** *Leçons professées à l'école normale supérieure.* — Tome Ier : Introduction. *L'évolution de la critique depuis la Renaissance jusqu'à nos jours.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

OUVRAGES DU MÊME AUTEUR :

Études critiques sur l'Histoire de la Littérature française : 1re, 2e et 3e séries. Chaque vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

ÉNAULT (Louis) : **Le sacrifice.** 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

LEROY-BEAULIEU (Anatole), membre de l'Institut, professeur à l'École libre des Sciences politiques : **La révolution et le libéralisme.** (*Le Banquet du Centenaire de 1789. — La Révolution et M. Taine. — Les Mécomptes du Libéralisme. — La Révolution et la Séparation de l'Église et de l'État. — Nos Hôtes de 1889*). 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

JOANNE (Paul) : **Italie du Nord.** 1 vol. in-16, avec 5 cartes et 16 plans, cartonné, 12 fr.

Ce volume comprend la description de *Turin, Gênes, Milan, Venise,* les *Lacs* et les *Vallées méridionales des Alpes.*

Pour faciliter le maniement du guide, l'ouvrage est broché en trois parties, réunies dans un cartonnage et pouvant être utilisées isolément.

GERMOND DE LAVIGNE : Espagne et Portugal. 1 vol. in-16, cartonné, avec 20 cartes et 25 plans, 18 fr.

(Collection des Guides Joanne).

1290

SOLUÇÃO e CAPSULAS DE ANTIPYRINA do Dr CLIN

Laureado pela Faculdade de Medicina de Pariz.— Premio Montyon.

O Melhor Remedio contra a Enxaqueca.

A **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin** possue uma poderosa acção para acalmar as dôres de : *Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Menstruação difficil, Colicas violentas* e os *Accessos de Gota e de Rheumatismo.*

« **A Antipyrina pode ser considerada scientificamente como o medicamento mais poderoso contra a dôr.** »

(Academia das Sciencias, Sessão de 18 de Abril de 1887).

Dose : Tome-se cada dia de 2 á 4 colhères da **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin.**

NOTA. — As **Capsulas de Antipyrina do Dor Clin** são destinadas as pessoas que não podem tomar a Solução.

CASA **CLIN & Cia** EM PARIZ, E PHARMACIAS.

Medalha de Ouro, Exposição de Paris 1878

APPARELHO GAZOGENEO BRIET

Privilegiado s. g. d. g.

DE MONDOLLOT

Unico approvado pela Academia de Medicina e admittido nos Hospitaes de Paris.

Com o apparelho GAZOGENEO-BRIET, hoje tão conhecido, qualquer pessoa pode preparar instantaneamente e com um gasto mui pequeno uma excellente AGUA DE SELTZ e outras varias *bebidas gazosas*, como sejão as de *Vichy, Soda, Limonada gazosa, Vinho espumoso*, etc.

O GAZOGENEO-BRIET se vende em todas as bôas drogarias e nas bôas casas que vendem artigos de Paris.

Exigir a marca de fabrica : GAZOGÈNE BRIET

Fabrica em PARIS, 72, rua du Château-d'Eau.

Depositos nas principaes Pharmacias e Drogarias.

DAVID DE CASTRO

CARTEIRA DE SATAN, 1 volume 800 reis

PRODIGIO NAS SALAS, 1 volume 600 reis

ALVAIADES PARA A CIDADE

PÓ de Arróz de JAVA

Doce — Adherente — Invisivel

A. BOURJOIS

14, Boulevd Saint-Martin, 14

PARIS

e nos Cabelleireiros e Perfumistas.

MOCIDADE INALTERAVEL

PRODUCTOS para a BELLEZA das SENHORAS

ALVAIADES DE THEATRO

LINIMENTO GÉNEAU

Para os Cavallos

Empregado com o maior exito nas cavalhariças reaes de SS. MM. o Imperador do Brazil, o Rei da Belgica, o Rei dos Paizes-Baixos e o Rei da Saxonia

Suppressão do Fogo e da Queda do Pello

MARCA DE FABRICA

35 Annos de Exito SEM RIVAL

Só este precioso ***Topico*** é o unico que substitue o ***Caustico*** e cura radicalmente em poucos dias as **manqueiras** novas e antigas, as **Torceduras, Contusões, Tumores e Inchações das pernas, Esparavão, Sobre-Cannas, Fraqueza** e **Engorgitamento** das *pernas* dos potros, etc., sem occasionar nenhuma *chaga*, nem *queda do pello* mesmo durante o tratamento.

Os resultados extraordinarios que tem obtido nas diversas **Affecções do Peito**, os **Catarrhos, Bronchitis, Molestias da Garganta, Ophtalmia**, etc., não dão logar á concurrencia.

*A **cura** faz-se com a mão em **3 minutos**, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello.*

Deposito em **Paris**: Pharmacia **GÉNEAU**, rua **St-Honoré, 275**, e em todas as Pharmacias.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157. rue Montmartre — PARIS

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!

Por meio do emprego dos

Elixir, Pó e Pasta dentifricios

DOS

RR. PP. BENEDICTINOS

da ABBADIA de SOULAC (Gironde)

DOM MAGUELONNE, Prior

2 Medalhas de Ouro: *Bruxellas 1880 — Londres 1884*

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO NO ANNO **1373** Pelo Prior Pierre **BOURSAUD**

« O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos,** com dose de algumas gottas com agua, prevem e cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

« Prestamos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e **o unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.** »

Agente Geral: **SEGUIN** BORDEAUX

Acha-se em todas as Perfumarias, Pharmacias e Drogarias do mundo inteiro.

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros.* Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes. Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia* e *Linguas orientaes.* — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : **LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.**

LIVROS UTEIS E INSTRUCTIVOS

Anselmo Povoas

Guia do arbitrador judicial, contendo toda a legislação vigente relativa aos louvados, noções de agricultura e chimica agricola indispensaveis nas avaliações e regras para dividir e medir predios, seguida da tabella dos emolumentos e salarios judiciaes. 120

A. A. Leal

Noções de civilidade ou regras e preceitos indispensaveis aos meninos e adultos que desejem ser educados moral, civil e religiosamente. 200

Anthero de Quental

Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza..... 200

Antonio Cordeiro

Historia insulana das ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Occidental. 2 vol.. 2$000

Antonio Ferreira Augusto

Subsidios para a boa interpretação do codigo civil portuguez, baseados no que ha escripto ácerca de cada um dos seus artigos em todos os jornaes e livros juridicos do paiz..... 1$000

Antonio Luiz Ferreira Girão

Ensaios chimicos applicados á procura e doseamento dos compostos de chumbo, de cobre e de zinco nas aguas potaveis e bebidas fermentadas. Seguidos de varias experiencias e analyses..... 300

Da acção da agua sobre os encanamentos de chumbo..... 200

A theoria dos atomos e os limites da sciencia..... 300

Antonio Luiz Soares Duarte

Descobertas e maravilhas (thesouro inesgotavel de sciencias industriaes e domesticas) contendo aproximadamente 2:000 receitas. Publicação illustrada com 39 gravuras e utilissima a todos os artistas, industriaes e donas de casa..... 1$200

Antonio Manoel Gomes

Principios elementares de arithmetica e systema metrico, approvados pelo governo para uso das escolas de instrucção primaria. 120

A. M. Lopes de Carvalho

Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura, opusculo illustrado com gravuras..... 100

Antonio Peixoto do Amaral

Selecta classica de prosadores portuguezes, elaborada segundo o programma official para as cadeiras de portuguez dos lyceus e escólas normaes, e augmentada com mais trechos classicos e notas. 2.ª edição. 600

Antonio Xavier Pereira Coutinho

Guia do vinicultor, com 58 gravuras. 1$000

* * *

Os asylos agricolas da Suissa, considerados como meios de educação para as crianças pobres, remedio contra os progressos do pauperismo e systema de colonisação. Traduzido do francez e applicado ao estado presente de Portugal..... 200

Augusto Burgain

Couronne littéraire, choix de morceaux, extraits de diverses auteurs. Cart ... 600

Geographia patria elementar..... 400

Ayres de Albuquerque Gama

Elementos de desenho linear. Cart.... 320

Ayres de Carvalho Soveral

Breve estudo sobre a ilha de Moçambique, acompanhado de um pequeno *vocabulario portuguez-macúa*..... 100

Balzac

Physiologia do matrimonio ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal. Traductor A. da Silva Dias. 2.ª edição. 2 vol..... 1$000

Bibliotheca util

Do espirito positivo, por A. Comte. Cartonado..... 200

Soluções positivas da politica brazileira, pelo dr. L. P. Barreto. Cart..... 200

Da educação, por França Leite. Cart. 200

Traços geraes de linguistica, por Julio Ribeiro. Cart..... 200

Branco Rodrigues

Methodo de prolongar a vida, simples observações sobre a hygiene pratica..... 200

Burggraeve

A longevidade humana. 2.ª edição, com um diccionario de hygiene..... 600

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	500 reis
Pelo correio.	540 »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Agentes: em Paris,* ***Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36; em Londres,* ***Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10; e em Leipzig,* ***Karl W. Hiersemann****, 2, Königsstrasse, 2.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70